SUPLEMENTO LITERÁRIO: ACUSAÇÃO E DEFESA DE SOLJENITSINE

Diário de Lisboa

Edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 15 DE OUTUBRO DE 1970 N.º 17 176 ANO 50.º PREÇO 1$50

ATENÇÃO
A MOSCA
PICA AOS SÁBADOS

HUSSEIN: O DIREITO DE COMBATER

Hussein assinou um acordo com os «comandos» palestinianos. Explicando, numa conferência de Imprensa, as contradições entre esse acordo e o cessar fogo com Israel, o rei disse: «o nosso povo tem o direito de combater a ocupação israelita, enquanto os territórios jordanos estiverem ocupados». O rei considerou também que o seu país «é hoje mais forte que nunca, tanto militar como moralmente.» **(Ler na pág. 18).**

O NOVO REGIME CEREALÍFERO

O preço do pão não é alterado

APESAR DE AUMENTAR O CUSTO DOS CEREAIS

Consciente da grave situação que a lavoura atravessa, decidiu o Governo elevar os preços do trigo e do centeio — o que excederá na média anual os 135 mil contos — sem alterar os preços de venda do pão. Ao mesmo tempo vai iniciar, por forma directa e efectiva, um verdadeiro programa tanto de intensificação como de reconversão da nossa cerealicultura, política que se traduzirá em novos encargos directos, que excederão, anualmente e até final da execução do III Plano (Cont. na pág. seguinte)

Um beijo de Paula Ribas para Eusébio. A cançonetista parte hoje para o Rio de Janeiro: no Maracanãzinho, no decorrer do VFIC, **defenderá** a melodia «Canção de paz para todos nós». O presidente do júri é Pelé, que, pelos vistos, **virou** «expert» musical. Por intermédio de Paula Ribas, Eusébio manda um «recado» a Pelé. O beijo fica explicado **(Ler na pág. 4)**

CRISE NA ARGENTINA APÓS A DEMISSÃO DE DOIS MINISTROS

BUENOS AIRES, 15 — (F. P. e R.) — O regime do presidente Roberto Levingstone entrou em crise depois de se terem demitido dois ministros em 24 horas.

Nao foi revelado o motivo que levou o ministro da Economia, Carlos Moyano, a demitir-se ontem, mas fontes bem informadas pensam que ele foi levado a uma posição insustentável pelos grupos de pressão que dentro do Governo pretendem uma expansão económica mais rápida e menos cautelosa.

Entretanto, o chefe das Forças Armadas, general Lanusse, indicou ontem á noite o seu interesse pela situação política do país ao conferenciar com o pre-

(Continua na ultima página)

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

(Ler na pág. 2)

Modelo único ou liberdade de opção?

O problema das batas surge, inevitàvelmente, no raiar do ano lectivo. Modelo único ou liberdade de opção do estudante em relação ao uso da bata? Questão aparentemente simples, mas que envolve concepções pedagógicas. Escola tradicional (a que já chamaram também escola-caserna) ou escola nova, em que o jovem constitui o próprio fim da acção educativa? Batas, problema pedagógico, problema social bem patente na manifesta correlação entre modelo cuidado (e dispendioso) de bata ao nível dos colégios nitidamente de classe. (Ler na página central).

HOJE 32 PAGS.—VISADO PELA CENSURA

CENTO E QUARENTA MIL GATILHOS COMEÇARAM A FUNCIONAR (ABRIU HOJE A CAÇA)

Pólvora e chumbo. Fumos de morte. Botas cardadas para subir as encostas. Tiros certeiros. Uma linha de batedores. O farejar dos cães no restolho meio-seco. A vítima em queda-de-asa é o troféu à cinta ou ao ombro do carregador. Começou hoje a caça. E, embora seja alto o preço para matar, os caminhos estão cheios de caçadores. **(Continua na página seguinte)**

O NOVO REGIME CEREALÍFERO NÃO ALTERA O PREÇO DO PÃO

(Continuação da pag anterior)

de Fomento, os 150 mil contos, a suportar pelos fundos públicos.

Estas resoluções, tomadas no ultimo Conselho de Ministros, figuram num decreto-lei, agora enviado ao «Diário do Governo», que regula o novo regime cerealífero.

Por outro lado, aquele diploma acaba com o artificialismo de custos das farinhas de trigo. A de primeira passa a ser a unica vendida a preço natural, pelo que deixa de haver a farinha de segunda, que se substitui por uma mistura de farinha de boa qualidade dos diversos cereais panificáveis, *«farinha que continuará a ser fortemente subvencionada para não deixar, nesta altura, aumentar o preço do pão.»*

O sector agrícola encontra-se descapitalizado

No preâmbulo do novo diploma começa por se afirmar:

«Vem o Governo a acompanhar preocupadamente a aguda situação da lavoura portuguesa, agravada pelo êxodo subito e maciço da população rural enquanto anualmente ontinuam a ser despendidas verbas avultadas em subsídios destinados a suportar diferenças de preços dos produtos agrícolas.

A difícil situação em que se encontra a maioria dos agricultores, não obstante as actualizações de preços feitas nos ultimos anos e a crescente participação dos fundos publicos nos réditos agrícolas, traduzindo um profundo desequilibrio estrutural, económico, social e humano, prejudica fortemente o desenvolvimento do País, na medida em que constitui factor de estrangulamento da nossa expansão económica, afecta a balança comercial e ocasiona uma desigual repartição de rendimentos.

O problema assume ainda maior acuidade atento que o peso dos subsídios estaduais excede já 7 % da receita bruta da nossa agricultura, rondando o milhão e meio de contos por ano, despendidos com a sustentação de preços, sem que deixe de agravar-se a situação ao sector agrícola geralmente descapitalizado e endividado.»

Depois de referir o facto de «ser precária a situação de grande numero de explorações agrícolas», o legislador afirma «não poder prosseguir-se na referida política de sustentação de preços, especialmente pela subvenção destes», por impossibilidade financeira perante a persistência da crise.

Os preços do trigo

O diploma refere, como causas importantes para a nossa baixa produção unitária, a extensão da cultura cerealífera a vastas zonas «que para ela não têm aptidão» e o uso de práticas culturais «de todo divorciadas dos progressos da ciência e da técnica.» Afirma-se, seguidamente que *«de um milhão e meio de contos, despendidos em 1969 com subvenções á lavoura, um terço foi gasto com os cereais, que não chegam a representar 12 % do produto bruto agrícola.*

«Entretanto — acentua-se — os preços recebidos entre nós pelos produtores de trigo excedem entre 20 e 30 por cento, os pagos á generalidade dos agricultores europeus e chegam a ser duplos dos praticados em alguns países americanos, talvez porque a cultura de cereais, sendo das mecanizáveis em mais alto grau, é, consequentemente, das menos afectadas pelo preço da mão-de-obra, quando realizada de acordo com técnicas racionais e modernas.»

E depois de dizer-se que «caberia agora apenas dar nova forma ás dotações para reconversão e melhoria das técnicas culturais», esclarece-se:

«Todavia, consciente da grave situação que a lavoura atravessa tendo presente como a finalidade daquela dotação foi desvirtuada a ponto de haver sido, na prática, considerada como incorporada no preço dos cereais, e ponderado embora o peso do encargo que tem de ser suportado, decidiu o Governo elevar os preços do trigo e do centeio — o que excederá na média anual os 135 mil contos — sem alterar os preços da venda do pão.»

Mantém-se, entretanto, o diferencial de correcção destinado a atenuar os efeitos da quebra de receita dos produtores nos anos de produção trigueira normalmente baixa.

Segundo se estabelece no articulado do decreto-lei, a tabela base do preço de aquisição do trigo produzido no Continente e Ilhas Adjacentes é a seguinte:

Peso do hectolitro (em quilograma)	Preço (por quil.)
Superior a 81,5	1$5930
81	1$5657
80	1$5384
79	1$5111
78	1$4838
77	1$4565
76	1$4292
75	1$4019
74	1$3746
73	1$3473

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Adiado o julgamento dos intelectuais checos

PRAGA, 15 — (ANI) — Foi adiado, para data a determinar, o julgamento de oito intelectuais checoslovacos por se encontrar doente o principal réu do processo, Ludek Pacman, campeão de Xadrez.

Os intelectuais, todos partidários do antigo líder do partido Alexandre Dubcek, foram incriminados por difamação e contra a República checoslovaca e por actividades contra a constituição e contra a amizade com a União Soviética.

O julgamento de Pachman e dos elementos a ele ligados todos intelectuais que assinaram, em 1969, uma petição condenando a invasão no seu País, afirma-se que Gustav Husak, primeiro secretário do Partido comunista checoslovaco, se opôs ao julgamento.

MORTA A HOSPEDEIRA DUM AVIÃO SOVIÉTICO DESVIADO NA TURQUIA

ANKARA, 15 — (F. P. e ANI) — Um «Ilyuun n» da Aeroflot com 43 passageiros e 5 tripulantes a bordo foi desviado da sua rota normal.

A hospedeira foi morta pelos piratas, na luta que se travou na cabina de pilotagem, e um dos pilotos, gravemente ferido, recolheu ao Hospital de Trabzon.

Os dois assaltantes, cuja nacionalidade se ignora, foram dominados e desarmados pela polícia turca quando o avião aterrou. Todos os passageiros se encontram bem, aguardando o seu regresso á União Soviética.

O aparelho descolara ás 10 e 30 locais (8 e 30 TMG) de Batum para Moscovo precisa a agência «Anatolia».

O avião aterrou no aeroporto de Trabzon, na costa norte da Turquia, perto da fronteira oriental com a União Soviética — segundo os mesmos informadores, que acrescentaram terem as autoridades aeronáuticas e a polícia turcas proibido todos os voos de e para aquele local e iniciado uma investigação sobre o caso que foi rodeada de sigilo completo.

Em círculos afectos ao governo turco diz-se que o aparelho tomou a direcção de Trabzon sem informar a torre de contrôle e que aviões a jacto da força aérea turca o acompanharam até á aterragem.

O Governo soviético pediu, esta tarde, á Turquia, o repatriamento do aparelho da Aeroflot desviado para Trabzon, bem como dos passageiros e tripulantes. «A restituição dos aparelhos civis em semelhantes casos é uma regra internacional» — declarou um informador da embaixada soviética em Ankara.

Chegou (satisfeita) a selecção de futebol

A selecção nacional de futebol, que, ontem, actuou (com êxito, 1-0) em Copenhague, chegou, hoje, ás primeiras horas da tarde, a Lisboa. No aeroporto, o seleccionador português, Gomes da Silva, afirmou-se *satisfeito por trazer para Portugal os 2 pontos*, manifestando que a *selecção dinamarquesa não é nem de longe tão fraca como se dizia ou se pode pensar.*

OS EXAMES DE ADMISSÃO ÀS UNIVERSIDADES: 29 E 30 DE OUTUBRO

No «Diário do Governo» de hoje vêm as instruções para os exames de segunda época para matrícula nas universidades.

Os exames devem ser requeridos de 15 a 20 de Outubro, e efectuam-se nos dias 29 e 30, ás 10 horas.

Para o curso de Arquitectura, nas escolas superiores de Belas-Artes, os exames de Matemática e Físico-Químicas efectuam-se em 29 e 30 de Outubro, e o Desenho Artístico, em 2, 3, 4 e 5 de Novembro, ás 10 horas.

ABRIU A CAÇA

(Continuação da pág. anterior)

Logo de manhã ou mesmo madrugada alta, quase de véspera, se afivelaram os cintos, se carregaram as cartucheiras, se encoronharam os canos das espingardas, se entranharam grandes esperanças no indicador recolhido que afaga os gatilhos.

Abriu a caça. E, embora haja cada vez menos perdizes ou coelhos, há cada vez mais disparadores da morte nos montes e nos valados.

Antes do levantar da noite de ontem, já havia fumos a pairar sobre as conversas. Os latidos dos perdigueiros, para não espantar, eram dominados a custo. O silêncio dos campos, porém, de repente, ao levantar do dia, foi quebrado de vez. Fuzilaria. A morte ia buscar a caça a todas as vertentes, folhagem densa, ramadas baixas, simples arborizações de camarinhas, vegetação descuidada e campestre. E, embora todas as armas tenham um exacto ponto-de-mira muitas falharam ou só feriram a caça.

NOS COUTOS NADA DE NOVO

Mas, bem, a «guerra da caça» que teve, hoje, a sua abertura é a da caçada-sem-estratégia. A dos campos que se atingem por caminhos palmilhados a pé, exaustivamente. À procura.

A caça de espera, na comodidade das «portas», no abrigo selectivo das coutadas, essa, na verdade, ainda não começou. Está aberta, mas, por enquanto, nos coutos, nada de novo. Tem uma razão para ser assim. É que a fuzilaria desmedida nos campos «livres» vai dar á caça o cheiro dos refúgios. E, então, dentro de dias, aos campos cinegèticamente desocupados, vai corresponder, nas coutadas, um volume exagerado de caça. Aí é que é fazer o gosto ao dedo. E nem sempre custa nada (não de preço, mas de actividade). É só ter armas carregadas e, quando os animais descem acossados pelos ruídos medonhos dos batedores, abrir um fogo insistente. Fuzilante. Certeiro quanto baste, pois a chumbada abre para todos os lados.

MUNIÇÕES PARA 90 DIAS

A caça abriu hoje e só «fecha» em Janeiro. São noventa dias de tiroteio, com um grande gasto de munições. Imagine-se só o que venham a ser cerca de 140 mil caçadores a disparar durante estes próximos três meses!

Claro que o dia de hoje foi (não contando com os dias considerados melhores de fim-de-semana) o de maior numero de disparos. Foram mais de nove meses de expectativa mal-contida. Mas, para o caçador, o dia de hoje foi quase um alívio: liberbou-o do defeso imposto, da lei proibitiva, do complexo sangrento da morte autorizada.

Cartuchos equilibrados, calibrados, aobos e, além disso, cartucheiras de reforço, de recurso que a caça pode ser muita — é-o até, em certas zonas. Regiões distantes, a que se vai de carro, em grupo — nalguns casos, em conjunto combinado para atenuar as despesas que já são muitas. Mas o alto-preço para matar é o preço-baixo pelo qual o caçador satisfaz o seu gosto de dar ao gatilho.

NA 11.ª PAGINA publicamos uma «crónica cinegética»

O REGIME DA DURAÇÃO DO TRABALHO

Foi enviado pelo Governo á Camara Corporativa um projecto de lei sobre o regime de duração do trabalho, estabelecendo novo regulamento.

No projecto governamental se estabelecem como limites máximos de trabalho normal as 8 horas por dia e 48 por semana, e, muito embora sem paralelo nas legislações estrangeiras, mantêm-se, por respeito aos direitos adquiridos, os limites dos períodos de trabalho dos empregados de escritório em 7 horas diárias e 42 por semana. Os limites máximos dos períodos diários podem ser ultrapassados quando se adopta o regime de chamadas «semana inglesa» e «semana americana», que passa a ser expressamente reconhecido pela lei.

Admite-se, como excepção, que os limites máximos fixados na lei sejam excedidos nas actividades sem fins lucrativos ou estreitamente ligados ao interesse publico.

A redução dos limites do trabalho

No projecto se diz ser «desejável iniciar entre nós uma política de redução dos limites máximos dos períodos normais de trabalho, como uma forma de garantir aos trabalhadores oportunidades de relização pessoal e familiar e um meio de os fazer beneficiar dos progressos da técnica.

«Não se afigura, no entanto, conveniente impor em termos genéricos essa redução. Pensa-se que será preferível que ela seja estabelecida por decreto regulamentar e por via de regulamentação colectiva de trabalho, ficando, naturalmente, dependente da produtividade das actividades.

«Os princípios adoptados a este respeito pelo diploma estão de harmonia com as orientações internacionais mais recentes, embora nele se não tenha definido com rigidez os objectivos a atingir em matéria de redução do período normal do trabalho.»

Reafirma-se o princípio da interrupção ao período de trabalho diário, definem-se em novos moldes as condições de isenção de horário de trabalho (em princípio dispensa-se a necessidade de autorização prévia); procura-se autonomizar conceitualmente o período de funcionamento dos estabelecimentos industriais, escritórios e estabelecimentos de venda ao publico; e regulamenta-se a organização de turnos e o trabalho nocturno.

Semana inglesa e semana americana

No projecto se diz que a «semana inglesa» e a «semana americana» devem ser concedidos pelos instrumentos de regulamentação colectiva de trabalho. Admite-se, porém, que possam ser impostos por despacho do ministro das Corporações, a requerimento dos organismos corporativos interessados, e que, da mesma forma, sejam tornados extensivos aos concelhos limítrofes ou, inclusivamente, a todo o distrito.

No preambulo do projecto se acentua que se espera «que os instrumentos de regulamentação colectiva de trabalho (em especial as convenções colectivas) venham adoptar as inovações que em cada caso se considerem convenientes, e para as quais se estabelece agora uma base legal suficientemente ampla.

«Tem-se, no entanto, inteira consciência de que o regime da duração do trabalho não pode nem deve depender exclusivamente das negociações entre as entidades patronais e os trabalhadores, pois ele importa, e de maneira decisiva, para o desenvolvimento económico e social do País. Daí que no presente diploma se tenham estabelecido preceitos de carácter imperativo ainda que de formulação suficientemene ampla.»

A principal alteração ao sistema anterior diz respeito ao campo de aplicação do próprio regime da duração de trabalho. Assim, aproveita-se a oportunidade para fazer coincidir totalmente o campo de aplicação da disciplina legal do contrato individual de trabalho com o de aplicação do regime legal da duração de trabalho até porque tal coincidência é pressuposta pelo próprio Regime Jurídico do Contrato Individual de Trabalho.

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

FOME NO NORDESTE BRASILEIRO

RIO DE JANEIRO — Mais de 1500 homens esfomeados atacaram recentemente uma pequena cidade do Nordeste em busca de alimento. Ameaçaram mais tarde voltar a fazê-lo se o Governo não lhes arranjasse trabalho. Em consequência disso, a cidade de Queiramobim, no interior do Estado do Ceará está em estado virtual de cerco, com os armazéns barricados e as portas e janelas trancadas.

A situação foi consequência de uma das piores secas (se não a pior) ocorridas este século no Nordeste, seca que arruinou colheitas e deixou milhões de pessoas á beira da inanição.

Muitos fugiram para as cidades do Sul do Brasil. Os projectos de obras públicas de pouco auxílio foram para outros. Em Queiramobim e outras localidades, os comerciantes deram alimentos para auxiliar os camponeses, que se deslocaram para a cidade quando os seus magros recursos ficaram arrasados pela seca.

Os 1500 homens atacaram Queiramobim por desespero. Partiram as portas das lojas de produtos agrícolas e levaram sacos de feijão, trigo, arroz e grandes quantidades de açúcar.

Por LEONARD GREENWOOD

(Exclusivo «The Los Angeles Times»-«D. L.»)

Agora estão acampados nos arredores da cidade ameaçando voltar a fazer o mesmo.

O presidente da Câmara, Alfredo Machado, foi á capital do Estado — Fortaleza — procurar auxílios para os homens e suas famílias. Machado disse que as autoridades locais de Queiramobim esgotaram já todos os seus recursos.

Para facilitar a situação, o Governo Federal já enviou milhares de toneladas de alimentos provenientes do Sul onde as colheitas atingiram este ano proporções record.

Isto melhorou, mas infelizmente não resolveu a situação na maioria dos locais.

A Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), departamento governamental criado para prestar socorros á zona, admite agora oficialmente que 250 milhões de pessoas foram afectadas pela seca.

Mas estes números são considerados muito modestos no Brasil.

Foram abertos créditos para financiar centenas de projectos de assistência no Nordeste, zona com poucas estradas e quase nenhum sistema público de irrigação agrícola.

Embora a soma total das obras se cifre em milhões de dólares, o dinheiro que chega a cada família é lamentàvelmente escasso.

D. Francisco Mesquita, um bispo católico do nordeste, regressou recentemente de uma viagem por algumas das áreas de trabalhos públicos e declarou que o desespero era generalizado. Alguns dos homens estavam tão debilitados pela fome, que o trabalho os fazia cair com colapsos.

O bispo, visivelmente encolerizado, disse que tinha discutido a situação com os funcionários da SUDENE e que estes lhe replicaram:

— Esta gente está habituada a sofrer. E nós não podemos fazer mais nada.

No dia seguinte, a SUDENE admitiu que os seus esforços eram modestos, mas acrescentou que pouco mais poderia fazer.

A SITUAÇÃO NO MÉDIO ORIENTE

Endurecimento da posição soviética

O discurso pronunciado em Baku por Brejnev — por ocasião do 50.º aniversário da República Socialista de Azerbeijão — merece ser examinado, sobretudo por se tratar das primeiras declarações públicas do secretário-geral do P. C. soviético desde a crise jordana e a morte do presidente Nasser. Limitou-se, quanto ao essencial, a repetir, por sua conta, aquilo que há várias semanas tem vindo a lume nos jornais moscovitas, tanto sobre o Médio Oriente como sobre o Vietnam. As críticas formuladas contra os E. U. A. — acusados de andarem a «semear os grãos da discórdia e do ódio» — tinham-se tornado mais raras, mas não são inéditas. O apoio da U. R. S. S. às ultimas propostas do Governo revolucionário Provisório do Vietnam do Sul foi também afirmado desde o dia em que essas propostas se tornaram conhecidas. A denuncia das intenções agressivas dos E. U. A. na Indochina pertence igualmente á retórica habitual.

Talvez seja mais digno de nota o facto de Brejnev ter omitido, no seu discurso, o tratamento de certos temas habitualmente abordados neste género de intervenções. O nome da China nem sequer foi pronunciado.

Os meios diplomáticos da capital soviética têm tendência para pensar que este reacender da polémica entre Moscovo e Washington é, em grande parte, um subproduto da campanha eleitoral em curso nos E. U. A. Portanto, seria apenas provisória.

Porém, duas questões se levantam.

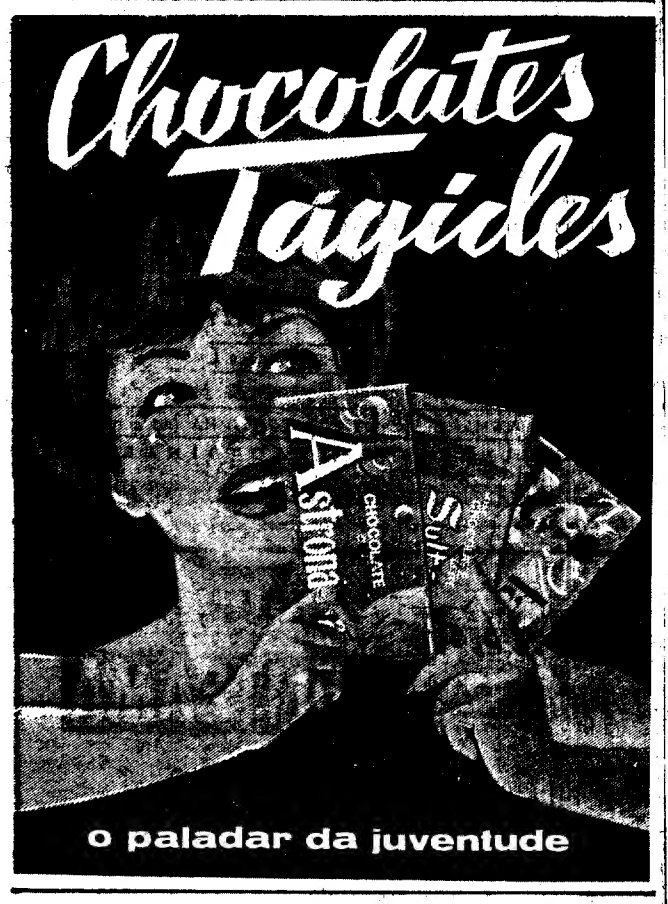
Os acontecimentos agora ocorridos no Médio Oriente — crise jordana e morte do presidente Nasser — serão susceptíveis de pôr em causa a aproximação ocorrida, no Verão passado, entre as posições americana e soviética, quando do estabelecimento do Plano Rogers? Brejnev falou, em Baku, da vontade soviética de favorecer «o fim da luta fratricida na Jordania, nomeadamente, da vontade de pôr termo ao exterminio de destacamentos do movimento palestiniano de resistência». Esta preocupação desabitual no Kremlin, com a sorte dos «fedayin» não é, por agora, interpretada em Moscovo como sintoma precursor de uma mudança de política, pois Brejnev afirmou igualmente o «desejo de uma regulamentação pacifica». Contudo, podemos perguntar se, na situação agora criada, os pontos de vista de Moscovo e Washington não se terão afastado.

Outra questão mais geral se levanta: os dirigentes soviéticos não estarão preocupados com as intenções de Nixon? Se os governantes americanos duvidam da boa fé do Kremlin, os dirigentes soviéticos não se sentem mais seguros da sinceridade da Casa Branca. Os soviéticos exprimem constantemente o receio de verem os E. U. A. a enveredar «pelo uso da linguagm de força» — tal receio foi expresso também por Brejnev, num primeiro discurso que pronunciou em Baku perante os trabalhadores do petróleo.

A «linguagem de força» seria agora, pelo menos, inoportuna para os dirigentes soviéticos, e é verosímil que eles procurem activamente afastar essa eventualidade. Por mais encorajadoras que tenham sido as primeiras etapas das conversações sobre a limitação dos armamentos estratégicos — que continua a ser, talvez, o problema n.º 1 das suas relações com os E. U. A. — não parece que essa experiência tenha bastado para tranquilizar um e outro acerca das suas intenções recíprocas.

(Exclusivo «Le Monde»-«Diário de Lisboa»)

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO



ANÚNCIO

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

JUNTA AUTÓNOMA DE ESTRADAS

Concurso público para a construção, conservação e exploração de auto-estrades, na extensão aproximada de 480 km, em regime de concessão.

ALTERAÇÃO DO LOCAL DO CONCURSO

Faz-se público que este concurso terá lugar no dia 2 de Novembro de 1970, às 10 horas, no Gabinete da Ponte sobre o Tejo, Praça da Portagem, Almada, e não na Sede da Junta Autónoma de Estradas, conforme havia sido anunciado, continuando, porém, a entrega das propostas a dever ser feita na Sede da Junta Autónoma de Estradas até às 12 horas do dia 31 de Outubro de 1970.

Lisboa, 8 de Outubro de 1970.

O Presidente
M. DUARTE GASPAR

Com o patrocínio do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa vai realizar-se em Ofir um importante seminário sobre «Financial Management»

Importantes problemas das direcções financeiras das modernas organizações comerciais e industriais vão ser discutidos entre 19 e 21 do corrente no Seminário sobre «Financial Management» que terá lugar em Ofir, sob a orientação do «Management Centre Europe».

O Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa patrocina este importante Seminário sobre «Financial Management», que será regido pelos Srs. J. Adamt, membro do Management Committee da Société Général de Banque, de Bruxelas; T. F. Cullem, director da «Business Development, Ltd.», de Dublin; e D. E. Evans, director executivo da «Vestoic, Ltd.», da Inglaterra. Estará também presente o Sr. J. O. Kamber, um dos principais dinamizadores das actividades do M. C. E., em toda a Europa.

Foi intenção do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, ao patrocinar este Seminário, criar uma oportunidade para troca de ideias, facilitada pelos métodos de regência dos cursos, dando oportunidade às empresas de colherem elementos de grande actualidade sobre «Gestão Financeira».

Durante os três dias de permanência em Ofir, os participantes neste Seminário, para além de assistirem a exposições sobre as linhas fundamentais de Direcção Financeira, terão sessões de grupos restritos, destinadas ao estudo particularizado de determinadas questões, em que serão longamente ventilados pontos de vista que a experiência profissional de cada participante pressupõe.

Dando continuidade a uma iniciativa começada em Abril do ano corrente com um Seminário sobre «Cash Management» o Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa espera poder contribuir para a actualização das empresas nacionais e deste modo para o crescimento económico do País.

Tomam parte neste Seminário alguns responsáveis pela Direcção Financeira de muitas empresas de Norte a Sul do País.

Desejando que continue a haver por parte das empresas portuguesas o mesmo bom acolhimento a iniciativas deste género, parece oportuno frisar a actualidade de um Seminário sobre «Financial Management», agora patrocinado pelo Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa.

FRIGORÍFICOS

DAS MELHORES MARCAS

DESDE

145 LITROS	2.100$00
175 LITROS	2.800$00
200 LITROS	3.500$00
240 LITROS	3.900$00
220 LITROS (2 portas)	4.900$00
300 LITROS	6.650$00
350 LITROS	8.400$00

COM 5 ANOS DE GARANTIA
...E A PRONTO SOMOS NÓS QUE MAIS BARATO VENDEMOS

JOVICA

LISBOA (Avenida 5 de Outubro, 53-C — Telef. 47789
(Largo de D. Estefânia, 12-D — Telef. 534536

CACÉM — CASCAIS — SINTRA — VENDA NOVA

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 15 ÀS 3 HORAS

"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS

JEAN PAUL CARA

THE KIMS
ORIGINAIS FANTASISTAS

LÍDIA RIBEIRO
com RAUL SILVA e ANTÓNIO LUÍS GOMES

VIOLETTE'S AMERICAN SHOW

JIRINA'S COMBO • FILARMÓNICA FRAUDE
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

GILDA PEARL
SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23.30 H.
MAIORES DE 17 ANOS
NO WONDER BAR Á 1.00 H. MAIORES DE 21 ANOS

ÀS 17 E ÀS 21.30 (M. 17 anos)
DETECTIVE EM ACÇÃO

CONCURSO DE TEATRO AMADOR ORGANIZADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA INFORMAÇÃO E TURISMO COM A COLABORAÇÃO DA F. N. A. T. E DA F. P. C. C. R.

TEATRO MONUMENTAL

Às 21 e 45 horas

Dia 17 — «ARMADILHA PARA UM HOMEM SÓ», pelo Grupo Desportivo da Sociedade Central de Cervejas de Coimbra
Dia 18 — «O AVANÇADO CENTRO MORREU AO AMANHECER», pelo Grupo Mérito Dramático Avintense de Avintes—Gaia
Dia 19 — «JUSTIÇA», pelo Grupo Recreativo de Tercena
Dia 20 — «O FILHO SÓZINHO», pelo Grupo Cénico da Casa do Povo de Arcos — Estremoz
Dia 21 — «AS MÃOS DE ABRAÃO ZACUT», pela Associação Recreativa «Os Plebeus Avintenses» de Avintes — Gaia
Dia 22 — «A FORJA», pela Sociedade Antiga Filarmónica Montemorense, de Montemor-O-Novo
Dia 23 — «O LUGRE», pelo Grupo Dramático Musical JNP de Charnusca

Bilhetes à venda aos preços de 12$00, 10$00, 5$00 e 2$50

Em ÁGUEDA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Agência Oliveira Salazar, 54.

INAUGURAÇÃO DOS CONCERTOS GULBENKIAN

Com algumas alterações nos seus quadros e a iniciar uma nova temporada (em que deverá actuar sob a direcção de um grande número de regentes da mais diversa índole), a Orquestra Gulbenkian pareceu-nos acusar, no concerto de ontem, uma sensível melhoria, sobretudo no capítulo da qualidade e do equilíbrio da sonoridade. E se os sinais dessa melhoria não se tornaram mais salientes ao longo do programa, as culpas couberam, na sua maior parte, ao regente, o já nosso conhecido Édouard van Remoortel, que se mostrou pouco eficiente na obtenção de transparência do tecido orquestral e nos propôs versões mozartianas de escasso interesse, pesadonas sem autêntica finura. Da frouxidão do maestro se ressentiu, também, o pianista Sequeira Costa, que, em todo o caso, não esteve nos seus dias mais felizes, muito embora haja mantido uma linha interpretativa de bom gosto e adequado estilo («Concerto K. 537, em ré maior», chamado «da Coroação»). Ressaltaram demasiado certas precipitações e desencontros com a orquestra, cuja responsabilidade há que imputar especialmente a Remoortel. A classe de Sequeira Costa afirmou-se de maneira mais cabal no «Larghetto», onde não faltaram excelentes pormenores de fraseado e sonoridade.

Como interpretação, o número do programa que resultou melhor foram as «Danças Romenas» de Bartok, mas Remoortel não se livrou aí de preciosismo, afinal de contas desvirtuador do carácter telúrico dessas peças.

Extra programa, tivemos uma versão equilibrada do belo coral de Bach «Jesus, alegria dos homens».

NUNO BARREIROS

REVISTA NO ABC: «ALTO LÁ COM ELAS»

Sempre com lotações esgotadas, índice de interesse do público por este espectáculo, a revista «Alto lá com elas» continua a representar-se todas as noites (em duas sessões: respectivamente pelas 20 e 45 e ás 23 horas) no Teatro ABC.

Produzida por José Miguel, a revista «Alto lá com elas» é original de Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha, tem música de João Nobre e João de Vasconcelos.

Para participar no Festival do Rio

PAULA RIBAS PARTE HOJE PARA O BRASIL

Parte hoje, ás 20 horas, para o Brasil a cançonetista Paula Ribas que, tal como noticiámos oportunamente, vai participar no V Festival Internacional da Canção, que está a desenrolar-se no Maracanãzinho, no Rio de Janeiro. Em paralelo com intérpretes de outros 44 países, Paula Ribas *defenderá* a melodia portuguesa concorrente ao certame: «Canção de paz para todos nós», com musica de Jorge Costa Pinto e letra de Francisco Nicholson.

No juri internacional estará Amália Rodrigues que, acompanhada pelos seus guitarristas, actuará também perante as camaras da TV-Globo, prevendo-se ainda a sua exibição em São Paulo.

Quando Paula Ribas actuar no Maracanãzinho a orquestra da Rádio e TV-Globo que a acompanhará, será regida pelo maestro Jorge Costa Pinto, que igualmente hoje parte para o Rio de Janeiro.

O presidente do juri internacional é um nome extremamente popular: Pelé. Para ele, Paula Ribas é portadora de uma saudação muito especial remetida por outra «estrela»: Eusébio.

Neves de Sousa nosso prezado camarada de Redacção, parte também com os artistas; e para o «Diário de Lisboa», a exemplo do ano anterior, enviará completa reportagem do mais importante fesival mundial de musica ligeira

DUAS HORAS INESQUECÍVEIS
COM A MÚSICA E A POESIA DE ESPANHA

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortavel de lisboa
TELEF. 538586
(M. 12 anos)

AGUAVIVA
* UMA NOVA MÚSICA
* UMA NOVA FORMA
INTERPRETAÇÃO EXTRAORDINÁRIA
ESPECTÁCULO INTEIRO
HOJE E AMANHÃ, ÀS 18.30 E ÀS 21.30 HORAS

ADULTOS
TEATRO ABC
Tel. 366745

TODAS AS NOITES, 2 SESSÕES: ÀS 20.55 E ÀS 23 HORAS
DOMINGOS: «MATINÉES» ÀS 16 HORAS
A FABULOSA SUPER-REVISTA
ALTO LÁ COM ELAS!
O MELHOR ESPECTÁCULO DO ANO
produção de JOSÉ MIGUEL
a voz de ouro de TONY DE MATOS

Com os popularissimos actores
CAMILO e IVONE
a plástica sensacional de
IO APOLONI
LINDA SILVA
Maria Tavares | CONJUNTO SEM NOME | Nino Flores
Marilia Gama • Lino Morgado • Maria do Céu
ORLANDO FERNANDES | VITOR ESPADINHA (no compère)
30 MULHERES EXTRAORDINÁRIAS!
DESCANSO ÀS 4.as-FEIRAS

O MAIOR «LOTE» DE CÓMICOS FRANCESES JAMAIS REUNIDOS:
JEAN LEFEBVRE
FRANCIS BLANCHE
DARRY COWL
GEORGE GERET
ANNIE CORDY
E MUITOS OUTROS (E OUTRAS) NUM FILME DE RAOUL ANDRE

UMA ESTREIA SUPER-PICARESCA

HOJE, NO POLITEAMA

FRANSCOPE
EASTMANCOLOR

PARA VOS FAZER RIR!

UM «DURO» TÍMIDO!...
ESTONTEANTES BELDADES...
ESPÍRITO EM TODAS AS DIMENSÕES...

(ADULTOS)

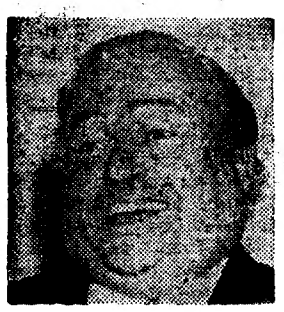
ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
VASCO MORGADO apresenta

327493 TEATRO CAPITÓLIO

Todas as noites, às 21.45 h.

QUASE HÁ

1 ANO



(Maiores de 17 anos)

DAVID SILVA é o comandante Quiko que entra e sai na comédia

O VISON VOADOR

com

RAUL SOLNADO

MARIA PAULA, FERNANDA BORSATTI, YOLA, MARIA LAURENT, GEORGINA CORDEIRO, MARIA e ainda ARTUR SEMEDO, VASCO DE LIMA COUTO, DAVID SILVA e ROLANDO ALVES

«O VISON VOADOR»

É O FIM DA GARGALHADA

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

A RELÍQUIA

EÇA DE QUEIROZ

ESTÁ EM MADRID

no

TEATRO MARIA GUERRERO

onde representa o teatro português no I Festival Internacional de Madrid

mas volta, quarta-feira, dia 21, data do

1.º ANIVERSÁRIO do

Teatro TELEF. 717017

Maria Matos

para duas semanas de despedida antes da estreia de

O INOCENTE, de Calvo Sotelo

a denúncia satírica onde a brincar se dizem coisas muito sérias (M. 17 anos)

COLISEU

HOJE, ÀS 21.30

(Maiores de 12 anos)

CIRCO

Números de sensação

COMPANHIA INTERNACIONAL

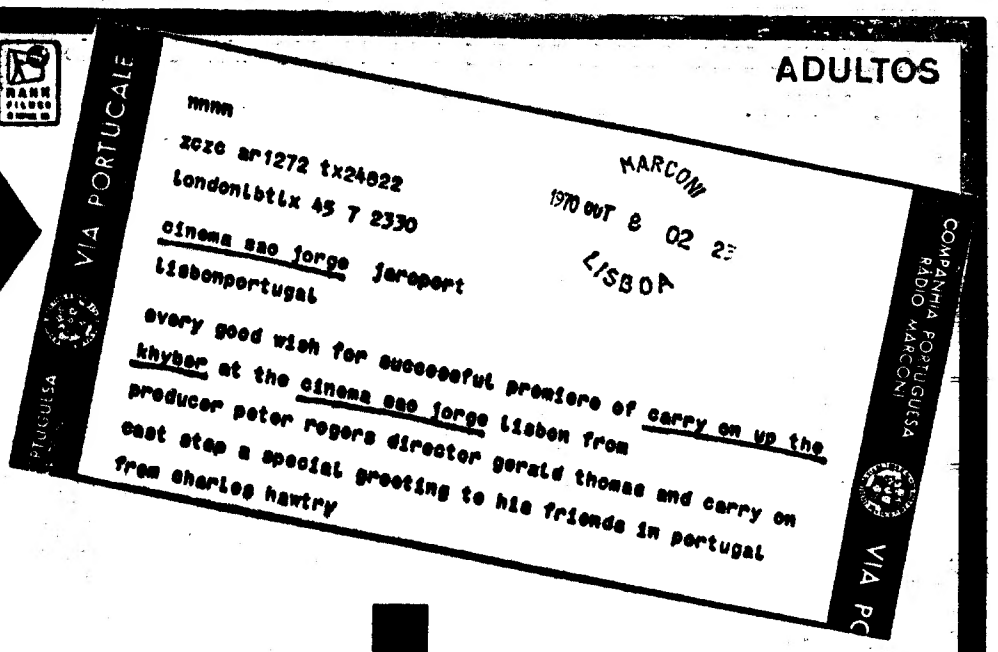
As maiores atracções

PALHAÇOS INTERNACIONAIS

ÚLTIMOS DIAS

CHEGOU LONGE O ÊXITO!

...NÃO ADMIRA! JÁ VEM DE LONGE A FAMA DE:



saias acima!

CARRY ON . . . UP THE KHYBER

...ainda as mulheres não tinham "descoberto" as pernas
e já no Exército Britânico a ordem era:

S-A-I-A-S A-C-I-M-A!

2.ª SEMANA NO SÃO JORGE

PROGRAMAÇÃO RANK

MONUMENTAL DE SANTARÉM

Domingo, 18
CORRIDA DA COMPETIÇÃO

CONFRONTO DECISIVO
entre o novilheiro N.º 1 DE PORTUGAL
e o novilheiro N.º 1 DE ESPANHA

CHIBANGA	GALLOSO
62 Corridas — 107 Orelhas cortadas — 14 Rabos — 41 saídas aos ombros	63 Corridas — 136 Orelhas cortadas — 25 Rabos — 37 saídas aos ombros

DERRADEIRO DESPIQUE DA ÉPOCA
entre Chibanga e Galloso para disputa do Troféu «FEIRA DA PIEDADE» — 1970

CONFRONTO DE ESTILOS — RIVALIDADE SEMPRE ACTUAL, entre:

J. MESTRE BATISTA

e

L. MIGUEL DA VEIGA

CONFRATERNIZAÇÃO entre Antigos e Actuais

FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM

8 TOUROS de M. ASSUNÇÃO COIMBRA, recente vencedor do Concurso de Ganaderias de ZAFRA

PREÇOS DESDE:

Sol, 30$00; Sombra-Sol, 45$00; Sombra, 90$00

Bilhetes á venda na Agência ABEP, em Lisboa, P. dos Restauradores, telefone 32 88 23. Em Santarém, Rua Guilherme de Azevedo, 15, telefone 25485, e Agências habituais.

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido. Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

---

motor

SAIU HOJE

- **A RAMPA DA PENHA** — Reportagem de Maria do Céu
- **RALLYE TAP — RESCALDO DE OPINIÕES** — Entrevista de Augusto Vilela
- **MOTOR ENSAIO — FIAT 124 (Sport Coupé)** — Por Philippe Toussaint
- **KARTING — CIRCUITO DO OUTONO** — Por Herlânder Garcia

★

Completo noticiário sobre os mais importantes acontecimentos do automobilismo em Portugal e no estrangeiro

24 PÁGINAS PREÇO 2$50

A GRANDEZA HERÓICA DE UM NOVO «WESTERN»
NA LINHA DOS MELHORES CLÁSSICOS DO GÉNERO

JOHN WAYNE EM "CHISUM"

Forrest Tucker · Christopher George · Ben Johnson · Bruce Cabot
Glenn Corbett · Patric Knowles · Andrew Prine · Richard Jaeckel
Lynda Day Geoffrey Deuel e Pamela McMyler PRODUÇÃO Michael Wayne
ESCRITO E PRODUZIDO POR Andrew J. Fenady REALIZAÇÃO Andrew V. McLaglen M/ 12 ANOS

"CHISUM" O SENHOR DO OESTE

Exclus. ASTÓRIA FILMES · PANAVISION® · TECHNICOLOR® WARNER BROS.

UMA GARANTIA DE QUALIDADE WARNER BROS.

HOJE ESTREIA às 21.45 no EDEN

MARIA VITÓRIA Adultos

• UM ENORME ÊXITO, NO TEATRO DOS GRANDES ÊXITOS!!!

HOJE, ÀS 20,45 E 23 HORAS, 2 SESSÕES
GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO APRESENTAM
A REVISTA TRIUNFANTE!

• PIMENTA NA LÍNGUA!...

UM COLOSSAL ELENCO, COM:
● JOSÉ VIANA ● AIDA BAPTISTA
● BARROSO LOPES ● DORA LEAL
NICOLAU BREYNER
A simpática actriz ANITA GUERREIRO E, NO «COMPÈRE»: OCTÁVIO DE MATOS À FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA!
A atracção RONY VALY

NICOLAU BREYNER

ANITA GUERREIRO

● DOMINGO, «MATINÉE», ÀS 16 HORAS

1.as EXIBIÇÕES

«AEROPORTO»

TÍTULO ORIGINAL: «Airport».
REALIZAÇÃO: George Seaton, 1969 (E. U. A.).
ARGUMENTO: George Seaton, extraído de um romance de Arthur Hailey.
FOTOGRAFIA: Ernest Laslo (Technicolor e Panavision).
MÚSICA: Alfred Newman.
INTÉRPRETES: Burt Lancaster, Dean Martin, Jean Seberg, George Kennedy, Van Heflin, Jacqueline Bisset, Lloyd Nolan, Helen Hayes, Maureen Stapleton, Dana Wynter, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Sonoro Filme.
ESTREIA: Cinema Monumental (13.X.1970).

Quem vai a um aeroporto vai certamente com a ideia de tomar um avião e descolar. Há ainda os que aí vão esperar amigos e familiares e também aqueles que ali vão por nostalgia — ver descolar outros em seu lugar. O aeroporto é, pois, o local de encontro de muita gente — gente que descola, homens em trânsito. Ora *Aeroporto*, filme que George Seaton adaptou de um *best-seller* de Arthur Hailey, pretende ser um mosaico sentimental da vida de toda essa fauna que se descobre num aeroporto internacional. Acontece, porém, que os aviões não descolam em virtude da neve, e os espectadores também não por causa da mediocridade de toda a trama, da clamorosa falta de talento e de imaginação de George Seaton e da quase total inépcia de um conjunto de actores de primeiríssimo plano que ali vão fazer o seu *número*, mostrar o rosto e partem logo sem dor, que tem mais que fazer. Burt Lancaster é o director do aeroporto, anda às turras com toda a gente, incluindo a mulher e só tem uma pessoa que o compreende: Jean Seberg (muito longe já da vendedora do *Herald*, que vimos há dias no *A Bout de Souffle*). George Kennedy é perito em aviões e não consegue passar uma noite em casa (ao lado da esposa fidelíssima) sem que neve. Quando neva, todavia, lá vai ele de escantilhão desenterrar os aviões que se aterram na pista 29: Jacqueline Bisset é hospedeira do ar, está grávida (deixou de tomar a pílula porque engordava!) e o pai da criança só poderia ser o Dean Martin que a manda logo de seguida para a Suécia (ela não vai). Entretanto, há a velhinha — clandestina que passeia entre Chicago e Nova York — de borla. Van Heflin prepara um dispositivo explosivo, faz um seguro de vida reconfortante para a mulher (Maureen Stapleton, a única actriz verdadeiramente de nível neste conjunto), mete-se no avião para Roma e espera pela providência. A mulher ficará, cá em baixo, á espera da previdência. Para além destes casos, que são os mais matoleões da série, outros há. Por exemplo, logo no início do filme, uma família que se encomenda a Deus e nesse mesmo momento vê a louça toda espatifada pelo avião que passa, descolando da pista 22 (o que, está visto, não deveria ser permitido).

Convém dizer que sempre que *A* fala com *B* o *écran* aparece cortado em dois. Se *A* falar ao telefone com *B*, *C* e *D*, o *écran* aparece cortado em quatro. Tudo isto é muito triste, porque demonstra uma falta de imaginação a toda a prova. Seaton nunca foi um *Ouida*. Não lhe iríamos exigir que fosse um *Boeing*. Mas poderia ser, pelo menos, um helicóptero. Uma certa graça de movimentos e uma certa desenvoltura pareciam essenciais.

LAURO ANTÓNIO

«AMÉRICA DOS MEUS SONHOS»

TÍTULO — «Un italiano in América»;
REALIZAÇÃO — Alberto Sordi, 1970 (Itália);
ARGUMENTO — Alberto Sordi;
FOTOGRAFIA — Cinemascope e Technicolor;
MÚSICA — Piero Piccioni;
INTÉRPRETES — Alberto Sordi, Vittorio de Sica, Alice Gordon, Lon Perry, Gray Frederickson Bettina Brenna, etc.
DISTRIBUIÇÃO — Filmes Castello Lopes;
ESTREIA — Cinema Condes (8-10-1970).

Alberto Sordi, actor controverso, é ultimamente um realizador medíocre (vejam-se alguns trabalhos anteriores: *Ajuda-me, meu amor* e *Como casar a nossa filha?*), mas é um homem com ideias e até uma evidente intencionalidade crítica que, não ultrapassando a fase nubilosa das boas intenções, não deixa contudo de se ir acentuando de filme para filme.

América dos meus sonhos mantém-se na linha dos seus filmes precedentes: uma grande falta de imaginação ao nível de *mise-en-scène*, algumas preocupações satíricas e morais, um *fundo humano* generoso, mas culturalmente muito limitado. A crítica que Sordi faz à América é, aqui e ali, contundente (cite-se o programa de televisão inicial que promove o encontro entre o pai de Sica e o filho Sordi), mas, de um modo geral, superficial e inconsequente.

L. A.

«A VINGANÇA É MINHA»

TÍTULO ORIGINAL: «Vengeance is mine» ou «Per 100 000 dollari t'amazzo».
REALIZAÇÃO: Sidney Lean, 1967 (Itália).
PRODUÇÃO: Mino Loy e Luciano Martino (Eastmancolor e Cinemascope).
INTÉRPRETES: Gary Hudson, Claudio Camaso, Claudie Lange, Fernando Sancho, Susanne Martinkova, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Filmes Lusomundo.
ESTREIA: Cinema Olympia (12.X.1970).

Género: Western italiano. Mais um... Sidney Lean é um pseudónimo. De quem não sabemos, nem interessa verdadeiramente. Sabemos apenas que *a vingança é dele*. Chega! — *L. A.*

«Jazz» no Centro Cultural Americano

Sob a rubrica «The Sound of Jazz», o Centro Cultural Americano (Avenida Duque de Loulé, 22-B) apresenta esta tarde, no seu auditório, pelas 18 e 30, o seguinte programa: «Jazz Odyssey — Chicago» (1923-1940).

HARKNESS BALLET
DE NOVA-YORK

PROGRAMA DE HOJE E AMANHÃ
I — Pas de Francèe (Percussion for 6); II — Abyss; III — Bartok Concerto

NO TEATRO MONUMENTAL
HOJE, às 21.45
(MAIORES DE 12 ANOS) TEL. 55 51 33

ATENÇÃO — A receita de amanhã (último espectáculo) reverte a favor da Liga Portuguesa contra o Cancro e Obra Particular a favor dos Doentes do Centro de Cirurgia-Cardíaca e Serviço de Propedêutica Cirúrgica do Hospital de Santa Maria.

SOLISTAS — CORPO DE BAILE — Dir. artística: REBEKAH HARKNESS

A R. T. P. VAI APRESENTAR UMA ESTREIA EM PORTUGAL NA SUA «NOITE DE CINEMA»

Para iniciar a nova época da rubrica «Noite de Cinema», a R. T. P. escolheu um conjunto de comédias, assinadas por directores de prestígio e reveladoras de diferentes estilos de humor (francês, americano e inglês). Perante a crise actual da comédia cinematográfica, será agradável lembrar algumas fitas significativas de um período em que a produção do género mantinha um bom nível de qualidade.

O primeiro filme a exibir será uma estreia no nosso País. Trata-se de «Miquette et sa mère», realização do consagrado Henri-Georges Clouzot, adaptado de um «vaudeville» de Fiers e Callavet. Nele actua «Bourvil», o grande cómico há pouco falecido, e uma série de bons actores franceses.

Teremos, depois, três comédias inglesas: «Um homem de talento», com Alec Guiness, assinada por Ronald Neame; «Um homem na lua», escrita por Bryan Forbes e assinada por Basil Dearden; e a primeira fita de Alexander Mackendrick, «A culpa foi do whisky» (obra do período áureo da comédia britânica).

A terminar o ciclo, uma obra clássica do teatro e do cinema americano, escrita por Joshua Logan e realizada por John Ford: «Mr. Roberts». A sátira do despotismo é magistralmente desempenhada por Henry Fonda, por James Cagney e por um «jovem» actor que nesse filme se revelou, Jack Lemmon.

O caso da herança Sommer

No 1.º Juízo Criminal, sob a presidência do corregedor Bernardino de Sousa prosseguiu, em 35.ª audiência, o julgamento do pleito relacionado com o caso da herança Sommer. Na tribuna do Ministério Público o dr. Antero Monteiro Dinis, adjunto do procurador da República. Assistência mais numerosa.

Era a vez de intervir inetando a sr.ª D. Ana Maria Jardim, que desde há várias sessões vem sendo ouvida, o dr. Sidónio Rito, patrono do industrial sr. António Champalimaud, ausente no estrangeiro. Durante as instâncias daquele advogado houve algumas interrupções por parte dos magistrados, Ministério Público e representantes dos assistentes.

Antes porém, do início das instâncias, o presidente anunciou que haviam sido juntos aos autos vários documentos entregues pelo sr. dr. Filinto Elísio, da acusação particular, e anula um carta que recebera do sr. dr. Manuel José Homem de Melo (conde de Águeda), de cujo texto foi dado conhecimento a todos os intervenientes na causa.

O dr. Sidónio Rito perguntou à sr.ª D. Ana Jardim se tinha conhecimento do local onde se encontram ou das pessoas que possuem presentemente as 32 acções dos Cimentos Tejo que, na sua versão, lhe foram dadas em data indeterminada e após o seu casamento.

Resposta da declarante:

«Não sei exactamente onde estão actualmente nem na posse material de que pessoa ou entidade. É porém, certo, que ainda há pouco as vi em poder do meu marido, mas aproveito a ocasião para frisar que nada percebo de negócios, pois tenho de cuidar dos meus filhos.»

Após nova instância do dr. Sidónio Rito, a sr.ª D. Maria Ana Jardim disse que tudo era governado pelo seu irmão António.

— Sabe quem administrava essas acções desde a morte de Henrique Sommer até que elas viessem à sua mão? — insistiu o causídico.

A depoente, com energia, declarou que mais uma vez dizia não saber responder, acrescentando que quem dirigia todos os negócios era o seu irmão António. E, num aparte: — Agora se estiveram nas mãos deste ou daquele, desconheço.

O dr. Sidónio Rito, insistindo no seu raciocínio perguntou ainda:

— Quem, a partir da data em que lhe foram entregues essas acções, passou a receber os respectivos dividendos?

Ao que a sr.ª D. Maria Ana Jardim respondeu:

— Não sei. Parece-me, sem poder precisar, que tais dividendos não têm sido recebidos. E também não sei por quê.

A outras perguntas do causídico, no mesmo género, a sr.ª D. Maria Ana Jardim respondia sempre:

— Não sei. Não sei.

Mais á frente, a uma instância formal do dr. Sidónio Rito, cuja resposta era considerada importante:

— Porque não recebeu ou mandou receber os dividendos das acções «Tejo» depois de 1954 e porque é que sua prima Maria Helena não procedeu de igual modo, deixando assim esses dividendos a favor do Estado?

Ao que a declarante respondeu:

— Quanto ás razões que levaram a Maria Helena a fazer isso não faço a mais leve ideia. Assim, vou divagar. Quanto ás minhas também não sei explicar entre 1954 e 1957. Explico, no entanto, que a partir desta data, se viam assaltos por todos os lados para sermos despojados de tudo quanto possuíamos, sendo natural que o valor dessas acções fossem desprezadas, esquecidas, numa gaveta, por nada representarem no conjunto dos demais bens.

A uma insistência do presidente, declarou:

— Não me lembro de ter tido contactos fosse com quem fosse, mas o certo é que só as poderia receber por ordem do António. De facto, não me lembro quem as recebeu, nem das circunstâncias de tal recebimento. Desconheço quem as entregou e de quem partiu a iniciativa.

Abordou-se ainda o inventário, as 800 acções nele partilhadas, focando-se a saída de 720 contos, etc.

A sessão foi suspensa ao fim da tarde para continuar na segunda-feira á hora habitual.

Vai começar a funcionar um curso de administração hospitalar

Foram enviados para o «Diário do Governo» dois decretos emanados do Ministério da Saúde e Assistência reordenando a carreira de administração hospitalar e dando nova composição aos órgãos dirigentes dos hospitais centrais.

Na carreira de administração hospitalar, que abrange hospitais centrais e regionais, passa a haver administradores de 1.º 2.º e 3.º graus, preparados para ocupar lugares que começam em chefe de serviço de hospitais centrais e administradores de hospitais regionais de menores dimensões e vão até administradores de hospitais centrais, escolares e de grupos ou centros hospitalares.

Estabelece-se um período transitório, salvaguardando os direitos dos actuais titulares de lugares de administração, e prevê-se um plano de bolsas de estudo destinado a facultar a esses funcionários o seguimento do curso de administração hospitalar que, dentro de dias, começará a funcionar na Escola Nacional de Saúde Pública e de Medicina Tropical.

Quanto aos órgãos dirigentes dos hospitais centrais, tendo em vista a necessária coordenação em cada hospital, grupo ou centro hospitalar, haverá uma direcção constituída por um director, um director clínico e um administrador, aos quais compete gerir o estabelecimento e responder pela sua eficiência.

Também se dá aos Conselhos de Administração nova composição e novas funções. Estes conselhos, seguindo orientação hoje aceite na maior parte dos países, passam a contar, entre os membros, com representantes dos vários sectores da vida nacional directamente interessados na condução dos hospitais. O Conselho orienta superiormente os estabelecimentos, aprova os planos de actividade e vigia a gerência a cargo do conselho de direcção.

O Conselho Técnico dos Hospitais, além dos delegados e responsáveis dos vários departamentos internos, conta com representantes permanentes do pessoal hospitalar, que serão indicados pelas diversas categorias profissionais. No quadro destes conselhos funcionarão comissões especializadas, ficando desde já criadas as seguintes: a Comissão Médica, Comissão de Ensino e de Investigação, Comissão de Farmácia e Terapêutica e Comissão de Organização e Administração.

Estabelece-se que os directores dos hospitais, e os directores clínicos são propostos ao ministro pelos Conselhos Técnicos e pelas Comissões Médicas; os directores não podem exercer a função cumulativamente com qualquer outro cargo da organização hospitalar; os directores clínicos podem ser dispensados da direcção de serviços individualizados, para se dedicarem ás suas funções em tempo completo.

Alterados os órgãos dirigentes dos hospitais centrais

Também se cria uma direcção para os serviços de urgência, embora não seja esta fórmula obrigatória para todos os hospitais.

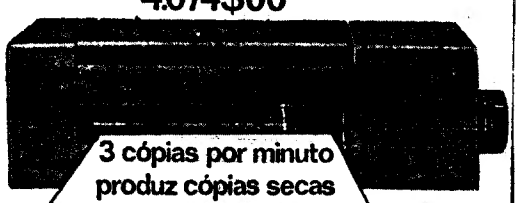
A Direcção-Geral dos Hospitais foi encarregada de promover o necessário, por forma a que a constituição dos novos órgãos de administração se efectue até final do ano corrente. Espera-se assim que os nossos hospitais mais importantes passem a funcionar com maior rentabilidade e dêem ao País maior garantia de assistência pronta e tecnicamente qualificada.

ENCONTRADO MORTO NUM POÇO

PENEDONO, 15 — Num poço existente numa sua propriedade, foi encontrado morto o sr. António Joaquim Lopes, de 49 anos, casado, pai de cinco filhos, três dos quais menores.

Não há suspeita de crime.

MÁQUINAS DE FOTOCÓPIA
4.074$00



3 cópias por minuto
produz cópias secas
reproduz todas as côres
peça-nos uma demonstração sem qualquer compromisso
sortiexportuguesa
rua buenos aires,7 1º tel.667928 e 667772

Na GUARDA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Manuel Vinhas, Suc., Rua Sacadura Cabral, 3.

NORMA
Sociedade de Estudos para o Desenvolvimento de Empresas, S. A. R. L.
Av. 5 de Outubro, 122 - LISBOA

— Deseja criar uma equipa de vendas moderna e dinâmica?

— Sabe como reduzir os encargos da venda?

— Pretende motivar os representantes a realizar mais visitas de prospecção?

— A sua Empresa quer aumentar o volume de vendas?

DINAMIZAÇÃO DE UMA
EQUIPA DE VENDAS

SEMINÁRIO — 22 horas
De 2 a 4 de Novembro

Este Seminário terá a orientação de ANDRÉ DEFAUX, director da EUROVENTE de Paris, que tem atrás de si um «curriculum» brilhante na venda e na formação de profissionais da venda.

Este Seminário, de acordo com as linhas de orientação da NORMA, terá um carácter essencialmente PRÁTICO (estudo de casos, exercícios de simulação, trabalho de grupo) e está ADAPTADO ao caso português.

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES
NORMA — CENTRO DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO
Avenida 5 de Outubro, 122-5.º — LISBOA — Telefone 76 77 11/2

LISBOA DIA A DIA

Esta manhã em Pedrouços

NOVO ANO DE ACTIVIDADES DO INSTITUTO DE ALTOS ESTUDOS MILITARES

O Chefe do Estado presidiu, hoje, à sessão solene da abertura do ano lectivo do Instituto de Altos Estudos Militares. Presentes à cerimónia diversas individualidades, entre as quais os ministros da efesa e da Marinha, o secretário de Estado do Exército, o chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, os chefes dos Estados-a Miores dos três ramos das Forças Armadas, e professores daquele estabelecimento de ensino superior militar.

O almirante Américo Thomaz foi recebido pelo general Arnaldo Shultz, director do Instituto.

O Presidente da República teve as honras militares do estilo e passou ao gabinete do comando, onde recebeu os cumprimentos das entidades presentes, após, no salão nobre, presidiu á sessão solene inaugural. No decorrer da cerimónia, suou da palavra o general Arnaldo Shultz que dissertou sobre as actividades do ano anterior. No final foi servido um almo«o a todas as entidades oficiais.

MAIS UM BARCO PARA A CARREIRA LISBOA-BARREIRO

Chega hoje ao anoitecer ao Tejo, vindo dos estaleiros de Viana do Castelo e com destino ás carreiras Lisboa-Barreiro, o novo barco «Alentejo», que a C. P. mandou construir para melhorar a sua frota. O novo barco largará amanhã ás 9 horas, do Sul e Sueste para a prova da milha.

XVIII Conferência dos Estados Maiores Peninsulares

Com uma sessão solene de abertura, começaram hoje de manhã, os trabalhos da 18.ª Conferência dos Estados Maiores Peninsulares que decorrem no edifício do Quartel General do Registo Militar de Lisboa, em S. Sebastião da Pedreira. Falaram os chefes das comissões portuguesas general Paiva Brandão, secretário-adjunto da Defesa Nacional e espanhola vice-almirante D. Manuel Cervera Cabello. O trabalho da Conferência encerram-se no dia 20 com uma sesão ás 15 horas.

Vão a Madrid para ver «A Relíquia»

Dois jovens, José Alfredo de Albuquerque Baptista e João Francisco do Carmo, de 26 anos, resolveram este fim-de-semana... fazer uma «pequena aventura», ir de Lisboa a Madrid de propósito para assistirem, amanhã á inauguração do I Festival Internacional e Teatro, onde Portugal é representado pela Companhia do Maria Matos, que levará á cena a peça «A Relíquia», de Eça de Queiroz. A princípio, a ideia foi tomada como brincadeira, mas tomou forma real e ei-los a caminho num pequeno Morris 850. É a primeira vez que saem de Portugal (como turistas) e assim aumenta o seu entusiasmo, pensam ter pelo menos algum tempo para fazerem compras para eles e familiares e verem os monumentos principais de Madrid, para isso seria «engraçado» (para eles claro!...) encontrarem «unas chicas» voluntárias que lhes servissem de cicerones. O gato não é mascote e apenas aproveitou o dia quente para modorrar ao sol...

CHAVE FALSA E PISTOLA EM PUNHO

Três indivíduos introduziram-se, por meio de chave falsa, na residência da sr.ª D. Maria da Silva Teixeira, porteira do prédio n.º 47 da Rua Alexandre Ferreira.

Surpreendidos pela porteira, apontaram-lhe uma pistola e roubaram-lhe 1400$00.

Exames nos Institutos Comercial e Industrial

Principiaram hoje os exames de admissão (2.ª chamada) aos Institutos Industrial e Comercial. No Instituto Comercial apresentaram-se 15 candidatos. Entretanto os resultados da 1.ª chamada (alínea a) são amanhã afixados. As aulas do 3.º ano já começaram, não estando ainda marcado o dia em que começarão as do 4.º e 5.º anos, prevendo-se a hipótese de uma secção funcionar no velho edifício do Instituto Industrial, que vai mudar este ano lectivo, pelo menos em grande parte, para as novas instalações de Cabo Ruivo.

Artes plásticas

João Manuel Prates

Foi inaugurada, esta tarde, numa das salas do Palácio Foz, uma exposição da pintura do artista angolano João Manuel Prates.

Gustavo Sendis

Amanhã, também, no Palácio Foz, patrocinada pelo Conselho Nacional de Turismo do Governo Mexicano, abre ao público uma exposição do artista daquele país, Gustavo Adolfo Sendis.

Albert Gordillo

Depois de amanhã, na Galeria de S. Francisco, pelas 22 horas, o artista Albert Gordillo expõe jóias de arte.

Duarte Pimentel expõe em Sintra

No sábado, ás 16 horas, será inaugurada, no salão do antigo Hotel Costa, em Sintra, uma exposição de pintura do artista Duarte Pimentel.

DUZENTOS MIL CONTOS PARA O «METROPOLITANO»

No «Diário do Governo» vem o decreto-lei que autoriza a Câmara Municipal de Lisboa a emitir um empréstimo até o valor de 200 mil contos para o prosseguimento da instalação da 1.ª fase da rede do Metropolitano. As obrigações a emitir beneficiam de isenção de imposto complementar e do imposto de capitais.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

BOM APETITE

Restaurante CASTANHEIRA
P. da Torre-Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIARIAS
AOS SABADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 5 anos)

CAFÉ «IMPAR»
NO
BAR RIBATEJO
P. DO AREEIRO, 11-D
ABRE As 7 HORAS

A COLMEIA
RESTAURANTE DIETÉTICO
E MACROBIÓTICA
(VIDA LONGA)
SELF-SERVICE
ENCERRADO AOS DOMINGOS
RUA DA EMENDA, 110-2.º
T. 370500 (AO CAMÕES)

OH LACERDA!
UM CONVITE
PERMANENTE
R. Dr Silva Teles, 18-A

RESTAURANTE
QUINTA DE
S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211 (M/ 5 anos)
JANTARES DANÇANTES
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE
FAMILIAR
PREMIADO PELO SNI

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

NAVIOS	SAÍDAS	PORTOS DE DESTINO
«MOÇÂMEDES»	21 de Outubro	Leixões, Cabinda, Zaire (se necessário), Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito, Moçâmedes e se necessário, Porto Alexandre e Cuio.
«P. PERFEITO»	4 de Novembro	Luanda e Lobito.
«PORTO AMÉLIA»*	7 de Novembro	Directo a: Luanda, L. Marques, Beira e Nacala.
«ANGOLA»*	13 de Novembro	Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cape Town, Durban, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia.
«ÍNDIA»*	18 de Novembro	Directo a: Luanda, Lobito e Moçâmedes.

* Com escala prévia por Leixões
Reserva de passagens: Telefs. 34764 e 369172
LISBOA — R. DO COMERCIO, 85, TEL. 323021
PORTO — R. INFANTE D. HENRIQUE, 63, TEL. 22138

22.ª COLECÇÃO

LISBOA DIA E NOITE

Boletim do dia 15 de Outubro de 1970

MARINELLA canta em LISBOA

Marinella, cançonetista grega que interpretará uma melodia do seu país no próximo Festival Internacional da Canção (no Rio de Janeiro) virá também a Portugal. Actuará perante o publico de um casino nortenho e filmará (na RTP) um programa para a série «TV-Clube). É provável ainda que cante no «Maxime».

Marinella viajará com o empresário Takis Cambas, director do festival de melodias «Olimpíadas da Canção», que tem edições anuais, em Atenas.

«O CONTRÔLE» ACTUA EM ESPANHA

São seis jovens, todos de Palmela. Formam um conjunto de «pop-music» denominado «O Contrôle». Têm repertório original e um disco no mercado. Registam a sua primeira actuação no estrangeiro (Espanha) e preparam novo «45» a lançar brevemente editado pela etiqueta «Zip-Zip».

LOURDES e CÉSAR na Suíça

Por iniciativa do director do Hotel Algarve, na Praia da Rocha, Jean Boutin, que aos artistas portugueses tem dispensado o maior carinho apresentando-os com regularidade na sua «boite» (onde já tem cantado Amália Rodrigues), Lourdes e César depois do agrado com que actuaram, foram convidados a prolongar o contrato por mais quatro semanas, cumprindo dois periodos de quinze dias, um no Hotel de Rhone (em Geneve) e o outro no Hotel Elite (de Bienne). Jean Boutin, grande amigo de Portugal continua, assim, a dar oportunidades aos intérpretes portugueses levando até á Suiça a nossa musica e as nossas canções.

CARMO CANAS DIGRESSÃO

Cançonetista e actriz de teatro ligeiro, Carmo Canas está á frente de um «show» itinerante que vai realizar uma série de espectáculos no Canadá destinados a grupos de portugueses radicados naquele país.

Jorge Fontes na «ADEGA MACHADO»

Com grande número de gravações, a maioria interpretando composições e melodias de que é autor, Jorge Fontes (o espectacular, como durante anos foi designado) é agora o guitarrista da Adega Machado, onde forma dupla com Américo Silva.

O FADO E O FOLCLORE, EM LISBOA — RESTAURANTES TÍPICOS

PARREIRINHA DE ALFAMA

cantam: Argentina Santos, Julia Peres, Lina Maria Alves, Natalino Duarte, Flora Pereira, Leonor Santos e Susana da Conceição. Tocam: António Proença e Miguel Ramos ✲ **Consumo mínimo 50$00 ✲ Beco do Espírito Santo, 1 ✲ Telef. 868200.**

TAVERNA DO EMBUÇADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Câmara, João Braga, Ana Rosmaninho e António de Mello-Correa. Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal ✲ **Encerra aos domingos ✲ Consume mín. 90$00 ✲ Beco dos Cortumes, 19 ✲ Telef. 860816.**

MÁRCIA CONDESSA

cantam: Teresa Nunes, Norberto Martinho, Fernando Manuel e António Reis. Artistas convidados: Candida da Conceição, Julieta Maria, Alzira Moreno e Aurora Sabral. Tocam: Alberto Vilar e António Pessoa ✲ **P. da Alegria, 58 ✲ Telef. 367093 ✲ Encerra á segunda-feira.**

GUITARRA DA MADRAGOA

cantam: Lizete Maria, José Teixeira, Maria José Ramos e Francisco Martinho. Tocam: António Parreira e José Inácio. Aberto todos os dias. ✲ **Rua da Esperança, 174 ✲ Telef. 661915 ✲ Cons. mín. 50$00.**

SOLAR DO MINHO

cantam Eduarda Maria Natália dos Anjos e Artur dos Santos. Tocam Hermenegildo Lopes e José Meneses ✲ **Rua do Vigário, 60 ✲ Telef. 866811.**

FOLCLORE

elenco: Arminda Vidal, Fernanda Guerra, Julieta Brigue, Lídia Ribeiro, Marina Rosa, Américo Lima, António Chainho, Fernando Ritagiro, José Maria Nóbrega, Avelino Rodrigues, Fernando Matos e Corpo de baile constituído por 19 elementos e dirigido pelo Coreógrafo António Gonçalves ✲ **Cons. mín. 120$00 ✲ Taxas incluídas ✲ Rua Nova da Trindade, 22-A ✲ Telef. 35007-323406 ✲ Encerra ao domingo.**

TIMPANAS

cantam: Trio Odemira, Alcindo de Carvalho, Emília Reis, Luís Braga e Benvinda Cruz. Tocam: Armando Ferreira e Torquato Lopes. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros ✲ **Cons. mín. 61$50 (taxas incl.) ✲ Rua Gilberto Rola, 24 ✲ Telefones 676655-67941.**

A SEVERA

cantam: Florinda Marta, Maria Amorim, Maria Portugal, Manuel Fernandes, António Pires e José Amaro. Tocam: Carvalhinho e Pais da Silva e ainda o conjunto «Aguarelas de Portugal» ✲ **Rua das Gáveas, 57 ✲ Telef. 34006 ✲ Encerra á quinta-feira.**

MIL E UM

cantam: Moisés Campelos, Maria Eva, Beatriz Fragoso, José de Barros, Maria de Fátima, Henrique Manuel, Laurinda Gonçalves. Tocam: Hermenegildo Lopes e Joaquim Pinto ✲ **Cons. mín.40$00 ✲ Travessa da Espera, 8 ✲ Telefone 35464 ✲ Encerra ás 5 da madrugada.**

LUSO

Elenco: Maria da Fé, Tristão da Silva, Fernanda Pinto, Glória Maria, Augusta Ermida, Victor Duarte, Plínio Sérgio (em fados de Coimbra), Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Barradas (viola). Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha ✲ **Trav. da Queimada, 10-16 ✲ Tels. 362889-328503.**

FRAGATA REAL

cantam: Celeste Rodrigues e Fernando Maurício. Tocam: João Alberto e Manuel Martins ✲ **Cons. mín. 50$00 ✲ Travessa de S. Miguel, 22 ✲ Alfama ✲ Telefone 868552.**

VIELA

cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira e Conceição Tavares ✲ **Cons. mín. 50$00 ✲ R. das Taipas, 14 ✲ Tel. 327256.**

A KAVERNA

cantam: Celeste Mota, Tina Santos, Renato Mota. Tocam: Armandinho Maia e José Maria Carvalho ✲ **Cons. mín. 90$00 ✲ Travessa dos Fiéis de Deus, 37 ✲ Telef. 35593.**

LAR PORTUGUÊS

cantam: José Borges, Armando Miranda, Folclore pelo Conj. Típico do «Lar Português». Tocam: António Bessa Fernando Reis ✲ **Cons. mín. 50$00 ✲ R. da Barroca, 133 ✲ Telefs. 36960 e 30532 ✲ Encerra ás terças-feiras.**

SOLAR DA MADRAGOA

cantam: César Morgado, Maria Amélia Proença, Maria de Lourdes e Judite Teixeira Tocam: Sales Correia e Agostinho Dias ✲ **Cons. mín. 80$00 ✲ Rua das Trinas, 67 ✲ Telef. 669857 ✲ Encerra ao domingo.**

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amoedo, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, José Vilela, Tina Ferreira. Fados de Coimbra por João Queiroz, Trio Arautos. Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira. Tocam: Jorge Fontes e Américo Silva ✲ **Conc. mín. 70$00 ✲ Rua do Norte, 91 ✲ Telefs. 30095-328713 ✲ Encerra á segunda-feira.**

O ARABITA DE ALFAMA

cantam: Alice do Carmo, Rossano Lima, João Cabral. Tocam: Edgard Nogueira (guitarra) e Armindo Gonçalves (viola) ✲ **Encerra aos domingos ✲ Rua da Adiça, 9 ✲ Telef. 86345.**

O FORCADO

cantam: António Rocha, Mariana Silva, Cecília de Jesus, Miguel Silva e João Sobreira Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva ✲ **Cons. mín. 40$00 ✲ Rua do Rosa, 219 ✲ Telef. 368579.**

GUITARRA DE ALFAMA

cantam: Vitorino dos Santos, Tucha Mascarenhas e José Manuel Osório. Tocam: António Bessa e Fernando Reis ✲ **Encerra ao domingo ✲ Cons. mín. 35$00. Largo do Peneireiro, 7 (Alfama) ✲ Telf 868505.**

BALEEIRA

cantam: Filipe Duarte, Maria Emília, Ana Madalena e Julieta Reis. Tocam: José Alves e Armando Silva ✲ **Encerra ás 2.as-feiras ✲ Cons. mín. 40$00 ✲ Av. Marginal, 21-22 (DAFUNDO) ✲ Telef. 213259.**

RESTAURANTES, BARES, «BOÎTES» E «DANCINGS»

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A Telef. 48384 — Mário Simões e o seu conjunto. Encerrado aos domingos.

NOCTURNO

Travessa Fiéis de Deus, 28 ✲ Telef. 370889 ✲ Poesia com Correia da Silva ✲ Encerra ás 3 e 30.

POP-FADO

R. Ferreira Lapa, 38-D ✲ T. 561949

MAXIME

Conjunto 6 ✲ Reacção e Maximiliano ✲ «Show» turístico ✲ Variedades Internacionais ✲ **Praça da Alegria, 58 ✲ Telef. 55366.**

ARCHOTE-CLUB

Discos ✲ Rua D. Filipe de Vilhena

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas ✲ Avenida Duque de Loulé, 73 ✲ Telef. 530171.

SANZALA

Av. Marechal Carmona, 2 ✲ Campo Grande ✲ Telef. 790172 ✲ Encerra ás 3,30.

BAIUCA

R. da Barroca, 86 ✲ Telef. 34700

LORD

Rua Victor Cordon 14-A ✲ Telef. ✲ 323098.

GALERIA REAL

Estrada de São Pedro ✲ SINTRA ✲ Telef. 981661. Encerra á meia-noite.

BONAPART CLUBE

Últimas novidades em discos, recebidos directamente dos E. U. A. ✲ R. de S. Miguel, 70 (Alfama) ✲ Tel. 872761 6-D.

FLOR DE LIS

Rua da Atalaia, 18 (Bairro Alto) ✲ Telef. 367136 ✲ Encerra ás 3 horas.

TÁGIDE

Variedades Internacionais ✲ **Largo da Biblioteca, 18-22 ✲ Aberto ao domingo.**

SNOB

Rua de «O Século», 178 ✲ Telef. 33723.

TAMILA

Morão e s/ Conjunto, **Avenida Duque de Loulé, 69—Telf. 534117 ✲ Matinées todos os dias ✲ Encerra aos domingos.**

ADÁGGIO

Apresentação de Teresa Paula Brito e Carlos Portugal no seu novo reportório ✲ Discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil ✲ **Rua Carlos Reis 51-A ✲ Telef. 775695.**

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado ✲ Variedades Internacionais ✲ **Telefs. 264521 - 264526 - 264596 - 264621 - 264946**

FORTE VELHO

Paço ✲ S. João do Estoril ✲ Telef. 261337.

UM APARTAMENTO SOBRE A PRAIA DE CARCAVELOS na quinta dos lombos

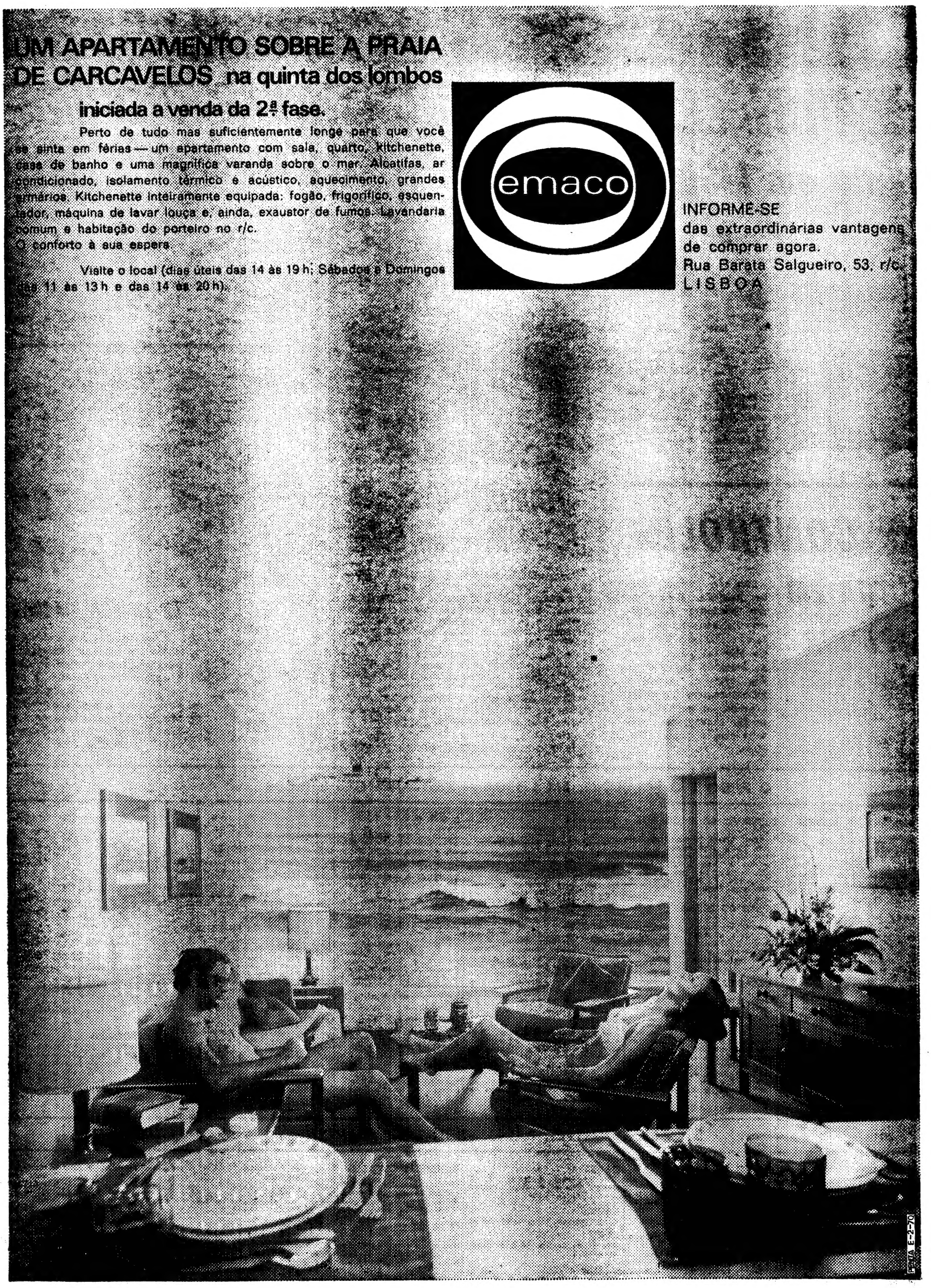
iniciada a venda da 2ª fase.

Perto de tudo mas suficientemente longe para que você se sinta em férias — um apartamento com sala, quarto, kitchenette, casa de banho e uma magnífica varanda sobre o mar. Alcatifas, ar condicionado, isolamento térmico e acústico, aquecimento, grandes armários. Kitchenette inteiramente equipada: fogão, frigorífico, esquentador, máquina de lavar louça e, ainda, exaustor de fumos. Lavandaria comum e habitação do porteiro no r/c.
O conforto à sua espera.

Visite o local (dias úteis das 14 às 19 h; Sábados e Domingos das 11 às 13 h e das 14 às 20 h).

emaco

INFORME-SE
das extraordinárias vantagens de comprar agora.
Rua Barata Salgueiro, 53, r/c.
LISBOA



CRÓNICA CINEGÉTICA

MENOS TRANSGRESSÕES NA ÁREA NORTENHA

Um dos inimigos mais nocivos da fauna que constitui a riqueza venatória é o caçador furtivo. Agindo em qualquer epoca do ano, tanto de noite como á luz do sol, inclusive no periodo que a Natureza destina á procriação, os danos causados pelo furtivo á fauna são verdadeiramente consideráveis. Por isso, os regulamentos competentes cominam multas, nalguns casos de elevados montantes, no sentido de tentar refrear as actividades vandálicas dos depredadores de ninhos, ninhadas e furas, uso imoderado de armadilhas de natureza variada que empregam com mestria e habilidade, como espingardas, cães amestrados a caça, furão, redes, etc.

Para vigilancia nos campos e fiscalização do cumprimento da legislação protectora da fauna cinegetica, riqueza valiosa em qualquer sentido que a apreciemos, as comissões venatórias, nem sempre compreendidas quando é rigorosamente exacto e certo que sem o seu precioso e meritório labor as espécies cinegéticas já tinham sido exterminadas totalmente, mesmo as de menor valor, em áreas apreciáveis por desrespeito á lei, estão autorizadas, legalmente a pronunciar-se sobre as datas das aberturas e encerramento das épocas de caça, fiscalização das normas que regulam a prática do acto cinegético, repovoamento de espécies, etc., etc. Nesse sentido, pois, as comissões venatórios regionais mantêm um corpo de guardas especiais de caça — íamos a escrever que talvez esse corpo pudesse ser unico — composto de escassos efectivos para as necessidades mais prementes, do que resulta ser verdadeiramente deficiente a rede de fiscalização, sabendo-se embora que os agentes que a compõem se esmeram por cumprir o seu dever levando aos campos onde actuam o respeito pela lei.

Vejamos, a seguir, as quantidades e natureza das infracções ao regulamento da caça e outros, verificados na área da Comissão Venatória Regional do Norte, com sede no Porto e jurisdição em 84 concelhos, nos anos de 1968 e 1969, cujos numeros indicaremos, respectivamente, em primeiro e segundo lugar para melhor poder avaliar-se das diferenças nas quantidades de autos verificados: caçar em tempo de defeso, 24 e 23; com furão em zona proibida, 15 e 21; com redes, 3 e 10; numero de caçadores superior ao legal em linha ou grupo, 41 e 2; destruição de ninhos de perdiz, 0 e 4; caçar tordos em andamento, 12 e 2; uso de laços, 3 e 1; rolas em andamento, 3 e 3; em pomares, 0 e 1; á espera, 1 e 2; cães de guarda a caçar, 0 e 3; falta de carta de caçador, 17 e 15; não possuir licença de caça, 31 e 16; caçar pombos mansos, 0 e 1; com furão sem licença, 7 e 10; com arma de fogo ilegalmente, 1 e 1; cães a vaguear em terreno de caça no defeso, 283 e 129; não se acompanhar da documentação, 9 e 0; cães de gado a caçar, 10 e 2; pastores com arma carregada com chumbo de caça, 1 e 1; venda de perdizes no defeso não seladas, 1 e 1; detenção de ovos de perdizes, 1 e 1; total, 463 autos em 1968 e 249 em 1969. Além das transgressões ao Regulamento da caça citadas, houve, ainda, mais 8 por infracções ao decreto n.º 18725 — cães sem registo, e por infracções ao decreto n.º 37313, regulamento das armas e munições, os seguintes autos: falta de licença de uso e porte de arma, 8 e 3; falta de livrete ou ficha de manifesto, 7 e 1; por venda ilegal de arma, 1 e 0; e foram apreendidas pela fiscalização da Regional, 49 e 34 armas, respectivamente, em 1968 e 1969, ás quais foi dado o seguinte destino: 41 e 32 entregues aos tribunais, e 8 e 2 ao Comando Geral da P. S. P. Como se infere destes números, em 1969 houve menos 240 autos de transgressão ao Regulamento da Caça que em 1968; menos 7 ao decreto n.º 18725 (cães); menos 57 ao regulamento de armas e menos 15 armas apreendidas, o que, insofismàvelmente, significa que a presença aturada dos guardas de caça no campo tem contribuído favoràvelmente para obrigar ao respeito pela lei.

As receitas provenientes da caça na área Regional do Norte

O montante da receita proveniente da prática do acto venatório é função directa da quantidade de documentos emitidos com essa finalidade, com excepção das licenças de canídeos que reverte exclusivamente a favor do Estado e dos municípios, e das licenças de uso e porte de arma, de que aqui não se fala, das quais as Comissões Venatórias Regionais compartilham moderadamente. As importâncias das multas pagas por infracções do Regulamento da Caça são divididas, em partes iguais, pelo Fundo Especial de Caça, municípios, Comissões Venatórias concelhias e instituições de beneficência.

Avaliemos, pois, o total das receitas apuradas na área da Regional do Norte com a emissão de licenças de caçar, para o que indicamos, no mapa que se segue, a natureza e a quantidade de licenças, seu custo, receita total produzida e sua divisão pelas entidades nela comparticipantes:

Natureza das licenças	Quantidades	Custo unitário	Total da receita	DISTRIBUIÇÃO			
				Fundo Esp. de caça	Municípios	Venatórias	
						Regionais	Concelhias
Gerais	2 466	300$00	739 800$00	369 900$00	184 950$00	138 712$50	46 237$50
Regionais	9 565	100$00	956 500$00	478 250$00	239 125$00	179 344$00	59 781$00
Concelhias	14 218	50$00	710 900$00	355 450$00	177 725$00	133 294$00	44 431$00
Fim lucrativo	41	300$00	12 300$00	6 150$00	3 075$00	2 307$00	768$00
Sem espingarda	401	40$00	16 040$00	8 020$00	4 010$00	3 008$00	1 002$00
Batedor	852	40$00	34 080$00	17 040$00	8 520$00	6 390$00	2 130$00
Furão	1 553	60$00	93 180$00	46 590$00	23 295$00	17 472$00	5 823$00
Criador de furões	38	250$00	9 500$00	4 750$00	2 375$00	1 782$00	593$00
Autorizações especiais	31	200$00	6 200$00	3 100$00	1 550$00	1 162$50	387$50
Revalidações	2	100$00	200$00	100$00	50$00	42$50	12$50
Totais	29 167	—$—	2 578 700$00	1 289 350$00	644 675$00	483 514$50	161 165$50
Cartas de caçador	4 621	100$00	462 100$00	231 050$00	115 525$00	86 644$00	28 881$00
Total geral			3 040 800$00	1 520 400$00	760 200$00	570 158$50	190 046$50
Para fomento e protecção das espécies						760 205$00	

As Comissões Venatórias comparticipam na receita proveniente das licenças de caçar nos termos do artigo 57 do Regulamento que conferia ás concelhias 25 por cento da importancia total cobrada. Porém, de harmonia com o disposto no artigo 12.º da Portaria n.º 24396, de 30 de Outubro de 1969, da importancia atribuída ás concelhias destinam-se 75 por cento, ou seja apenas a percentagem de 18,75 da receita total apurada, ás Regionais para manutenção do serviço de fiscalização, que não pode deixar de ser deficiente, como realmente é, dada a irrisória verba que lhe é destinada. A diferença, ou seja 6,25 por cento da receita total cobrada pela concessão de licenças, cabe ás Comissões concelhias para fazerem face a despesas com instalação, expediente, constituição de reservas ou coutos, etc., etc.

Com efeito, a verba destinada por lei á manutenção dos

(Continua na 15.ª página)

ora diga-nos...

— Gostaste do teu primeiro dia de aulas?

Abriram recentemente as aulas para a maioria dos graus de ensino. Uns recomeçaram os estudos, outros tiveram o seu primeiro contacto com uma aprendizagem que cada vez se torna mais necessária nos campos individual e colectivo.

● — Gostei. Voltei a encontrar-me com os meus amigos. — *Respondeu José Manuel Lopes Branguilho Rodrigues, de 12 anos, aluno da 3.ª classe da escola oficial, da Rua Luz Soriano.*

● *António Rodrigues Pedro, de 11 anos, também da 3.ª classe, disse:* — Gostei sim senhor. Gosto de estudar e já tinha saudades dos meus companheiros com quem brinco no recreio

● *Por último o António José Almeida Coelho, igualmente a frequentar a 3.ª classe, afirmou:* — Gostei. Gosto de aprender. Quero acabar a escola primária para poder aprender um ofício e ganhar dinheiro. Meus pais vivem com dificuldades.

A Imprensa avisará sobre o começo das aulas

COIMBRA, 14 — Tem causado certo alarme o facto de os alunos excedentes inscritos no primeiro ano do Ciclo Preparatório da Escola Machado de Castro, das secções dos Liceus D. João III e D. Duarte, ainda não terem tido aulas. Sobre o assunto, foi esclarecido pelo director da Escola, dr. Veríssimo dos Reis Esteves, que esses alunos serão transferidos para os pavilhões que estão a ser montados junto do Estádio Universitário, em Santa Clara.

A abertura das aulas realiza-se logo após a sua montagem, sendo os alunos avisados deste facto, com a devida antecedência, através da Imprensa. Tomar-se-ão ainda, ao longo do ano, as devidas providências para que os alunos não venham a ser prejudicados no seu aproveitamento escolar.

DISTÚRBIOS NO AEROPORTO DE LOURENÇO MARQUES

PROVOCADOS POR ESTRANGEIROS

LOURENÇO MARQUES, 14 — (L.) — Por motivo de zaragata provocada no Aeroporto «Gago Coutinho», Ambrosius Kessler e Wilhem Jaggli, de nacionalidade suiça, e Rameder Johannes e Martin Burgstaller, austríacos, foram detidos pelas autoridades. Os austríacos estão presos á ordem do cônsul do seu país, aguardando embarque para Joanesburgo.

Tudo aconteceu poucos momentos antes do avião descolar. Enquanto a maioria dos passageiros se dirigia calmamente para o «Moçambique», os citados individuos começaram a dar concludentes provas do seu estado de embriaguez, quando tomaram atitudes irreverentes, como represália contra a decisão do comandante do «Boeing» de se recusar a transportá-los.

A decisão dos referidos estrangeiros atingiu o auge, ao atirarem-se ostensivamente para o chão logo que tiveram conhecimento da sua exclusão entre os passageiros do avião da «Deta».

Já no comando-geral, os austríacos voltaram a dar que fazer e, como castigo máximo, foi-lhes cortado o cabelo á escovinha e rapada a barba. Os suíços, mais ordeiros e obedientes, seguiram o seu destino.

PRÉDIOS
COMPRAM-SE
Resposta a este jornal ao n.º 610

ACÇÕES
COMPRAM-SE
Resposta a este jornal ao n.º 611

VIAGENS IT
UMA NOVA CONCEPÇÃO NA
ARTE DE BEM VIAJAR!
Incluindo:
Passagens aéreas, Hotel, visitas — 7 dias a 1 mês
TODOS OS DESTINOS NA EUROPA
Hotéis «Selecção PAN-EUROPA»
paneuropa
Rua Braamcamp, 11-C/D
Tels. 561871/2/3/4 - 536723

A BATA DE MODELO ÚNICO

REFLEXO DE UMA ESCOLA EM QUE O ALUNO É TIDO COMO ELEMENTO PASSIVO?

No raiar do novo ano lectivo, a multidão estudantil distingue-se formando bandos em que a uniformidade das batas e dos uniformes escolares não basta para limitar a respiração de liberdade, natural aos jovens. As batas, os uniformes, os emblemas próprios de cada escola, eis um conjunto de pequenos problemas que se levantam às mães e aos próprios alunos. As batas, os emblemas ou ate as golas, eis algumas das preocupações dos reitores e directores...

A directora da Escola Técnica Elementar Marquesa d'Alorna, a dr.ª Elvira de Jesus Rocha Correia, disse-nos a este respeito:

REPORTAGEM DE HELENA NEVES
FOTOS DE JOÃO RIBEIRO

— É fundamental o uso da bata e ela deve, sem dúvida, obedecer a um modelo fixo. Se deixassemos ao critério da aluna ou da mãe a escolha do modelo, aconteceria que as moças com maiores meios se apresentariam com preocupações de elegância que não seriam possíveis às filhas das famílias menos abastadas. Através de um modelo único, tendo uma maior oportunidade de aproximação, uma maior igualdade entre as alunas, e não têm lugar as formas de discreminação de vestuário que são, afinal, formas de discreminação social, a que a criança e o jovem são particularmente sensíveis. Procuramos que o modelo seja moderno e agradável. Este ano foi desenhado por uma professora de desenho e submetido à apreciação do Conselho Escolar. Com pequenas condescendências satisfazemos o gosto das moças: bata de sarja branca, aberta à frente, racha dos lados. Uma inovação é o fecho «éclair». Observamos que muitas crianças perdiam canetas, dinheiro, borrachas, etc. Assim com o uso do fecho «éclair» nos bolsos, a criança pode brincar e correr à vontade. De um modo geral, não temos notado resistências na aceitação da bata. Trata-se de um fato de trabalho que também as professoras utilizam, apesar de não obedecer, evidentemente, a um modelo único.

A sr.ª D. Lurdes Santos, mãe de uma aluna do 2.º ano desta escola concorda com a utilização da bata mas...

«A identificação com a escola faz-se através de soluções de problemas que não têm nada a ver com o uso de um modelo único de batas»

— Penso que deveria ser permitido a cada aluna adoptar o modelo que lhe conviesse ou gostasse. A minha filha tem uma bata do ano passado, de modelo diferente, mas que pode utilizar. O actual tipo de bata não é feio, mas era escusado o fecho «éclair». Resulta mais caro, estraga-se fàcilmente. Embora a escola recomende geralmente a loja onde se encontram as batas já confeccionadas, prefiro mandá-las fazer.

Outra mãe, a sr.ª D. Luísa Rosa, que tem filhos a frequentar o ensino infantil, disse-nos:

— Concordo com o uso de bibes porque resguarda os fatos da criança e lhes dá maior liberdade de movimentos, sem a sujeição medrosa ao perigo de se sujarem e levarem uma reprimenda. A verdadeira solução estaria em vestirmos os nossos filhos com sentido prático. Não sou, de modo ne-

(Continua na 15.ª página)

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

AS JÓIAS, AS PRATAS DA
Ourivesaria da GUIA
SÃO DIFERENTES!
Fundada em 1875
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

BRILHANTES
CAPITAL QUE SE VALORIZA... E DÁ SATISFAÇÃO AO USAR
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusto, 255 — LISBOA

jardim das DELÍCIAS

O INFERNO É NECESSÁRIO? — 3

Crónica de JOÃO MEDINA

Depois de termos visto até que ponto a teologia, apesar de entrevada e viciada como ciência, ainda rege certas formas de comportamento mental e cultural do nosso mundo, como sucede com o mito do Inferno, cada vez mais presente e mesmo actual apesar da degenerescência da forma de pensamento e da sociedade que o criaram, vimos ainda no artigo da passada semana que mestre Dante, pálido e porventura movido pela paranóia, não passava de um rapazelho sem graça nem imaginação se o comparássemos por exemplo aos escritores que, na segunda guerra mundial ou nos campos de concentração, atravessaram um a um os nove círculos do horror. Seis séculos e meio depois da descida do florentino ás regiões pavorosas, os homens enriqueceram de uma maneira tão prodigiosa a ciência complexa e infinita do Mal, ampliaram e aperfeiçoaram de tal modo as caldeiras de Pero Botelho que um Dante ou mesmo um Jerónimo Bosch que desembarcassem de chofre em Auschwitz teriam vergonha da pobreza de horrores e abominações imaginados ou pintados antes de o génio alemão pôr vinte séculos de ciência e de técnica ao serviço da Besta do Apocalipse.

Diziamos também que a geenologia (ciência do inferno, apêndice actual da defunta teologia dos nossos tetravós) se complexificou de tal modo nos nossos dias que um escritor russo dedicou um grosso, belo e atormentado livro ao simples estudo do primeiro círculo do Inferno estalinista: referiamo-nos a Soljenitsyne, visionário ao lado de quem o autor medieval do «Inferno» não passa de um amador na arte de narrar e evocar as penas das profundas. Isto o diziamos a semana passada, em desobediência aliás ao preceito que em geral rege estas crónicas, que vem a ser o de tratar a rir de coisas sérias e com seriedade de coisas jocosas.

— Pois é, ria-se lá do Inferno, senhor cronista, mas diga-me sem tergiversar o que seria de nós sem ele? — Como assim? — Troce quanto lhe aprover da maquinaria satânica, do mito da geena, como diz, mas responda-me cá: o que seria da sociedade civil sem as caldeiras teológicas de Pero Botelho? Ri-se talvez quando vai ao Museu das Janelas Verdes e vê aquelas cavernas infernais com gente a ser esturricada por demónios de opereta? Pois ria-se, mas não se esqueça, senhor cronista, que os mortais são cupidos, devassos, tredos, refractários aos argumentos do bom senso e da clara razão, matreiros, relapsos, pouco inclinados a trilharem o caminho do Bem por sedução intrínseca da dita senda, antes votados desde tenra idade a todos os desvios e descaminhos que o Maligno multiplica, o dinheiro engrossa e a sociedade exalta como rectos quando são afinal mais tortuosos do que a prosa de Heidegger... — Então o Inferno é necessário senhor teólogo? — Pelo menos em política não se pode viver sem ele, quer se creia ou não num Criador, num Deus pessoal ou num princípio metafísico transcendente...

Assim me respondia o Senhor Pragmático, crente no Inferno por motivos práticos. E até certo ponto, se nos colocarmos num terreno de agnosticismo ético e de neutralidade axiológica, tal crença é de facto eficaz. E se tomarmos a eficácia como norma válida em si mesma, como finalidade, então temos o mito transformado em necessidade, em princípio útil, porventura legítimo. O homem não passa de

um animal sugestionável que precisa de grandes símbolos evidentes, de bandeiras, de toques de clarim, de pinturas garridas que lhe elevem a imaginação e lhe façam esquecer as exigências da Búzera, o aluguer e os fins de mês; isto o dirá o Sr. Pragmatista, não o digo eu, que sou mais dado a crer nas possibilidades racionais do bípede implume, embora tire um certo prazer acidulado em pintar a nossa espécie com cores mais sombrias do que ela em verdade tem. Mas voltemos aos argumentos do nosso opositor. Ouçamo-lo agora justificar o anti-Infer-

no, o ne...tivo d
Paraíso:

— Sem papões sem símbolos cr já os demónios do a cidade ter pois a dualidad -Inferno, Rec Maldição-Bema uma arma de d gica. Crendo no mens instalam esquina de cada gem dos precip banalidade e quotidiano ou d tórico ex...ue v messa e a esp plenitude histór Paraíso.

O que é o Ed Bíblia? É uma sem poluição hu nas, sem sinais Haiti sem amer tra sem turistas um Carcavelos nem cascas de ginal sem auto mingo sem téd para cada chefe Rotschild em de balcão, um amanuense, um dária para ca uma Pasárgada favoritos do rei, seos nas mãos um banco sem telaria onde tu uma coutada at sem defesos, u nas sem «rentré conta no fim, a das as dívidas ruptível e eter de infindáveis deixam a lingu estômago convi de chumbo...

O advogado a -me com malic — Ora, contra pode talvez ser tem mostrado p eficaz, que prop Uma seca socio purgada de ape argumentos «ad política que disp zões que a Ro uma utopia fun sedução interna de histórica e s que um progra tal pedagogia c vos, que são br bacocos, pobres rasteiros no co em acertar có Pois fique-se c fora as velhas vas, como diz, da guinhol teol logia e as suas destrua os tem neles a luz do da estação, ensi teoremas de Euc pios do Iluminis que o povo o ap o escorraça e o grandes perturb publica. E a C zado amigo e dem vale mais Repare que não diz, mas um p o senhor bem c cuja estátua d o meu amigo c da biblioteca d Goethe, o olím

Que hei-de r astuciosa pont -emos no próx

É sempre prova de carinho dar uma prenda de gosto às pessoas de amizade.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Em PONTE DE SOR o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no CAFÈ RESTAURANTE JARDIM — Avenida General Carmona.

FRANCÊS ● INGLÊS ● ALEMÃO
ITALIANO ● RUSSO ● HEBRAICO
MANHÃ, TARDE OU NOITE
cial
CENTRO DE LÍNGUAS
AV. DA REPÚBLICA, 14
Telef. 53 37 33

ativo do Satanás, — o

papões, sem caldeiras,
dos crus mas eficazes.
ónios teriam avassala-
de terrestre. Tomemos
alidade teológica Céu-
, Recompensa-Castigo.
Bemaventurança como
de dissuasão psicoló-
do no Inferno, os ho-
alam um polícia na
cada pensamento, fo-
precipícios, aceitam a
e a esquilidez do
ou do horizonte his-
e vivem com a pro-
a esperança de uma
histórica futura, — o

o Eden de que fala a
uma pradaria infinita
ão humana, sem buzi-
sinais de código, um
americanos, uma Sin-
uristas nem humidade,
avelos sem banhistas
s de melão, uma mir-
automóveis, um do-
m tédio, uma Corfu
chefe de família, um
em cada empregado
um trono para cada
e, uma vivenda secun-
a cada dactilógrafa,
rgada onde todos são
o rei, uns Campos Eli-
mãos de Cohn-Bendit,
sem grades, uma pas-
de tudo é de graça,
da aberta todo o ano,
os, umas férias eter-
entrée», uma ceia sem
im, a absolvição de to-
idas, um corpo incor-
eternamente saciado
veis volúpias que não
lingua encortiçada, o
convulso e o cérebro
...

ado do Inferno olha-
malícia e acrescenta:
ontra tudo isto, que
z ser ridículo mas se
ado pelo menos muito
propõe o senhor?
sociologia, uma ética
e apelos emocionais e
«ad terrorem», uma
e dispensa as tais ra-
a Razão desconhece,
a fundada na simples
terna da racionalida-
a e social...? E supõe
rograma desses e uma
gia convencem os po-
ão broncos, tacanhos,
obres de imaginação,
o cogitar e frenéticos
r cómicas ilusões?...
-se com a sua, deite
lhas máquinas medie-
diz, troque o Inferno
l teológico pela axio-
suas tristes alegrias,
templos, faça entrar
do dia ou as chuvas
, ensine nas escolas os
e Euclides e os princi-
minismo, — e logo verá
o apupa, o escarnece,
a e o põe na lista dos
erturbadores da ordem
a Ordem, meu pre-
o e sonhador, a Or-
mais do que a Justiça.
e não sou eu quem o
um poeta alemão que
bem conhece e admira,
ua durante três anos
igo cruzou a caminho
eca de Estrasburgo...:
olímpico Goethe.
-de responder ao meu
contraditor? Vê-lo-
próximo episódio.

EM MOVIMENTO PARA MAIOR AMPLITUDE

Participe connosco na progressiva amplitude do desenvolvimento sócio-económico do País.

O BANCO DE FOMENTO remunera à taxa de juro anual de 5,5% os depósitos a prazo superior a um ano.

Isenção total de impostos.
Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças.

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

LISBOA - Rua Mouzinho da Silveira,26
PORTO - Avenida dos Aliados,58
ÉVORA - Rua 5 de Outubro,38
VISEU - Avenida Calouste Gulbenkian,335
BRAGA - Avenida Marechal Gomes da Costa,294
SANTARÉM - Rua Guilherme de Azevedo,18

IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

PARA COMPRAR OU VENDER
AS SUAS JÓIAS
BARBOSA, ESTEVES & C.ª, LD.ª
293 — Rua da Prata — 295

Pasta Medicinal Couto Evita e trata doenças da boca PORQUE É MEDICINAL

J. PIMENTA, S.A.R.L.

É UMA REALIDADE

na construção e venda de propriedades e no fabrico e venda de materiais de construção

APARTAMENTOS MOBILADOS À VENDA

CASCAIS

Tipo Week-End — 350 contos
Tipo Sol Poente — 470 contos
Tipo Serra Mar—470 a 520 contos
Tipo Cruzeiro do Sul—470 a 520 c.
Tipo Horizonte — 470 a 520 contos
Tipo Baía Azul — 520 contos
Tipo Luar de Agosto—600 a 680 c.

PAÇO DE ARCOS

B.º Comend. Joaquim Matias

	Contos
Tipo 313 A, B e C	190 a 220
» 319 A, B, C, D e E	275 a 300
» 320 A, B, C, D e E	280
» 321 A e B	350

REBOLEIRA

	Contos
Tipo 75 A, B e C	150
» 73 »	200 a 225
» 150 »	250

LISBOA

Olivais
desde 370 Contos

Apartamento Mobilado n/Tipo 150 — Quarto, sala comum e cozinha. Casa de banho e varandas. Equipado com mobílias de quarto e casa de jantar. Sala com jogo de naples e sofá cama de casal. Cozinha com fogão, frigorífico e esquentador Casa de banho com armário, espelho, toalheiros, etc.

Apartamento Mobilado n/Tipo 73 — Sala comum com cozinha acopiada, quarto, casa de banho e varandas. Mobílias de quarto, sala de jantar e estar, fogão, frigorífico, esquentador, etc. Casa de banho com armário, espelho, toalheiros, etc

O nosso maior lucro:

5000 CLIENTES SATISFEITOS

ANDARES À VENDA

CASCAIS

3	assoalhadas	550 Contos
4	«	700 «
6	«	1.100 «

PAÇO DE ARCOS

(B.º Comendador Joaquim Matias)

3	assoalhadas	370 Contos
4	«	410 a 425 «
5	«	480 «

REBOLEIRA

Tipo 160	4 assoalhadas	350 Contos
« 152A	6 «	440 «

AMADORA

3	assoalhadas	300 Contos
4	«	535 «
5	«	670 «

LISBOA (Olivais)

3	assoalhadas	325 Contos
4	«	425 «

50 mil contos de propriedades construídas para escrituras imediatas

Em Cascais vendem-se lotes de terreno para a construção de moradias

MORADIAS

CASCAIS
desde 650 contos

TERRENOS

Para construção em
Lisboa, Amadora e Paço de Arcos

GARAGENS

PAÇO DE ARCOS
Individuais desde 90 contos
AMADORA - REBOLEIRA
Lotes 6, 7 e 8 — 2 pisos 7.000 contos

ARMAZÉNS

AMADORA	600 contos
QUELUZ	550 contos
REBOLEIRA	de 150 a 5.000 contos
VENDA NOVA - AMADORA	1.200 contos

ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS

REBOLEIRA
desde 300 contos até 8.000 contos
CENTRO DA AMADORA
conjunto de estabelecimentos interligados 4.400 contos
PAÇO DE ARCOS
desde 300 contos, até 470 contos

Para venda a 9.000$ por m²
Aluguer a 60$ por m²

As economias mais modestas encontram nos nossos empreendimentos assegurado acesso à casa própria.

Só vendemos propriedades construídas pela nossa Empresa, em zonas de rápido desenvolvimento e valorização.

250 mil contos de propriedades em construção para venda

Informações:

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telefones 4 58 43 - 4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Telefone 93 36 70

PAÇO DE ARCOS: Bairro Comendador Joaquim Matias — Telefone 2 43 35 11
CASCAIS: R. Reg. Infantaria 19, n.º 30 — Telefone 28 25 75
CONJUNTO TURÍSTICO DA PAMPILHEIRA — Telefone 28 39 88

A BATA DE MODELO ÚMICO

CONTRA A PERSONALIDADE DOS JOVENS?

(Continuação da pág. central)

nhum, apologista do uniforme ou da bata ou bibes em série, em que as crianças formam um conjuntozinho monótono, despido de expressão. No infantário dos meus filhos, cada criança leva o seu bibe com o padrão e modelo que quer. São todos simples, coloridos e diversos, o que, além de ser visualmente agradável, é pedagógicamente certo.

A igualdade não se fabrica na escola e o uso de uniforme igual é até um meio muito ingénuo para um problema tão complicado. E as crianças não são iguais. Cada uma tem a sua personalidade, formada distintamente, pela acção de diferentes factores. E por outro lado, igualdade não quer dizer igualitarismo. A bata de modelo fixo nem sequer favorece a ilusão de igualdade entre as crianças. Espero que quando chegar a idade de os meus filhos irem para o liceu, esse esquema já esteja revisto.

A identificação não se faz através da bata ou do emblema...

Visitámos a Escola Comercial Patrício Prazeres, escola de um curioso regime misto, em que aulas e recreio são separados (e espacialmente bem afastados), e onde os jovens só saboreiam um mútuo convívio à saída da escola. Maria Irene, de 14 anos, aluna do 3.º ano, exprimiu a opinião do conjunto das suas colegas:

— *A nossa bata obedece a modelo único. A maior parte de nós não gosta deste modelo. Especialmente irrita-nos o facto da bata ser branca. Suja-se muito mais fàcilmente, e parecemos uma irmandade descolorida. Não é alegre. Pensamos que insistem no modelo fixo para evitar que as alunas façam da escola, uma passarela de modelos. Mas não remedeiam nada, porque quem quer despe a bata à saída e exibe-se na mesma. Mas não se nota quase nada esta necessidade de exibição. Geralmente vamos para casa de bata. As mais velhas é que, por vezes, a despem. Se escolhêssemos nós os tipos de bata, a cor e o feitio, se calhar nem as colegas dos últimos anos se desembaraçavam dela à saída. Quando não trazemos bata é um problema para justificarmos a sua falta. O mesmo se passa com o emblema. É para sentirmos a identificação com a escola, mas eu sentia-me muito mais ligada à escola com a modificação de certas coisas que não têm nada a ver com a bata ou o emblema...*

Quando já descíamos os degraus da escola, ainda fomos abordados por um grupo de três moços, que nos manifestaram a sua preocupação:

— *Veja lá se o jornal se põe a defender que nós, os rapazes, usemos bata? Veja lá o sarilho em que nos mete! Esse é negócio para as raparigas. Isso é bom para elas...*

Humildade e discreção: valores ou ilusões favorecidos pelo uso da bata?

Cetim negro é a nota dominante nas batas das alunas dos colégios das Irmãs Doroteias. Cetim negro e gola branca. Este último aspecto constituiu ponto de contestação tão vivo que, este ano, houve uma condescendência em relação à não obrigatoriedade do seu uso.

Rosa Maria de Carvalho, de 18 anos, do 5.º ano liceal desse colégio, falou-nos do uso da bata:

— *Creio que todas nós gostamos da cor e do modelo único. É prático e não dá ocasião a passagens de modelos, favorece a humildade e a discreção. Geralmente não tiramos a bata quando acabam as aulas. Não concordáramos com a terrível golinha branquinha, que dá um ar tão infantil, mas as Irmãs, este ano, não a impõem.*

Mafalda Cabral Moncada, de 15 anos, aluna do 5.º B, veio ter connosco e interpelou-nos vivamente:

— *Olhe ponha aí que detesto as batas!*

— *Se as freiras te ouvem!* alerta uma voz.

Mas a Mafalda continua:

— *Não me importo. As batas são tristes e feias. Ainda posso concordar com um modelo fixo, mas pelo menos, que tivesse uma cor diferente. Não a cor branca, das batas dos liceus laicos. Também não gosto. O que era bom é que conseguissem que nos mudassem a cor da bata...*

Um senhor que esperava a saída de uma jovem da família, deu também a sua opinião sobre o assunto.

— *Não lhe vou dizer se acho bem ou mal o uso da bata. Não tenho opinião sobre o caso embora, por princípio, seja contra a obrigatoriedade da sua utilização. O que eu penso, no caso concreto, é que bata de cetim negro é um requinte. Se se pretende com a bata cuidar os fatos, por exemplo nas aulas práticas o cetim e a cor não são os mais indicados para o efeito. Mas quando se paga 2000$00 a 2100$00 por trimestre no 5.º ano, 1600$00 no 3.º ano e 1700$00 no 4.º, até se justifica uma bata de requinte, não acha?*

Isabel Pinto Henriques, de 25 anos, é vendedora numa loja sita na Av. D. Francisco Manuel de Melo, onde se encontram expostos e se podem adquirir, os uniformes obrigatórios do Liceu Charles Lepierre.

Exibiu-nos prontamente os modelos referentes aos diversos graus de ensino e tivemos até curiosidade em averiguar o preço de custo. No ensino infantil, o bibe de popeline custa 70$00 a 80$00; no primário, a bata de sarja fica em cerca de 95$00 a 120$00. No liceal, as blusas de «terylene» medeiam, em função do tamanho, entre 165$00 e 180$00. Nas salas é possível a escolha entre dois modelos, um dos quais está avaliado entre 155$00 e 170$00 e o mais bonito em 220$00 a 255$00. Para os rapazes, a calça está fixada entre 205$00 a 250$00 e o casaco entre 495$00 e 570$00.

Os agasalhos fazem parte do uniforme: casaco comprido (700$00 a 730$00) ou casaco curto ou capa (395$00 a 420$00). Comentário de um senhor ocasionalmente presente:

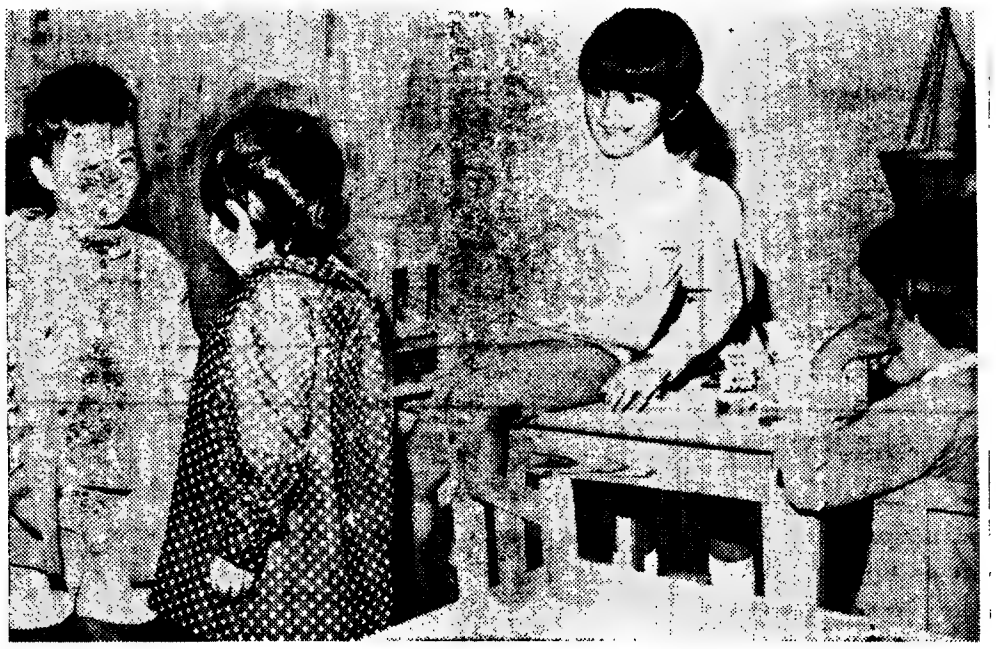
— *É preciso que os pais tirem primeiro um curso de banqueiros!*

O respeito pela personalidade da criança está em contradição com o uso de uniforme

Acabámos entre a diversidade colorida dos bibes das crianças do Jardim Infantil Pestallozzi. Lucinda Atalaya, a directora do centro, deu-nos a sua justificação do panorama não uniformizado, que deparámos nas salas.

— *Nunca adoptaremos o uniforme. Devemos respeitar essencialmente a personalidade e individualidade de cada criança. Este aspecto que para nós é fundamental, está em contradição com o espírito que leva a exigir o uso do uniforme. Não há mesmo lugar para a uniformidade no nosso esquema de ensino. As crianças são essencialmente diferentes, e o ensino tem que ter em conta essa diversidade das crianças que é afinal, a diversidade da pessoa humana. Não é o bibe igual que pode apagar essa diferença natural, tal como não apaga a diferença social. Estas diferenças manifestam-se na linguagem, na percepção. As crianças vestem aquilo que os pais lhes põem e é bom que respeitem o gosto da criança. O que vestimos, usamos e gostamos é uma forma de expressão da nossa própria personalidade. Por isso mesmo, dizemos firmemente não à uniformidade!*

Quando em Maio de 1968, os C. A. L. (Comités de Acção Liceal) davam por finda a era dos uniformes, tomavam uma posição em nome da liberdade de opção e realização individual de cada jovem estudante. Até que ponto o problema do uso da bata e do uniforme unicos e da sua obrigatoriedade é reflexo de toda uma escola em que o aluno é considerado elemento passivo, cuja personalidade se molda dócilmente? Eis a questão que fica em aberto.



«Diversidade colorida de bibes, manifestação da individualidade da criança»

TRINTA MIL ESTUDANTES TÊM DIREITO AO SILÊNCIO NA CIDADE DE COIMBRA

COIMBRA, 15 — Podem dizer que insistimos, somos teimosos, não nos calamos com aquilo que, parece, não presta para nada. Porém, enquanto se não tomarem as providências que o caso requer não deixaremos de protestar.

Vivemos numa cidade, diz-se, universitária por excelência. Por isso tudo devia convidar ao estudo, ao silêncio, para que o estudo resulte e a meditação ocupe o seu lugar. Devia, mas não acontece assim. Coimbra é uma cidade do barulho, desde as motorizadas sem tubo de escape — ou sem silencioso — os barulhos dos antiquados carros eléctricos e aos veículos pesados, e até, por tudo e por nada, e aos dias 10 de cada mês, ao meio-dia, as sirenes dos bombeiros (para verificar se trabalham, mesmo que tenham acabado de dar um sinal).

Francamente não atinamos para que diabo há-de a sirene tocar todos os dias 10 de cada mês, ao meio-dia, só para se saber se ela funciona. Para que será mais aquele barulho numa cidade que devia ser tanto quanto possível silenciosa?

Já não sabemos, na verdade, o que pensar sobre isto. Ainda há dias um colega local se insurgia contra o facto de uma ambulância passar na Rua Visconde da Luz com a sirene a pedir passagem e a causar pânico no público quando ia recolher à garagem; também nós vimos que uma ambulância da Beira, que se dirigia para os Hospitais da Universidade, em vez de subir a Rua dos Combatentes da Grande Guerra, mais perto e melhor caminho, preferiu passar nas Ruas Ferreira Borges e Visconde da Luz, fazendo grande barulho com a sirene a fim de lhe abrirem caminho.

Pela nossa parte perguntamos: Quando se resolvem a regulamentar os ruídos de uma cidade onde 30 mil dos seus 70 mil habitantes são estudantes?

CRÓNICA CINEGÉTICA

(Continuação da 1.ª página)

organismos venatórios é verdadeiramente irrisória: 25 por cento da receita total cobrada pela emissão de licenças. Não admira, portanto, que a fiscalização nos campos seja deficiente, que o repovoamento de espécies cinegéticas indígenas nos terrenos livres não exista em termos que resulte benefício, lacuna que só poderá ser atenuada quando aos coutos for imposta, como urge que o seja, a obrigatoriedade do cumprimento do disposto no art.º n.º 149 do Regulamento da Caça, o que não se tem verificado, por motivos que se desconhecem, como não tem sido cumprida a obrigatoriedade de criar corredores com a largura mínima de 600 metros entre as coutadas que atinjam a área máxima fixada para a respectiva região.

Dirigem a Comissão Venatória Regional do Norte os srs. coronel António Rodrigues dos Santos Junior, comandante da P. S. P. do Porto; dr. António Aurélio Babo Magalhães, eng. Ernani José da Silva, representante da D. G. dos Serviços Florestais e Aquícolas, dr. Fernando de Araújo Barros, Alberto de Castro Correia e Alberto Ferreira Ribeiro.

NABAIS DA CUNHA

INVÁLIDOS DO VOLANTE

A Casa de Repouso dos Motoristas Portugueses (Inválidos do Volante), promove no sábado, ás 20 e 30, na Avenida Almirante Reis, 1A, 2.º, uma assembleia geral para apreciação e votação do orçamento para 1971 e eleição de suplentes dos corpos sociais.

espiral

A MODA DE OUTONO/INVERNO 1970/71 CHEGA A LISBOA!

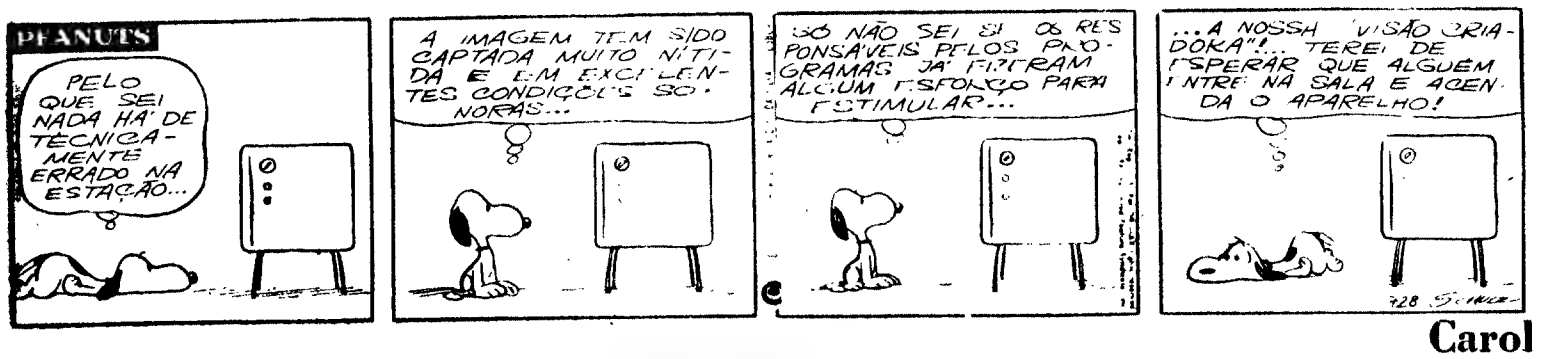
Pronto a Vestir Eduardo Martins, apresenta a sua colecção na calçada do Sacramento 10/2 LISBOA (Ao Chiado). A última palavra da elegância europeia. Cerca de 150 requintados modelos de pele, midi e maxi casacos.

EM

EDUARDO MARTINS & C.ª L.DA

PRONTO A VESTIR
Calçada do Sacramento, 10 LISBOA

Aventuras do Tio Carlos



Carol Day

Os Peanuts

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 15 de Outubro de 1940 publicava:

«**Palavras de Roosevelt, na hora das decisões graves e inadiáveis:** "Os Estados Unidos não carecem sòmente de armas, mas também de coragem, audácia e espírito de crifício".

Roosevelt preside a uma democracia onde vigoram os poderes do ouro e dos negócios. Como arrancá-la a tal subordinação? Eis o problema a resolver — como exaltar as qualidades que não vergam à lei dos mercados nem às solicitações da ambição?

PIANOS
VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indusria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

CAMISAS P/ MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

SE TEM AUTOMÓVEL
realize dinheiro s/ hipotecar, ou s/ transferir, s/ alterar o seguro; até 40 meses. Rua D. Estefânia, 81, 3.º, Dt. — Telef. 40049 - 563751
Aguardo sua visita ou telefoneme

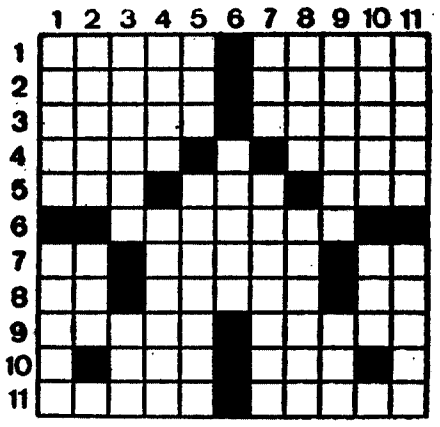
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5686

HORIZONTAIS: 1 — Sugar o leite materno. Da parte de cá. 2 — Ave pernalta. Torne curvo. 3 — Montes de areia produzidos pelos ventos à beira-mar. Cantores. 4 — Rio da Polónia (Inv.º). Gracejara. 5 — Ena. Donzela de Orleães. Freguesia do concelho de Penafiel. 6 — Repisa. 7 — Aqui. Ancar. Deus dos pastores. 8 — Prefixo que designa afastamento. Freguesia do concelho de Guimarães. Atmosfera. 9 — Arma ofensiva, de haste comprida terminada por um ferro pontiagudo. Rio de França. 10 — Rio da Suíça. Sufixo que designa abundancia. 11 — Freguesia do concelho do Seixal. Totais.

VERTICAIS: 1 — Freira. Bonança. 2 — Reuei. Faldo. 3 — Ordenar. Negativa. 4 — Homem de baixa estatura. Reunir em maço. 5 — Chefe etíope. Afiara. 6 — Charrua. 7 — Bebido usado nas Índias Orientais. Olhos (Gir.). 8 — Exige. Espesso. 9 — Tramara. Medida de líquidos na Holanda. 10 — Cidade de Portugal. Igual. 11 — Móveis sobre os quais se come. O mesmo que Arauás



Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o pro-

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5685

HORIZONTAIS: 1 — Rim. Tirocaro. 2 — Om. MANDRIAR. 3 — Geo. Ia. Sc. 4 — Baro. Lava. 5 — Ara. Airada. 6 — Remorderiam. 7 — Marcam. Aro. 8 — Riam. Prior. 9 — Vã. Or. Lis. É. 10 — Amolaria. In. 11 — Repassa. Grã.

VERTICAIS: 1 — ROUBAR. Ovar. 2 — Im. Arem. Ame. 3 — Gramar. Op. 4 — Meã. Oriola. 5 — Tão. Ancaras. 6 — Rn. Lidam. Rs. 7 — Odiarem. Lia. 8 — Cravar. Piiá. 9 — Aí. Adiais. 10 — Ras. Aaro. Ir. 11 — Arca. Morena.

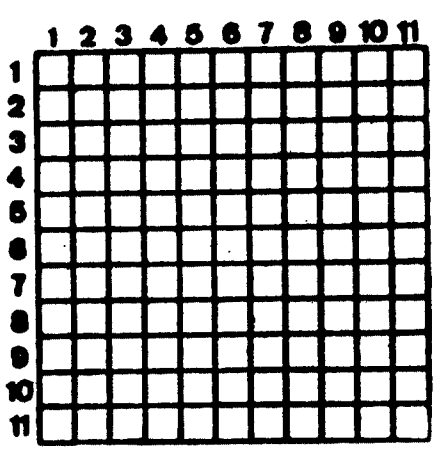
PROVÉRBIO: **Mandriar é roubar.**

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9529

HORIZONTAIS: 1 — Sussurro. Pôr a data em. 2 — Pronome pessoal (pl.). Simples. 3 — Cotocou. Lixo. 4 — Artigo definido. Salta com a voz sons musicais. Compoixão. 5 — Defraudar. Ver. 6 — Grande extensão de montanhas ligadas umas ás outras. Aprontam. 7 — Agência telegráfica de Imprensa. Desgraça. 8 — Batráquio. Derrotem. Prefixo de negação. 9 — Conceder. Matemática. 10 — Bo'o da Páscoa. Apelido. 11 — Olhos atentamente. Apelido

VERTICAIS: 1 — Dormira. 2 — Gritos. Eia. Letra grega. 3 — Espaço de trinta dias. Acreditei. Coração. 4 — Artigo definido. Coragem. Freguesia do concelho de Monção. 5 — Colegas. 6 — Escave. As regiões superiores da atmosfera. 7 — Desprender as peias. 8 — Cofre. Caminha para oá. Pronome pessoal. 9 — Tanto. Lírio. Maior. 10 — Campeão. A mais velha de determinadas mulheres. Pequeno barco de recreio. 11 — Nome dado por Bartolomeu Dias ao cabo da Boa Esperança



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9528

HORIZONTAIS: 1 — Acalmaram. 2 — Apeares. 3 — Ni. Agora. Ur. 4 — Garra. Atola. 5 — Serasas. 6 — AC. Si. Ti. At. 7 — Toa. Ará. Ame. 8 — Enram. Rédea. 9 — Ramo. Arar. 10 — Ria. Ana. Ora. 11 — Assoa. Pisam.

VERTICAIS: 1 — Inglaterra. 2 — Ia. Corais. 3 — Cá. Rs. Armas. 4 — Apares. Ao. 5 — Legariam. Aã. 6 — Mão. In. 7 — Arrastar. 8 — Reatai. Ea. 9 — Ás. Os. Adro. 10 — Ul. Ameara. 11 — Prantearam

A SITUAÇÃO NA RUA DO VALE FORMOSO

Do sr. Fernando Rodrigues Garcia, morador na Rua do Vale Formoso, recebemos a seguinte carta, relativa á reportagem publicada na edição do nosso jornal de 2 do corrente:

Foi com o maior interesse que eu vi publicada no «Diário de Lisboa», a reportagem sobre a Rua do Vale Formoso da qual só o nome é formoso.

Quero agradecer a forma com que encararam o problema dos habitantes da citada rua. É, como dizem, um inferno. Ainda há pouco tempo uma explosão na Petroquímica queimou a ramagem e arbustos que lhes ficam em frente. Felizmente não foi na direcção das habitações, se não poderia ter provocado desastres.

Diz o sr. eng. Machado da Silva que tudo, desde ruídos de fazer doer a cabeça, a gases de toda a espécie, são normais. Ora se já sabiam de antemão que vinham destruir a calma com que toda a gente vivia, porque o fizeram? Se os culpados se vissem envolvidos neste inferno que cada vez é maior, o que fariam? Iriam ás entidades superiores apresentar os seus protestos e, bafejados pela boa estrela, fugiam a este inferno, pois que vivendo em áreas menos poloidas, têm as suas vivendas no campo, ou na praia, onde fazem a purificação dos pulmões.

Tenho uma parreira em que as folhas até são peganhosas do cacimbo que cai do fumo das chaminés. Já as tenho dado aos coelhos e não é o primeiro que morre. Será dos resíduos? Por vezes o fumo parece orvalho. A minha mulher tem os nervos arrazados. Chega a tomar 2 e 3 Valiuns e 5 seguidos para a ver se sossega. E já não é a primeira vez que mandam evacuar as pessoas das casas que ficam mais perto. Com respeito ao comboio o problema é outro. Mas o mais grave é o facto de já há bastante tempo não funcionarem os sinais luminosos e sonoros da passagem de nível, o que me ia sendo fatal, pois, não me apercebi da aproximação do comboio que vinha de Et.ª Apolónia. Outra coisa importante era a *desratização* daquela zona, pois, tenho apanhado ratinhos do tamanho de coelhos!

As pessoas que acham isto normal, deviam vir até cá fazer as suas férias grandes...»

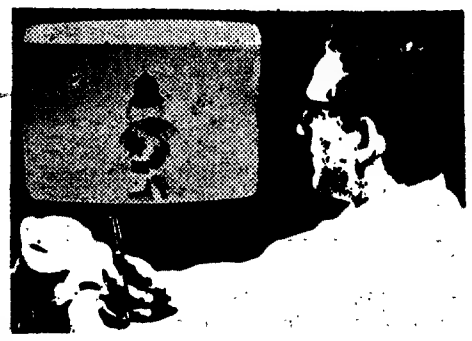
NOVO TRIBUNAL JUDICIAL DE VAGOS

VAGOS, 14 — Na Câmara Municipal foram abertas as propostas para construção do edifício destinado ao Tribunal Judicial e admitidas três delas: da Empresa de Construções Ciferro (Coimbra), Construções Sorene (Lisboa) e construções Brasília, Lda. (S. João da Madeira), respectivamente, nos valores de 7 711 762$90, 7 198 034$10 e 7 140 000$.

Este último concorrente anuncia que pode executar a obra no prazo de 450 dias, inferior em 100 dias ao previsto no caderno de encargos.

ALCATIFAS
TECIDAS — TUFADAS
FLOCADAS — AGULHADAS — PLÁSTICAS
TAPEÇARIAS
NÓLÃ
AV. DA REPÚBLICA, 20-A
Telef. 53 33 10

MAIORES DE 17 ANOS AMBIENTE SELECCIONADO
MÁRIO SIMÕES
E O SEU CONJUNTO
no «BOITE»
HIPOPÓTAMO
SERVIÇO DE CEIAS
MARQUE A SUA MESA PELO TELEFONE 48384
AVENIDA ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR N. 3
ABERTO DAS 22 ÀS 5 H (Encerrado aos domingos)



CANAL DA CRÍTICA

por MÁRIO CASTRIM

GINA MARIA, ARTUR GARCIA, OS VINGA DORES

GINA MARIA

Não admira mesmo nada que Leonard Bernstein seja, entre nós, um verdadeiro caso de popularidade. Na América, lá onde a TV atingiu o máximo da degradação e da humilhação, na América também o foi. As razões mais uma vez ontem estiveram evidentes: aquela extraordinária capacidade de comunicação que faz de cada intervenção um espectáculo; a sua confiança na força da arte e o crédito que amplamente abriu ao publico (especialmente aos jovens) quanto a uma possibilidade de adesão. A emissão de ontem já foi repetida não sei quantas vezes nestes ultimos anos. Pouco importa: contém matéria para interessar e prender de cada vez que acontece.

O serão foi dominado por mais um episódio dos «Vingadores». Não se compreendeu tudo muito bem, mas isso de pouco valia. O que valia era a necessidade de passar umas rasteiras aos telespectadores assustadiços e para isso todos os meios foram bons: gibóias esfaimadas, ratazanas, escorpiões, escaravelhos, pedreiras (onde se mata ou se é morto» e um túnel «para servir de teste de pesquisa dos nossos povores secretos.» Um túnel, aliás, que fazia lembrar a casa dos fantasmas ali da Feira Popular... O que vale é que o impagável Steed e a Tara King são os primeiros a não levar nada daquilo a sério. Ora por que haviamos nós de ser mais papista do que o papa...

Tudo quanto tenho vindo a dizer serve apenas de pretexto para demorar, para ganhar tempo, para saborear o instante em que deverei referir-me a um dos maiores acontecimentos na Televisão portuguesa desde a batalha de Cangas ou Covadonga: o seu TV Clube que, só por mero engano, não foi incluido na rubrica «Primeiros aplausos».

Nele se estrearam dois jovens e promissores cançonetistas do nosso meio: Gina Maria e Arutur Garcia. Mais importantes do que o seu valor intrinseco são contudo os caminhos que apontam e que servirão de base á musica ligeira portuguesa: ela toda voltada para o aproveitamento do nosso folclore, para o que fez pesquisar. inclusivamente, em Castelo Branco e seu termo: ele inteiramente devotado á canção urbana para o que se fez rodear de grandes poetas de Xabregas e de Oeiras.

Nas canções folclóricas de Gina Maria

ARTUR GARCIA

transpareceu toda a melodia e graciosidade da alma portuguesa. As produções atingiram mesmo um alto expoente de lirismo, como se pode ver pela seguinte quadra:

Tenho dentro do meu peito
uma laranja partida
para dar ao meu amor
que anda de beiça caída.

Noutras cantigas predominava um fino sentido de ritmo, da graça popular, com laivos de intenção política muito actualizada, se atendermos ao estribilho:

Volta à direita
volta à esquerda
volta à direita
muchacha galega...

Nos intervalos das canções, Gina Maria esvoaçava inefàvelmente pelo estúdio. Foi um regalo para a vista tamanho espectáculo cheio de espiritualidade, que tinha, para mais, o mérito de ser silenciosa.

Quanto a Artur Garcia, jovem estreante na nossa televisão, não sabemos que mais admirar: se os braços compridos, se os olhinhos em alvo, se o dramatismo da actuação, se o cinto de fantasia. A qualidade poética das suas canções é outra nota positiva a assinalar. Estou a recordar-me, por exemplo, daquele verso em que se diz «*não vês que estou morrendo em vida esperando por ti...*»

Aguardamos agora que a Televisão portuguesa não se feche em copas e, mesmo em *play-back*, não nos deixe de dar muitas vezes os jovens artistas de ontem. Precisamos de ouvi-los com frequência. Precisamos de sentir que em Portugal não se perdeu o sentido do canto, quando temos necessidade. Precisamos de saber que no mundo das canções, o nosso País está ao nível do que melhor se pratica no estrangeiro.

Queria, ainda, dizer-lhes qualquer coisa Mas não me lembro, não me lembro. Aqui abafa-se. Vou desapertar o colarinho, descalçar-me, abrir a janela e fazer queixa às longínquas estrelas. Queixa de quê? De quem?... Nem eu sei. Ah, esta vontade de deitar a cabeça no regaço materno e nada mais desejar senão que a Noite passe depressa...

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: «Falua», programa infantil por Ana Maria; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Ginástica de Pousa, pelo dr. Marques Pereira; Programa da tarde; 17 e 35: Do Choupal até á Lapa; 18 e 10: Portugal Missionário, pelo padre Augusto Mario; 18 e 40: Musica e Sonho; 19 e 45: Rádio Rural — Musica, só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 20: 10.º Episódio do Folhetim «A Cidade e as Serras»; 21 e 05: Espectáculo: Magazine de Teatro, por Jorge Figueiredo de Barros; 21 e 25: Conjuntos ligeiros; 21 e 40: Canções de Portugal; 22 e 30: Noite de Teatro: «A Vida é Sonho», de Calderon de la Barca, numa adaptação do dr. Leopoldo de Arcujo; 23 e 30: Programa da noite; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16 e 23: Solo de piano—Oito Variações K. 24 (Mozart). Karl Engel, piano; 16 e 36: 2.º acto da ópera «O Matrimónio Secreto» (Cimarosa); 17 e 35: Sonata N.º 1, para violino e piano (Somers). Violino, Mamie Hidy; piano, Chester Duncan; 18: Musica do Século XX; 19: Tempo Literário; 19 e 25: Folclore português —Cantos tradicionais da região de Évora, recolhidos e seleccionados por Michel Giacometti e Lopes Graça; 19 e 40: Musica de piano; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Resumo do programa — Musica instrumental; 20 e 30: Parte de um concerto pelo Coro Polyphoni,a sob a direcção do cantor-mor José Augusto Alegria, realizado na Igreja S. Roque, em Lisboa; 20 e 53: Quinteto de cmaora; 21: A Orquestra «Zimbler String Sinfonietta» — Tema e 4 Variações «Os 4 Temperamentos» (Hiindemith); 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital de Piano, por Berta Rosa Delgado — 12 Canções sem palavras (Mendelssohn); 22 e 20: Poemas Sinfónicos; 22 e 58: Fecho.

Programa MF 2—94,3 mc/s. — Às 23: Musica de Piano; 23 e 30. Intercambio Musical — Festival de Viena de 1970 (emissões cedidas pela Radiodifusão Austraca); Parte de um Concerto pela Orquestra Sinfónica de Viena, sob a direcção de David Oistrakh — Sinfonia n.º 5, op. 100 (Prokofieff); 0 e 15: Sonata n.º 7, em dó menor op. 30 n.º 2, para violino piano (Beethoven); Davirl Oistrakh, violino; Lev Oborine, piano; 0 e 45: Solitério (Camille Schmit). Raymonde Serverius, contralto; Pauline Marceille, piano; Elementos do Quarteto Rondo, 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s. — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 12: Flash-Back; 19 e 35: Radioscopia; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 21: Musica portuguesa; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15. Contraponto; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 08: Tempo-Novo; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Ouando o telefone toca; 23 e 05: Mensagens Bíblicas; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P B X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nosso; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C D C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa-noite Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; em FM; 22 e 02: Programa á 1 e 02: Banda Sonora; 2 e 02: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Decote do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée Teatral; 19 e 03: Miscelanea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 05: Só-Rádio; 21 e 40: Contrastes musicais; 21 e 45: O Arcuto da Verdade; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 2 e 30: Carrossel-3; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 23,2 mc/s — 1286 kc/s. — Às 16: Radiorama; 18: Canta Andy Williams; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 04: Esquema; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: A Voz de Amália; 21 e 45: A orquestra e coros de Ray Conniff; 2: Quando o telefone toca; 2 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora e Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA—Onda médic—188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22, **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — *1.º período* — Às 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: Feminino singular; 13 e 15: Filme de série «Julia»; 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 14: Mini-decoração; 14 e 15: Logo á noite; 14 e 20: Fecho. *2.º período* — Ciclo preparatório TV — Às 14 e 40: Matemática (1.º ano); 15 e 5: Língua Portuguesa (2.º ano); 15 e 30: História Geog. de Portugal (1.º ano); 16: Francês (2.º ano); 16 e 25: Trabalhos manuais (1.º ano); 16 e 50: Educação Musical (2.º ano); 17 e 25: Matemática (2.º ano); 17 e 50: Língua Portuguesa (1.º ano); 18 e 15: Ciências da Natureza (2.º ano); 18 e 40: Francês (1.º ano); 19: TV Educativa, Física Moderna; 19 e 30: Telejornal, 2.ª edição; 19 e 45: TV Juvenil — Os Homens, os Livros e as Coisas; 20 e 10: Cartaz TV; 20 e 30: Em foco; 20 e 55: A moda Outono-Inverno / 1970-71; 21 e 30: Telejornal; 22: Série do Oeste, «Cimarron Strip»; 23 e 30: Marcha do Mundo; 23 e 35: Meditação e fecho

II PROGRAMA — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Um dia com...; 22 e 30: Concerto, recital de piano por Sérgio Varela Cid, que interpreta a «Sinfonia Op. 26», de Samuel Barker; 22 e 40: Série de aventuras «O Santo»; 23 e 30: Fecho.

Actualidade internacional

Hussein: o povo tem o direito de combater Israel

AMA, 15 — (F. P.) — Além do discurso radiodifundido ontem á noite, o rei Hussein concedeu ainda uma conferência de Imprensa na sede da televisão jordana. Depois de afirmar que «o acordo concluido com os «comandos» abre o caminho a uma Jordânia moderna, baseada na unidade e na cooperação dos seus filhos», o soberano hachemita prontificou-se a responder ás perguntas dos jornalistas:

— Como concilia o apoio do Exército jordano aos «comandos» com o cessar-fogo israelo-jordano?

— O nosso povo tem o direito de combater a ocupação israelita, enquanto os territórios jordanos estiverem ocupados.

— Que pensa da seguinte opinião acerca dos recentes acontecimentos: «O Exército jordano alcançou uma vitória militar e os «comandos» uma vitória política?»

— A Jordânia é hoje mais forte que nunca, militar e moralmente. Graças á unidade nacional, nem uma gota de sangue foi derramado nesta terra entre 1953 e 1967 (durante o reinado de Hussein).

— Pensa que o acordo com os «comandos» será respeitado?

— Não há razão para duvidar da aplicação deste acordo. Estamos resolvidos a executá-lo e pensamos que a outra parte fará o mesmo.

— Está a receber presentemente assistência militar dos Estados Unidos?

— Sempre recebemos armas e material militar dos Estados Unidos, da Inglaterra e dos outros países europeus. Essa assistência não foi interrompida nos ultimos anos e prossegue actualmente.

— O Governo jordano pediu, durante os recentes acontecimentos, a intervenção militar dos Estados Unidos ou da Inglaterra?

— Efectuámos diligências junto dos Governos americano e britânico, para os informar dos acontecimentos, mas não lhes pedimos uma intervenção directa, pois julgávamos ser capazes de equilibrar a situação pelos nossos próprios meios.

OS EUA À BEIRA DA RECESSÃO DEVIDO À GREVE NA G. M.

WASHINGTON, 15 — (F. P.) — É cada vez mais considerável o peso da greve dos operários da General Motors no conjunto da economia americana, greve que dura há um mês e para a qual não se vislumbra nenhuma perspectiva de solução rápida. Até agora, as duas partes têm concedido prioridade ao estudo das 38 900 reivindicações locais das fábricas em greve, mas só umas vinte conseguiram solucionar os seus conflitos internos.

Os especialistas entendem que vão ter cada vez mais repercussões no conjunto da economia americana, pois a industria automobilística é um dos maiores clientes das outras industrias. Até ao presente, as fábricas «fornecedoras» têm acumulado reservas para evitar o abrandamento da sua cadência e o despedimento de pessoal, mas estão a chegar ao limite da sua resistência financeira. Já foram despedidos 60 000 operários pela G. M. ou pelas empresas que trabalham para ela. Algumas análises económicas recentes concluem que se a greve durasse dois meses, meio milhão de operários perderiam o seu emprego, elevando a taxa nacional de desemprego de 5.5 para 6 por cento.

O primeiro mês de greve custou um milhão de dólares por semana em vendas e salários perdidos. O efeito de bola de neve pode elevar este custo semanal para 2 biliões. Além disso, o prolongamento da greve para além de dez semanas vai fazer baixar sensivelmente o produto nacional bruto do primeiro trimestre, isto faria regressar os Estados Unidos á beira da recessão que o Governo de Nixon se gaba de haver evitado.

Completo desacordo entre a FLQ e as autoridades do Quebec

MONTREAL, 15 — (R.) — A guerra de nervos entre as autoridades canadianas e a Frente de Libertação do Quebec atingiu hoje novo acordo sobre o prosseguimento das negociações com vista á libertação dos dois reféns raptados pelos extremistas.

O primeiro-ministro do Quebec Robert Bourassa disse ontem á noite aos jornalistas que continuar a ter esperança de que as vidas dos dois homens poderão ser salvas, mas admitiu que a crise provocada pelos raptos do diplomata britânico James Cross e do ministro do Trabalho Pierre Laporte é uma das mais graves da história do Quebec.

Entretanto, o advogado Robert Lemieux, que a FLQ encarregou de conduzir as negociações com o Governo, recusa-se a sair de Montreal para ir á cidade de Quebec conferenciar com o advogado Robert Demers, que representa o Governo nas negociações.

O jovem advogado disse ontem numa conferência de Imprensa que tem de comparecer em tribunal na sexta-feira em Montreal para responder a acusações relacionadas com as suas ligações com a FLQ e, por outro lado, afirmou não ter dinheiro para as viagens.

Demers partiu ontem á noite para Quebec afim de se avistar com o primeiro-ministro Bourassa, o qual acusou Lemieux de «tácticas dilatórias» por se recusar a prosseguir as negociações naquela cidade.

TORRES DEPURA O EXÉRCITO

LA PAZ, 15 — (R.) — O presidente Juan Jose Torres, que assumiu o poder na Bolívia há uma semana, começou a depurar o Exército, transferindo para fora da capital os oficiais de mais elevada patente que se opuseram ao seu regime.

O comandante supremo, general Luis Tejeran, que foi nomeado para aquele cargo pouco depois de Torres ter dominado a rebelião das direitas na quarta-feira passada, disse aos jornalistas que o presidente vai dar «novas funções» aos chefes militares, no âmbito de uma remodelação geral das Forças Armadas.

O general não deu pormenores mas fontes bem informadas revelaram que essas novas funções são em postos da província em locais remotos.

Foram abrangidos por essa depuração os oficiais conservadores do regimento Ingavi que durante três dias se recusaram a reconhecer o novo Governo.

Entretanto, enquanto o presidente Torres procura consolidar a sua posição, afastando os adversários das direitas, os seus partidários da esquerda começam a exercer pressões exigindo aumentos de salários para os operários e camponeses e participação na gestão das empresas onde trabalham.

O PRÍNCIPE CARLOS DE INGLATERRA representou sua mãe nas cerimónias da independência das Ilhas Fidji. Ei-lo a discursar em Suva, a capital do arquipélago. As Fidji estiveram sob domínio britânico durante 96 anos. São, agora, o 30.º membro do Commonwealth

A SITUAÇÃO EM REGGIO DE CALÁBRIA

«SLOGANS» DO TEMPO DE MUSSOLINI INCITAM À RESISTÊNCIA

REGGIO (Calábria), 15 — (F. P.) — «Morte aos que se entregaram»: Este «slogan» que serviu de divisa aos fiéis de Mussolini durante a Republica de Salo (1943-45), encontra-se em cartazes há uma semana em todas as ruas de Reggio de Calábria. Este «slogan», repetido também em letreiros presos a fios de electricidade, prova suficientemente a determinação da população de Reggio que, depois de ter constituido «repúblicas de bairros», organiza-se, segundo parece, para uma longa resistência.

Os oito mil carabineiros, policias e militares, cujas equipas foram ontem reforçadas, sentem grandes dificuldades para proceder a um «contrôle» eficaz da cidade, mergulhada num caos aparentemente impossivel de ordenar. Reggio encontra-se cheia de barricadas que foram erguidas com todas as espécies de materiais: automóveis voltados, postes telegráficos abatidos, cadeiras, mesas, armários... Centenas de barricadas foram mesmo construidas em cimento armado e as forças da ordem procuram agora destruí-las com o auxilio de «bulldozers».

A cada uma das suas tentativas, os policias são atacados á pedrada e «cocktails Molotov», que saem de improviso dos edificios vizinhos.

O calor de um Verão que se prolonga torna-se insuportável devido ao gás lacrimogéneo das granadas que rebentam por toda a parte a intervalos regulares logo que cai a noite.

A MALÁSIA FAVORÁVEL À ENTRADA DE PEQUIM NAS NAÇÕES UNIDAS

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 15 — (F. P. e R.) — O primeiro-ministro adjunto da Malásia, Ismal, anunciou ontem, durante uma conferência de Imprensa na O.N.U., que a Malásia votaria, pela primeira vez, este ano a favor da admissão da China Popular na O.N.U.

Com a China Popular na O.N.U. aproximar-nos-emos do nosso objectivo de neutralização do conjunto do Sudeste Asiático, declarou o primeiro-ministro adjunto da Malásia.

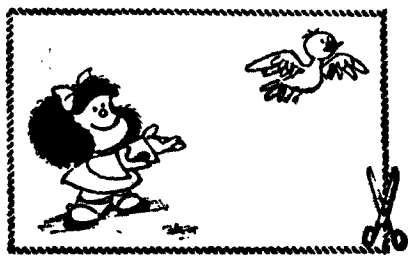
Dezoito membros da O. N. U., incluindo os Estados Unidos, propuseram a noite passada que a questão da admissão da China na organização mundial fosse novamente considerada como «um assunto importante» exigindo uma maioria de dois terços.

Os copatrocinadores da proposta de «assunto importante» foram a Austrália, Brasil, Costa Rica, Gabão, Haiti, Jordão, Lesoto, Madagascar, Malawi, Nova Zelândia, Nicarágua, Paraguai, Filipinas, Espanha, Suazilândia, Tailândia, Togo e Estados Unidos.

aí vem a Mafalda, outra vez

PONHA A MAFALDA A VIAJAR: Para receber em sua casa, no próprio dia da saída este novo álbum, contra reembolso e sem aumento de preço (que é de 20$00), basta recortar a MAFALDA, colar num postal, pôr o remetente e enviar a Publicações Dom Quixote.

UMA BANDA DESENHADA D. QUIXOTE — RUA LUCIANO CORDEIRO, 119, LISBOA-1



A URSS APRESENTOU UM PLANO PARA SOLUCIONAR O CONFLITO ISRAELO-ÁRABE

MOSCOVO, 15 — (R.) — A União Soviética apresentou hoje propostas para uma solução politica do conflito do Médio Oriente, planeando zonas desmilitarizadas e a introdução de tropas das Nações Unidas para manterem a paz.

Garantias directas das quatro grandes potências — União Soviética, Estados Unidos, Grã-Bretanha e França — ou do Conselho de Segurança da ONU encontravam-se incluídas nas propostas, segundo revelava a Tass citando o jornal do Partido Comunista soviético «Pravda».

Ao mesmo tempo, a «Pravda» acusava indirectamente os Estados Unidos e Israel de frustrarem a paz no Médio Oriente e prevenia que tentativas para exercer pressão sobre o Kremlin não surtiriam efeito.

As propostas soviéticas para resolver o conflito israelo-árabe foram divulgadas num artigo do jornal com o título «O caminho para uma paz justa.»

Declarando que o plano soviético estava a ser ignorado pela propaganda ocidental, o artigo dizia: «As propostas soviéticas foram formuladas com base numa análise sóbria da situação no Médio Oriente e tendo em devida consideração as posições assumidas pelos participantes no conflito, assim como as consultas bilaterais e quadrilaterais sobre uma solução para o Médio Oriente.

«Partimos da necessidade de estabelecer uma paz justa e duradoura no Médio Oriente, é absolutamente óbvio que tal paz não pode ser assegurada encorajando o agressor e não pode haver uma paz estável sem a retirada das tropas israelitas dos vastos territórios árabes que tomaram.»

«Em segundo lugar, as nossas propostas fornecem não uma simples proclamação de paz no Médio Oriente, mas um acordo mutuamente obrigatório entre as partes.

«Contactos através do enviado especial do secretário-geral da O.N.U., dr. Gunnar Jarring, podem transformar-se numa forma real de conseguir isso nas restantes condições.

«Em terceiro lugar — prossegue a «Pravda» — as propostas soviéticas garantem uma concretização prática de todas as proposições inter-relacionadas da resolução do Conselho de Segurança.»

O artigo notava que os dois pontos principais da solução — retirada de Israel de todos os territórios árabes ocupados em 1967 e o estabelecimento simultâneo de uma paz justa e duradoura no Médio Oriente — estavam orgânicamente inter-relacionados e deveriam ser estudados como tal.

Com esse objectivo, as propostas soviéticas previam que no momento em que um documento final, com que se concordasse por intermédio do dr. Jarring, fosse apresentado á O.N.U., as partes deveriam abster-se de acções violando o fim do estado de guerra.

«O fim «de jure» do estado de guerra e o estabelecimento da situação de paz começam no momento do termo da primeira fase da retirada de tropas israelistas (a retirada pode ser efectuada em duas fases) de territórios ocupados em Junho de 1967.»

«As propostas soviéticas projectam, também, a criação de zonas desmilitarizadas em ambos os lados da fronteira a essas zonas não serão concedidas vantagens para qualquer dos lados e serão aplicadas a elas restrições de uma natureza puramente militar) para a introdução de tropas da O.N.U. em alguns pontos e para garantias directas pelas quatro potências ou pelo Conselho de Segurança da O.N.U.»

A MINI-SAIA continua a ser preferida pela mulher sueca. Em Estocolmo, a actriz Leena Skog, de 19 anos, organizou uma manifestação contra a maxi, a midi e os caprichos dos costureiros, que manipulam a seu bel-prazer a moda

Agrava-se o estado de Waldeck Rochet

PARIS, 15 — (A. N. I.) — A Comissão Central do Partido Comunita Francês anunciou hoje que o estado de saude do secretário-geral do Partido, Waldeck Rochet, de 65 anos, tem «piorado consideràvelmente nas ultimas semanas».

NORMA

Sociedade de Estudos para o Desenvolvimento de Empresas, S. A. R. L.

Av. 5 de Outubro, 122 - LISBOA

— Quais os progressos nas técnicas de previsão?

— Quais as novas técnicas de orçamentos específicos?

— Como implantar na empresa instrumentos eficazes de previsão e controle?

Aperfeiçoamento do CONTROLE ORÇAMENTAL

Curso — de 24 horas de duração
A realizar em Lisboa de 20 a 28 de Outubro

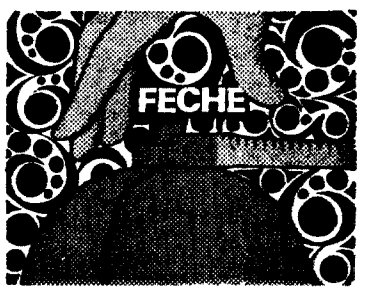
Interessa a responsáveis pela Gestão Superior da Empresa, Quadros Directivos em geral, Responsáveis pelo Controle de Gestão.

O curso será orientado pelo **DR. JUAN ABAD**, director financeiro da «Metalurgia Santana SA» (Land Rover) — Madrid, professor do «Centre Europeu para la Formation de Directores, de Consultores ESPAÑOLES» SA e da «ESCUELA SUPERIOR DE INGINIERES COMERCIALES» (Marketing) — Madrid.

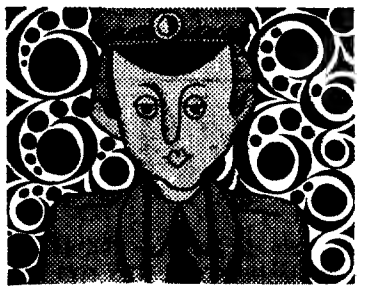
De acordo com a orientação da NORMA o curso apresenta conjuntos específicos de princípios já testados, métodos e técnicas adaptados inteiramente ao caso português.

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES
NORMA — CENTRO DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO
Avenida 5 de Outubro, 122-5.º — LISBOA — Telefone 76 77 11/12

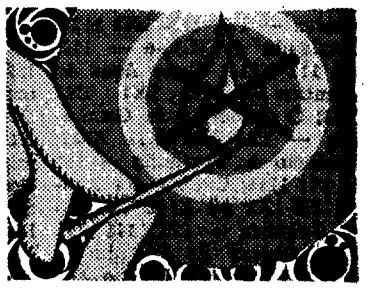
Precauções a tomar com o gás engarrafado



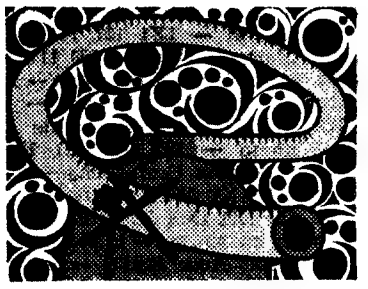
Feche a garrafa quando não estiver em serviço.



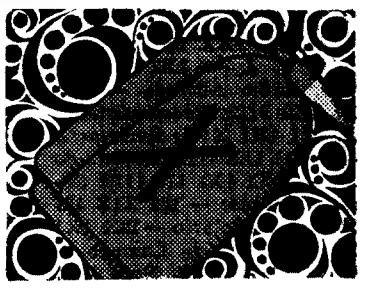
Cheiro indica fuga feche a garrafa, areje o local, chame os serviços competentes.



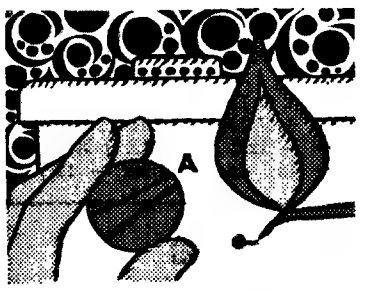
Nunca empregue lume para localizar uma possível fuga.



Verifique o tubo de borracha



Não deite nem role a garrafa.



Abra o gás depois de ter o fósforo aceso

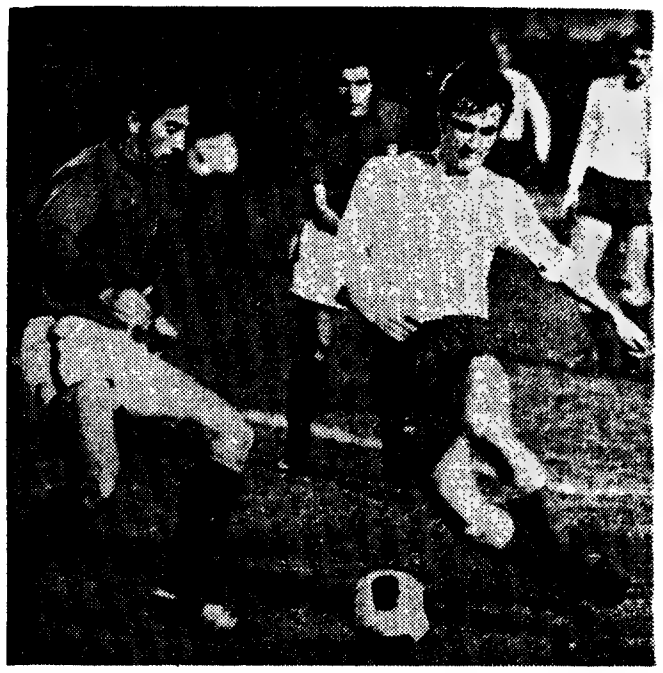
SEGURANÇA

Campanha de Segurança do Gás Engarrafado

DIRECÇÃO GERAL DOS COMBUSTÍVEIS

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

DESPORTO



Quinito, o magnífico centro-campista do Belenenses e da selecção das «Esperanças». O seu golo manteve o tom verde do sentimento...

«Esperanças»: Portugal, 1 - Dinamarca, 1

NÃO GUARDES PARA A 2.ª PARTE O QUE PODES FAZER NA PRIMEIRA...

A selecção portuguesa de «esperanças» não foi além de um empate (1-1) com os amadores dinamarqueses, no jogo de ontem à noite no Estádio José Alvalade. E se não conseguiu ir mais longe foi porque incorreu num grande equívoco: deixou para a segunda parte o que poderia ter feito na primeira. E isto é sempre um erro, há muito denunciado pela chamada «sabedoria popular».

Na verdade, com as suas branduras iniciais, os futebolistas portugueses, deram ânimo e confiança aos adversários, permitindo que eles se organizassem e acreditassem no êxito.

Terá havido, talvez, sobranceria, ou inibições provenientes duma ligação precária. Foi evidente que o «team» nacional, em vez de tomar o comando e ditar a lei do melhor (os mais fortes, fisicamente, eram «os outros») viu a equipa dinamarquesa correr, antecipar-se e tomar a iniciativa.

Os visitantes, assim que perderam o respeito aos «nossos» mostraram imediatamente ao que vinham: defender o que aparecesse e abrir jogo aos extremos, que «amarravam» os defesas laterais portugueses á sua zona e não hesitavam em progredir no terreno. A representação portuguesa, entretanto, procurava entender-se mas a improvisação a que recorria não tinha a base indispensável para vingar. O individualismo assentou praça nas nossas hostes e a profusão de cruzamentos por alto, para dentro da grande área dos nórdicos tornou-se tão frequente como improficua

Mais serenos, os dinamarqueses tiraram proveito disso e, depois de haverem criado algumas oportunidades, marcaram o seu golo, aos 41 minutos. Uma infiltração do ataque foi deficientemente cortada por Adriano, que desviou a bola para o lado direito, onde estava Nielsen. Este recebeu a bola e atirou com boa pontaria.

Na segunda parte, o conjunto português actuou mais dentro daquilo que lhe competia. Mesmo sem brilho ou fluência, as «esperanças» do nosso futebol caregaram no acelerador e instalaram-se no meio-campo contrário. Aí decorriam os três quartos de hora restantes.

Ao sentir a ameaça, todo o grupo visitante recuou, indo decididamente a todas as «dobras», cobrindo os pontos de passagem da bola e dos adversários. Bem se esforçaram Dinis e Vítor Baptista, e também Diamantino, que entrara neste tempo, para romper a muralha dinamarquesa. Quinito colaborou igualmente, com energia e visão, na subida da equipa, teimosa mas precipitada no assalto á baliza contrária.

Contudo, o tento da igualdade saiu precisamente de um lance de futebol corrido e bola rasa. Dinis serviu excelentemente Quinito e este, com um remate surpreendente, bateu Larsen.

Aumentou a velocidade do «onze» português mas redobraram as precauções dos dinamarqueses, sempre colocados no sítio certo, tanto mais que as tentativas dos lusos pecavam por certa uniformidade: bola por alto para dentro da área. Nessa altura, escasseou o discernimento e a imaginação para variar de processos.

Sabe-se como é problemático entrar numa grande-área onde se instala, de armas e bagagens, meia equipa a defender, «povoamento» que aumenta com a presença dos que se empenham em atacar. Daí derivou uma sucessão de choques e jogadas confusas que ensombraram o período final da contenda.

Diniz, Vítor Baptista e Quinito jogaram melhor que os companheiros. Rontved, Larsen, Hansen e Tofet sobressaíram entre os dinamarqueses.

Arbitragem sobre o fraco (houve muitos benefícios ao infractor) do espanhol Camacho Gimenez.

FRANCISCO CAMILO

Estádio José Alvalade. Arbitro: Camacho Gimenez (Espanha).

PORTUGAL — Bento; Artur, Bastos, Adriano e Rebelo; Tomé e Nené (Diamantino, na 2.ª parte); Quinito, Nelson, V. Baptista e Dinis.

DINAMARCA — Larsen (J. Hansen, aos 63 m.); Jespersen, B. Hansen, Tofet e Andersen; Fleming Hansen e Nielsen; Poulsen, Rontved, Nygaard e Frank Hansen (Schriner, aos 60 m.).

Golos: **Nielsen, aos 41 m., e Quinito, aos 70 m.**

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o 6.º concurso da 10.ª época

Badaladas — X1X 12X X22 122X; Brados do Alentejo — 1X1 112 X21 111X; Cardeal Saraiva — 1X1 11X 1X2 1122; Cavalgada do Ritmo — 11X 12X 111 X111; Clube Asas do Atlantico — 12X 1X1 1X1 X111; O Comércio de Guimarães — 1X1 1X1 X11 X221; Comércio de Portimão — 121 111 111 1111; Correio dos Açores 12X 1X1 121 X112; Correio de Coimbra — 12X 111 111 11X1; Defesa de Espinho — 121 1X1 112 1112; Diário dos Açores — 122 111 12X X122; Ecos do Desporto — 12X 1X1 1X1 11XX; Ecos de Cacia — 12X 111 112 X11X; Estrela da Manhã — 122 111 11X 11XX; Eu Sei Tudo — 22X 121 122 X1X2; Imagens Piedenses — 12X 111 11X 111X; O Jornal de Felgueiras — 12X 121 112 1X12; Jornal da Lixa — 12X 121 111 11X2; Jornal de Santo Tirso — X2X 1XX 121 11XX; Linhas de Elvas — 121 111 122 111X; Notícias de Felgueiras — 12X 121 1XX X111; Passatempo J. J. — 1X1 111 111 12X1; Rádio Altitude — 12X 1X1 1X2 2112; Reconquista — 12X 111 1X1 X111; Renovação — 121 111 11X 1112; Revista de Sons — 1X1 1X1 112 1112; Semana Tirsense — 122 X1X 121 X111; O Templário — 12X 1X1 1X1 1112; Voz de Lamego — 121 111 11X 11X2; Peça Que Não Maça — 12X 1X1 1X1 X11X;

Açores — 1XX 11X 1XX X122; Os Belenenses — X2X X21 11X 111X; Cantinho Ricardo Lemos — 1X1 121 12X 2122; A Comarca de Arganil — 12X 1X1 11X 111X; O Comércio do Porto — 12X 1X1 11X 1111; Correia do Vouga — 121 121 111 2122; De Tudo Um Pouco — 121 11X 1X1 1112; Às 10 Espere Por Nós — 221 122 X11 1112; Diário de Coimbra — 122 1X1 111 11X1; O Distrito de Portalegre — 12X 1X1 1XX X11X; Folha do Domingo — 12X 121 1X2 111X; Dos Fracos Não Reza a História — 12X 1X1 X11 1111; Ideal Rádio — 12X 1X1 1X1 X1XX; A Ilha — 1XX 11X XX1 X12X; A Lição do Menino Quim — 12X 11X 11X 1122; Litoral — 1X1 121 111 111X; Maria da Fonte — 121 111 11X 2111; Mundo Desportivo — 12X 1X1 11X 1121; Penalti — 121 X12 111 1112; Póvoa de Lanhoso — 12X 111 111 11X1; Programa Sem Nome — 12X 111 1X1 11X1; A Rabeca — 121 1X1 1XX X111; Rádio Clube do Norte — 12X XXX 112 111X; Auto Rádio — 111 121 XXX 1122; Campeão Português — 11X X21 112 112X; Rádio Sports — 121 112 111 1111; Repórter do Dia — 12X 111 112 X1X2; Repórter do Dia (Angola) — 121 111 11X 11X1; República — 121 1X1 11X 1212; Resenha Desportiva — 121 1X1 11X X122; Sorriso da Hora do Almoço — X22 X1X 21X 11X1; A Voz — 1X1 1X1 111 11XX; A Voz do Domingo — 12X 111 111 1111; A Voz dos Ridículos — 121 111 111 1111; Notícias d'Évora — 12X 121 1XX 11X2.

O Distrito de Setúbal — 122 11X 1XX X1X1; Gazeta do Sul — 12X 1XX 11X 11XX; Gazeta das Caldas — 12X 1XX X11 1XX1; Jornal das Aves — 122 1X2 111 X211; Jornal do Barreiro — X22 1X1 XX2 1X1X; Beira Baixa — 121 1X1 11X 1112; Jornal do Sul — 122 121 1XX 1111; Jornal de Viseu — 12X 111 12X 21X2; Povo Algarvio — 121 111 1X1 1111; Terra Alta—122 111 2X1 1211; Diário da Manhã — X2X 121 11X 1111 A Defesa — 12X 111 11X 21X2; Diário do Minho — 1X1 111 112 11X1; Centro Desportivo — 1X2 121 111 1122; Notícias de Chaves — 12X 1X1 1X2 1112; A Voz Desportiva X21 X21 XXX X121; Notícias de Guimarães — 122 111 X1X 211X; Emissora Oficial da Guiné Portuguesa — 12X 1X1 X11 11X2; Notícias do Douro — 121 111 112 11X2; Diário do Norte — 121 111 11X X1X1; Boletim Desportivo do R. P. — 12X 1X1 112 X112; A Ordem — 121 122 112 1112; Voz do Casa Pia 12X 111 11X 111X; Boletim Desportivo — X21 111 1X1 1X12; Comércio de Leixões — 121 111 11X 11X1; Miscelanea Musical — 121 X11 112 111X; Montra do Êxito — X2X 211 X12 X11X; Música e Desporto — 1X1 X1X 121 1X11; Programa da Manhã — 11X 1X1 11X 2112; Rádio Placard — 121 12X 1X2 112X; Estúdios 64 — 1X2 22X 112 11X2; Placard Desportivo — 121 X21 X12 1112; Só Rádio — 122 1X1 112 1XX1; Correio do Douro — 12X 1X1 111 X11X; Jornal Notícias — 1X1 1X1 11X 1112; Colina Sagrada — 122 1XX 122 1122; Primeiro Janeiro — 122 111 X1X 21X2; Norte Desportivo — 1XX 11X 112 X1X2; O Porto — XXX 211 XX2 2122; Passatempo E. N.R. — 12X 111 1XX 111X.

Diário do Sul — 12X 111 1X2 1111; Jornal do Fundão — 122 1XX 1X2 111X; Mosaico — 121 XX1 112 1112; Diário — 12X 1X1 121 X111; Comércio — 12X 1X1 111 11X1; Lobito — 12X 111 X1X 1112; Estádio — 122 X11 122 X111; Ronda da Noite — 12X XX1 111 11X1; Canal Dezoito — 12X 1X1 11X X11X; Província-121 X11 1XX 122X; Panoramica — 122 12X 112 1212; Vida e Musica — 121 121 222 11XX; Café da Noite — 12X 12X 1X2 1111; Notícias do Totobola — 122 1XX 121 X1X1; Apostolado — 1X2 12X 11X 21X1; Último Palpite — 1X1 122 1X1 X111; Bondiazinho — 11X X11 X11 X221; Brado Africano — X21 121 11X 122X; Cidade 70 — 22X 111 1X1 2X21; Diário — 121 X11 1X1 1XX2; Domingo Alegre — 221 111 111 X2X1; Passatempo — X22 1X1 XX1 X21X; Roteiro Sonoro — 12X 1X1 11X 2211; Terceiro Programa — XXX XX1 21X X211; Vamos Jogar no Totobola — 122 111 121 X2X2; Revista Desportiva — 122 1X1 XX1 112X; Diário de Lisboa — 121 111 X21 11X2.

CONCURSO N.º 6
10.ª ÉPOCA

RESUMO

	1	X	2	BOLAS 1	X	2	(a)
1. Académica-Cuf	115	13	4	10	1	1	
2. Varzim-Sporting	6	20	106	1	2	9	
3. Leixões-Guimarães	47	61	24	4	6	2	
4. Benfica-Porto	112	17	3	10	1	1	
5. Barreirense-Belenenses	57	46	29	5	4	3	
6. Farense-Tirsense	101	24	7	9	2	1	
7. Sanjoanense-U. Leiria	107	21	4	9	2	1	
8. Vizela-U. Lamas	76	38	18	7	3	2	
9. Marinhense-B. Mar	52	45	35	5	4	3	
10. T. Novas-Tramagal	83	36	13	8	3	1	
11. Atlético-Peniche	109	8	15	10	1	1	
12. Luso-Oriental	69	40	23	6	4	2	
13. Sesimbra-U. Tomar	49	35	48	5	3	4	

E o prognóstico lógico será 12X 111 111 1111

(a) — Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado os jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

Hóquei em patins

FASE FINAL DO CAMPEONATO METROPOLITANO DE JUNIORES E NACIONAL DE JUVENIS

Disputou-se, ontem, em Lisboa e no Porto, a jornada inaugural da fase final do Campeonato da I Divisão, bem como os dos Campeonatos Metropolitanos de Juniores e Nacional de Juvenis.

Os resultados apurados foram os seguintes:

JUVENIS:

Valongo-F. C. P., 0-16
P. de Arcos-Benfica, 0-6

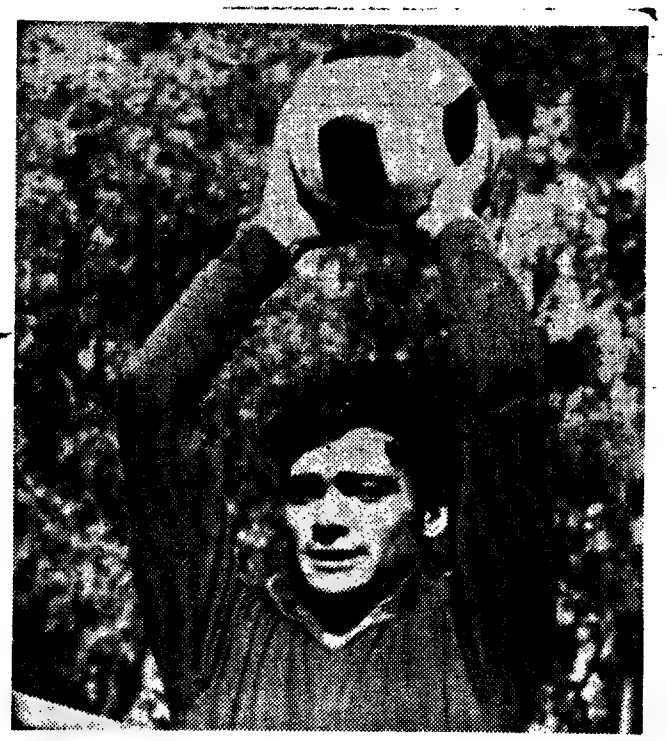
JUNIORES:

Inf. de Sagres-F. C. P., 6-0
Salesiana-P. de Arcos, 4-1

SENIORES:

Valongo-F. C. P., 0-7
Benfica-P. de Arcos, 7-3

CIGARROS DESNICOTISADOS
SANO
Fabricados com 100% de tabaco puro sem misturas
SANO
Recomendado aos fumadores sensíveis à nicotina
SANO
Recomendado aos fumadores sensíveis ao alcatrão
SANO
É tabaco — satisfaz todo o fumador.
Os cigarros SANO e o tabaco para cachimbo SANO, sòmente se vendem nas Boas Tabacarias do País



Damas evitou que tivesse deflagrado escândalo na Dinamarca...

CAMPEONATO DA EUROPA: DINAMARCA, 0-PORTUGAL, 1

SERÁ QUE A VITÓRIA CHEGA?

COPENHAGA — (E.) — Quando o sr. Callaghan, árbitro da partida que opunha os profissionais portugueses aos amadores dinamarqueses, deu o encontro por terminado, as hostes lusas terão suspirado de alívio. O jogo estava ganho e os dois pontos creditados á selecção portuguesa — dois pontos preciosos nesta fase de qualificação para o Campeonato da Europa de Futebol. Assim, num jeito simplista de preto no branco, o objectivo tinha sido alcançado.

No entanto, a distância que separa este «onze» de 1970 daquele outro que, em 1966, logrou alcançar a 3.ª posição no Campeonato do Mundo, bem pode medir-se por quilómetros...

Há que ver as coisas friamente, serenamente, conscientemente: a equipa portuguesa «conseguiu» vencer um encontro que tinha «obrigação» de vencer. É uma verdade. Mas ficou enormemente aquém da exibição que se esperava.

A vitória lusa foi tão difícil, tão difícil... que mais parecia ter sido conseguida frente a uma equipa credenciada e de incontroverso valor, em vez de alcançada frente a um «onze» amador cheio de brio e boa vontade — cujos elementos (alguns) tiveram de trabalhar nos seus empregos durante a manhã... pois os respectivos patrões consideraram que esta coisa dos futebóis era perfeitamente secundária ..

Onde está o problema, então? Qual a causa de jogadores incomparávelmente superiores no plano técnico e na maturidade futebolística (os portugueses) se verem em «palpos de aranha» ante adversários (os dinamarqueses) cujas credenciais se limitam — ou quase — a poder atlético e uma vontade á prova de choque?...

Porquê a equipa portuguesa (embora o triunfo) valeu menos, como equipa, que a dinamarquesa?

Os entendidos o dirão. Entretanto, não pode deixar de considerar-se triste o espectáculo proporcionado por um «onze» constituído por profissionais — a tentar, quase desesperadamente, defender um golo solitário, fortuito, incolor, enquanto a turma adversária varria o campo e semeava o pânico... apenas porque corria muito.

Se há vitórias decepcionantes para os vencedores, esta foi uma; se há vitórias que em vez de aplausos suscitam alarme, esta deve ser encarada assim.

Colectivamente, pouco mais haverá a acrescentar. A equipa portuguesa foi dominada, empurrada, espartilhada a uma tarefa defensiva e destrutiva verdadeiramente aflitiva. Venceu... e convenceu de que, a continuar assim, não poderá ir longe Há que procurar o erro onde quer que ele se encontre. Urge pensar que «isto está mal», em vez de afagar os dois pontos ilusórios arrecadados na Dinamarca. Porque o futebol português ao nível de selecção está mesmo doente. Gravemente doente.

Individualmente, agradeça-se a Damas a vitória. Ele foi o melhor da equipa lusa, e isso diz tudo. Depois, Peres, pelo muito que tentou remar contra a maré — conseguindo-o aqui e além. Depois... mais nada.

A terminar, uma nota positiva. Ela pertence ao árbitro, pela sobriedade e segurança com que actuou.

Estádio Idraeshuset, em Copenhaga.

Árbitro — M. Callaghan (galês).

DINAMARCA — Poulsen; Nielsen, Frederiksen, Sandved e Pedderssen; Hansen, Outzen e Praest; Andersen, Pedersen e Markussen.

PORTUGAL — Damas; Pedro Gomes, Humberto Coelho, José Carlos e Hilário; Peres, José Maria e Simões; Artur Jorge, Eusébio e Jacinto João.

Substituições — Aos 52 minutos, Jaime Graça entrou para o lugar de Simões, que se lesionara e, vinte minutos depois, saiu José Maria e entrou Matine.

O golo de Portugal foi marcado aos 40 minutos. Livre contra a equipa dinamarquesa, próximo da sua grande área. Peres apontou, o guardião nórdico defendeu superiormente e Jacinto João, calmo, oportuno, fez a recarga vitoriosa.

«TAÇA DAS FEIRAS»: HIBERNIAN, 2-V. GUIMARÃES, 0

«Minuto 45», duas vezes cruel para a equipa de Guimarães

EDIMBURGO, 15 — (E.) — No estádio do Hibernian, quase sempre de atmosfera escaldante para os visitantes, os portugueses do Vitória estiveram prestes a alcançar ontem um magnífico resultado. Assim seria considerado, certamente, um empate sem golos...

Com efeito a equipa de Guimarães procurou organizar o jogo a meio-campo, concentrou-se em defesa sólida e metódica, mas pouco se aventurou nos contra-ataques, desenvolvendo-os, raramente e com marcada timidez.

Os escoceses tudo fizeram para contrariar as disposições dos adversários. Conseguiram-no, é certo, mas com extrema dificuldade. À custa de poder atlético, de persistente pendor ofensivo.

A organização defensiva dos visitantes foi, no entanto, modelar. Chegou a perturbar tanto os jogadores como o público locais.

Perfeito espírito de entreajuda e, também, apreciável domínio de bola. Contra essa bem escalonada, diligente e animosa defensiva, o Hibernian, sempre ao ataque, sempre vibrantemente apoiado pelo seu publico, quase desesperava.

A verdade é que os portugueses arrancaram um resultado, apesar de tudo, que lhes poderá avivar certas esperanças para o jogo da segunda «mão», a realizar no seu país.

O congelamento do esférico a meio-campo, bem executado, digamos, mesmo, executado com mestria, só foi neutralizado, em determinados períodos, porque os escoceses replicaram com rapidez, vivacidade e energia, com o pensamento totalmente depositado nas balizas contrárias.

Até certo ponto isso constituiu um malogro para o conjunto continental.

Refira-se que o Hibernian mereceu o triunfo, mas o 2-0 ficou a dever-se a lances terrìvelmente confusos, desenrolados perto das balizas. O primeiro só surgiu aos 45 minutos, quando estava, pois, prestes a soar o apito do árbitro para o período de repouso; o outro, por cruel ironia do destino (para os portugueses, claro...) registou-se também no último minuto do pleito.

Nesse pormenor do tempo, os escoceses foram felizes e os portugueses desafortunados.

Os autores dos golos Duncan e Stanton.

O Vitória de Guimarães dispõe de conjunto harmónico. Difícil distinguir nele uma individualidade. Pois os jogadores formam — ou formaram ontem — um todo homogéneo. Em todo o caso, a meio-campo Peres feriu as atenções, na tarefa de inspirador de todos os movimentos defensivos, e Gonçalves, um brasileiro que, segundo nos revelaram, fez a sua estreia na equipa, teve alguns apontamentos definidores de classe.

No Hibernian, estiveram em evidência Mc Bride, Stanton, Davidson e Duncan.

Firme a arbitragem do holandês T. Booslen. Os portugueses contestaram a legalidade do primeiro golo, alegando que a bola antes havia transposto a linha de cabeceira, mas quanto a nós, sem razão. Algumas entradas mais rudes dos escoceses foram prontamente reprimidas pelo juiz. O Hibernian possui elementos possantes, aguerridos, de excelente estampa atlética, mas os visitantes, ontem, não tiveram de lamentar os efeitos de cargas violentas, que eles talvez esperassem, para mais embrenhados numa táctica sempre enervante para quem ataca voluntariosamente, com o objectivo de obter o maior numero de golos possível...

«Easter Rood Stadium»

Árbitro: T. Boostery (holandês).

HIBERNIAN — Baines; Shellane, Browlie, Black e Schaedler; Blackway e Stanton; Davidson, Graham, Duncan e McBride.

VITÓRIA S. C. — Rodrigues; Bernardo da Velha, Costeado, Joaquim Jorge e Silva; Augusto, Peres e Osvaldinho; Zézinho, Ademir e Jorge Gonçalves.

Substituições: Ademir por Mendes (62 m.), Blackway por McWean (71 m.) e Davidson por Cropeley (80 m.).

1-0 aos 45 minutos, quando Duncan finalizou do melhor modo uma situação confusa junto das redes portuguesas.

2-0 aos 92 minutos, quando o árbitro já procedia a descontos de tempo. Culminando uma série de remates e de alívios, Staton deu á bola o caminho certo.

Os jogadores do Vitória de Guimarães protestaram a legalidade do tento (que teria sido proveniente de um centro feito já para além da linha), mas o juiz da partida não atendeu.

Joaquim Jorge. Foi um dos baluartes da defesa vimaranense e homem de antes quebrar que torcer. Não quebrou

TAÇA DE PORTUGAL

JOGOS DE DESEMPATE

Apurados: LUSO - TORRES NOVAS - COVILHÃ

Em encontros a contar para a Taça de Portugal — desempate — defrontaram-se ontem, á tarde, as turmas do Luso e do Casa Pia, no Campo da Quinta Pequena; Torres Novas e Seixal, no Estádio Municipal de Torres; e Covilhã e Gil Vicente, no Campo José dos Santos Pinto. Os resultados foram os seguintes:

Luso, 2-Casa Pia, 0
Torres Novas, 2-Seixal, 1
Covilhã, 1-Gil Vicente, 0

O encontro realizado na Quinta Pequena, foi disputado sob intenso calor. Na primeira parte os visitantes ofereceram boa réplica e o jogo decorreu com equilíbrio, embora a Turma local patenteasse maior valia global.

Na segunda parte, o Casa Pia fez substituir Raul, que se magoara num choque com Faneca, por Cardoso.

A superioridade da turma local foi então evidente e materializada com dois golos, ambos marcados por José Vítor.

Em Torres Vedras o encontro terminou com a vitória dos locais.

O jogo foi de fraco nível técnico e o resultado aceita-se pelo maior domínio do «onze» local.

Os tentos foram marcados, na primeira parte, por Serranito aos 5 e 38 minutos, pelo Torres Novas, e, aos 7 minutos, por Romeu, pelo Seixal.

A arbitragem foi regular. Na Covilhã foram os locais que, na verdade, mereceram a vitória. Os visitantes adoptaram um sistema defensivo explorando o contra-ataque no sentido de surpreenderem o adversário, o que não conseguiram.

O golo da vitória foi marcado aos cento e trinta e nove minutos, por Lázaro, e que pela primeira vez aconteceu nesta edição da Taça.

O tempo regulamentar terminou com o marcador em branco, assim como a meia hora de prolongamento. As equipas acordaram — e muito bem — que o prélio fosse resolvido em jogo e não por grandes penalidades e foi neste novo prolongamento que a partida se decidiu

a Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

AINDA POR DESCOBRIR OS AUTORES DO FURTO DO CARRO DESPENHADO NAS AZENHAS DO MAR

Ainda não foram encontrados os indivíduos que se apossaram, em Cascais, de um automóvel de matrícula americana e o empurraram (depois de retiradas cinco malas com bagagem no valor de 220 contos) para uns penedos situados nas Azenhas do Mar.

O veículo pertence ao subdito inglês David William Bksome, hospedado em Cascais desde 5 do corrente. Quatro das malas pertencem a outros tantos amigos que com ele vieram a Portugal em visita de turismo.

Descoberto o automóvel por populares, logo estes avisaram as autoridades, que apuraram não se encontrar ninguém dentro.

Apesar da vigilancia exercida sobre o veículo, e do local praticamente inacessível em que este se encontrava, aconteceu que outros larápios, dando provas de grande audácia, o desmontaram a coberto da noite seguinte levando os pneus, peças do motor, o volante, almofadas do assento, etc.

A Capitania do Porto de Cascais, a P. S. P. da mesma vila e a G. N. R. de Colares e Sintra têm procedido a aturadas investigações, mas até ao momento, quer os ladrões das malas, quer os ratoneiros dos acessórios, continuam, como dissemos, por descobrir.

O caso (segundo a P. S. P. de Cascais) vai ser entregue á Polícia Judiciária.

Necrologia

FALECIMENTOS

António Ferreira Vidal (António Basílio)

António Ferreira Vidal

Faleceu na sua residência, após prolongado sofrimento, o sr. António Ferreira Vidal, mais conhecido, no meio artístico, por «António Basílio» (viola), onde deixa profunda saudade.

O extinto, que tinha 73 anos de idade e era pai da sr.ª D. Maria da Conceição Vidal Neves, casada com o sr. Vasco Lopes Neves, avô do sr. Vasco Vidal Neves e irmão da sr.ª D. Adelina Rosa Vidal.

Amanhã, ás 10 horas, será rezada missa de corpo presente, na igreja de Santos, realizando-se o funeral, ás 11 horas, para o cemitério da Ajuda.

Os serviços fúnebres foram confiados á Agência Salgado.

Dr. António Zacarias Pereira

Faleceu o sr. dr. António Zacarias Pereira, de 46 anos de idade, natural de Mata de Lobos — Figueira de Castelo Rodrigo, professor liceal, casado com a sr.ª dr.ª Helena Maria Simões Coelho da Fonseca Pereira, filho da sr.ª D. Maria Cândida Monteiro e do sr. António Joaquim Monteiro. O funeral a cargo da Agência Magno, realiza-se amanhã dia 16, às 11 horas, saindo da Capela do Hospital do Ultramar para o cemitério da Ajuda.

FUNERAIS

Gilberto Antunes do Vale

TONDELA, 15 — Foi a enterrar o sr. Gilberto Antunes do Vale, de 57 anos, industrial de relojoeiro viúvo havia apenas 8 meses da sr.ª D. Maria Celeste de Jesus Martinho; pai da sr.ª D. Maria Manuela Martinho do Vale, casada com o sr. Alberto Figueira Costa, ambos professores oficiais em Cacia (Aveiro) e do sr. Vítor Manuel Martinho do Vale, industrial de relojoaria, casado com a sr.ª D. Maria Albertina Cid do Carmo.

O extinto, muito estimado nesta vila, fez parte dos corpos gerentes de várias colectividades locais, sendo desde há 10 ou 12 anos o tesoureiro da Associação dos Bombeiros Voluntários.

O funeral constituiu uma grande manifestação de pesar.

Bolsa de Lisboa

	Oferta	Compra	Venda
Ultramarinos			
Sul	--	78$	81$
Cabinda	—	214$	219$
Diamantes Angola	2.390$	2.385$	2.400$
Ilha do Príncipe	670$	665$	670$
Moçambique	—	180$	86$
Bonete A.	—	415$	—
Bonete B.	—	425$	435$
Lambelo	76$	77$	79$
Diversos			
Rádio	—	6.700$	—
Cim. Leiria	4.100$	4.000$	4.200$
Cim. Tejo	7.550$	7.500$	7.700$
Nav. Navegação	—	440$	459$
Ind. Ariange	—	550$	850$
Nac. Navegação	—	3.550$	3.800$
[illegible]	1.620$	600$	630$
Port. e Colónias	—	400$	420$
Port. Celulose	—	—	4.020$
Port. Pesca	1.040$	—	1.045$
Port. Tabacos	700$	695$	700$
Cimentos Nac.	—	2.200$	2.240$
Sonae	3.265$	3.260$	3.270$
Tabacos de Portugal	1.700$	1.650$	1.750$
Tabacaria	—	—	7.400$
Fab. Azeite	—	770$	780$
Fundo Elect. Gás			
Fom. Lisboa D	—	395$	—
Fom. Lisboa 54	—	410$	—
Águas Lisboa 56	—	395$	—
Sul P. Electricidade	1.188$	1.187$	1.188$
Sul P. Electricidade nom.	1.175$	1.174$	1.176$
Sul P. Electricidade 969	—	—	—
Elect. Beira	660$	650$	690$
Gás Elect.	423$	422$5	423$5
Fom. E. Alto Alentejo	187$5	87$	89$
Fom. E. Norte Portugal	—	260$	275$
Fom. E. S. Estrela	—	—	—
Nac. Electricidade	—	—	—
Sul E. P.	186$5	86$	187$5
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
Atlântico	—	196$6	202$5
C. D. E. S.	—	122$4	126$1

	Oferta	Compra	Venda
Fundo de Comércio			
Agricultura	2.270$	2.260$	2.280$
Alentejo	1.140$	1.136$	1.140$
Angola	—	3.500$	3.600$
Bonificação	—	—	—
Fomento Predial	8.700$	8.700$	8.800$
Fomento Santo	21.000$	20.800$	21.100$
Fomento Santo A.	—	—	—
Fonsecas & Burnay	—	—	20.500$
Fomento	—	2.450$	—
Fom. Açores D	—	6.700$	6.850$
Fom. Açores A.	—	—	—
Fom. Atlântico D.	5.600$	5.500$	5.610$
Portugal A.	—	3.100$	3.250$
Portugal D.	4.300$	4.200$	4.350$
Totta Aliança	5.900$	5.850$	5.950$
Ultramarino A.	—	3.320$	3.400$
Ultramarino D.	3.750$	3.750$	3.780$
Seguros			
Alentejo	154$	153$	154$
Douro	—	1.500$	—
Mundial	1.000$	997$	1.000$
Seguros	—	1.700$	1.800$
Tranquilidade	—	55.000$	65.000$
Ultramarino	—	25.000$	—
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	—	775$	785$
Ag. Casseaual	—	640$	660$
Ag. Incomati	—	—	—
Ag. Neves	—	420$	450$
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	290$	300$
Inroi	—	—	—

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Rua do Ouro, 52-54 — Lisboa — Tel. 366066/7

Telegr. ALMEIRO — Telex 47 ALBAPIO P

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez. 65 100)

	8/10/70	14/10/70	15/10/70
GERAL	149,7	147,8	147,4
METROPOL.	142,3	140,6	140,3
ULTRAM.	204,0	200,2	199,6

PAÍSES	COMPRAS	VENDAS
África do Sul — Rande	$45,00	$6$50
Alemanha — Marco	7$75	8$05
América		
— Dólares de 1 e 2	28$20	28$70
— Dólares de 5 a 1.000	28$50	28$90
Argentina — Peso Novo	5$50	6$50
Áustria — Schilling	$ 6	$ 6
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$50	6$00
Canadá — Dólar	27$70	28$20
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40,5	$42
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$80	8$ 0
Inglaterra — Libra	68$00	10$30
Itália — Lira	$04,4	$04,7
Marrocos — Dirham	4$80	5$40
Noruega — Coroa	3$85	4$ 5
Suécia — Coroa	5$55	5$65
Suíça — Franco	6$60	6$82
Ouro		
Inglaterra — Libra Isabel	290$00	3 0$00
Inglaterra — 1/2 Libra	29$0	$10$00
Ouro fino — Barra	36$30	38$30

J. BURNAY L. DA Notas estrangeiras Papéis de crédito

RUA DO OURO, 79 Tel 231273

ARSÉNIO AUGUSTO QUEIROZ BOTELHO DE SOUSA

FALECEU

Henriqueta Viçosa Ovelheira Botelho de Sousa, Alberto Queiróz Botelho de Sousa e sua esposa, Eduardo Queiróz Botelho de Sousa, sua esposa e filhos, Mário Queiróz Botelho de Sousa, sua esposa e filhas, Luís Queiróz Botelho de Sousa, sua esposa e filhos, (ausentes) e primos, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus Servido chamar à sua Divina Presença o seu querido e saudoso marido, irmão, cunhado, tio e primo e que o funeral se realiza em dia e hora a determinar saindo da Igreja de S. João de Deus para jazigo em cemitério a determinar.

AGÊNCIA MAGNO Telef. 53 41 07

ANTÓNIO FERREIRA VIDAL

(ANTÓNIO BASÍLIO)

FALECEU

Maria da Conceição, Maria da Conceição Vidal Neves e seu marido Vasco Lopes Neves, Adelina Rosa Vidal, Vasco Vidal Neves, e mais família, participam o falecimento do seu muito querido marido, pai, sogro, irmão, avô e parente, e que o funeral se realiza amanhã, dia 16, pelas 11 horas, da Igreja de Santos para o cemitério da Ajuda.

P. N. A. M.

AGÊNCIA SALGADO

ANTÓNIO FERREIRA VIDAL

(ANTÓNIO BASÍLIO)

(VIOLA)

UM GRUPO DE AMIGOS DA VELHA-GUARDA — LIGADOS AO FADO — participam e manifestam o seu pesar pelo falecimento do muito estimado e querido amigo e colega, fazendo saber que o seu funeral se realiza amanhã, dia 16, ás 11 horas, da igreja de Santos para o cemitério da Ajuda.

AGÊNCIA SALGADO

Dr. António Zacarias Pereira

CONFORTADO COM OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

FALECEU

Helena Maria Simões Coelho da Fonseca Pereira, Maria Cândida Monteiro, António Joaquim Pereira, seus irmãos e mais família cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus Servido chamar à sua Divina Presença o seu muito querido marido, filho, irmão e parente e que o funeral realiza-se amanhã dia 16, às 11 horas, saindo da Capela do Hospital do Ultramar para o cemitério da Ajuda.

AGÊNCIA MAGNO — Telef. 53 41 07

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreias de hoje

«CHISUM» O SENHOR DO OESTE — EDEN
APRENDIZ DE «GANGSTER» — POLITEAMA

POLITEAMA

(Adultos) Tel. 326305

HOJE, À NOITE, ÀS 21.30

EM ESTREIA

A extraordinária e delirante superfarsa

APRENDIZ DE «GANGSTER»

com Jean Lefebvre, Francis Blanche, Darry Cowl e George Derek (Col.)

HOJE, ás 18.30 — SESSÃO CLÁSSICA com a comédia-picante «UM FAVOR MUITO ESPECIAL» (Adultos)

IMPÉRIO

(M. 12 anos) Tel. 555134/5

Às 15.15 e 21.30

Panavision — Technicolor

CROMWELL

RICHARD HARRIS e SIR ALEC GUINESS em

A vida de um homem que alterou o curso da história e da liberdade

ESTÚDIO

(Adultos)

Às 15.30, 18.30 e 21.45

Algo de novo no cinema nacional no filme de Cunha Telles

O CERCO

com Maria Cabral e Rui de Carvalho

ROYAL

(Adultos) Tel. 86545

Às 15 e 21 horas

DOUTOR... AGORA É QUE SÃO ELAS!

TESTEMUNHA SUSPEITA

IMPERIAL

(M. 17 anos) Tel. 45933

Às 21 horas

O PISTOLEIRO PROFISSIONAL

O PERIGO VEM DAS MULHERES

(Ar condicionado)

EDEN

(M. 12 anos) Tel. 320768

HOJE, ás 21.45

ESTREIA de um «Western» na tradição dos melhores clássicos do género!

«CHISUM, O SENHOR DO OESTE»

Às 18.30 — Últimas exibições: «UM BEATLE NO PARAÍSO» (Adultos)

TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 50595

Às 3 da tarde (a p. r.) e 9.30 da noite

3.ª SEMANA

Jean Gabin, Alain Delon, Lino Ventura e Irina Demick no grande êxito mundial

O CLÃ DOS SICILIANOS

ROMA

(Adultos) Tel.

Às 15.30 e 21.45

3.ª SEMANA

A espantosa realização

A PONTE DE REMAGEN

com George Segal, Robert Vaughn e Ben Gazzara

Panavision — Côr de Luxe

CONDES

(Adultos) Tel. 322523

Às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.45

A AMÉRICA DOS MEUS SONHOS

A América despida... por um italiano vestido

Alberto Sordi — Vittorio de Sica

AVIS

(M. 12 anos) Telef. 47163

Às 15.30 e 21.45

ANTÓNIO CALVÁRIO e MILÚ

O DIABO ERA OUTRO

com Nicolau Breyner, Julieta Castelo, Alves da Costa e Fernanda Borsatti

Fados de Hermínia Silva

NO PALCO: NO FINAL DAS SESSÕES, ANTÓNIO CALVÁRIO INTERPRETA OS SEUS MAIORES ÊXITOS

SÃO JORGE

Telefs. Bal. 54154; Plat. 54153

HOJE, ÀS 15.15, 18.15 e 21.30

(M. 17 anos)

Uma sátira monumental

SAIAS ACIMA!

com Sidney James — Joan Sims — Kenneth Williams — Bernard Bresslaw

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 536143

Às 18.30 e 21.45

EM 4.ª SEMANA DE ÊXITO!

Bibi Andersson, Robert Stack, Annie Girardot e James Farentino numa alta comédia em maravilhoso technicolor

A VIDA DE UMA MULHER

— O primeiro amor será de facto o mais forte?..

AR CONDICIONADO

ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel. 779096

Às 15.30, 18.30 e 21.45

3.ª SEMANA

UM FILME IRÓNICO, POÉTICO E AUDACIOSO:

OS AMANTES

com Jeanne Moreau e Jean Marc Bory

EUROPA

(M. 12 anos) Tel. 661016

Às 15.00/21.00 h. — 70 mm

Atenção ao horário das sessões

TECHNICOLOR

Uma história dos tempos de Cristo! O filme mais premiado do mundo

«BEN-HUR»

Charlton Heston, Stephen Boyd e Jack Hawkins

LUMIAR

(Adultos) Tel. 795296

Às 21 horas

ASSALTO QUASE... IMPERFEITO

O DUPLO HOMEM

CHIADO TERRASSE

Às 15 e 21 h (M. 17 anos)

UM SONHO DE REIS

LONDRES É DE GRITOS

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327172

2.ª SEMANA

Às 15.15, 18.15 e 21.30

a obra fundamental de Joseph Losey

O CRIADO

(The Servant)

ALVALADE

(Adultos) Tel. 717480

2.ª SEMANA

Às 15.45 e 21.45

a obra fundamental de Joseph Losey

O CRIADO

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375

Às 21.30 horas

Um filme no qual todos os pecados andam á flor da pele

CHICAGO, CHICAGO

com Melina Mercouri

MONUMENTAL

(Adultos) Tel. 555131

Às 15.15 e 21.30

Um filme espectacular

AEROPORTO

com Burt Lancaster, Jean Seberg e Dean Martin

VOX

(Adultos) Tel. 720808

Às 15.15, 18.30 e 21.45

4.ª Semana de enchentes!

DUSTIN HOFFMAN e MIA FARROW

JOHN & MARY

AR CONDICIONADO

LIDO

(M. 17 anos) Às 21.30 h

Um mundo de mentira e corrupção descrito num filme arrojado:

CHICAGO-CHICAGO

com Melina Mercouri e George Kennedy

ODEON

(M. 17 anos) Tel. 426283

Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30

O CINEMA PORTUGUÊS EM FESTA

4.ª SEMANA DE ENCHENTES

A MALUQUINHA DE ARROIOS

Realização de Henrique Campos

Segundo a famosa comédia de André Brun

com Aline Vaz, Ivone Silva, Artur Semedo, Eugénio Salvador, Linda Silva - Oscar Acúrcio

CASINO ESTORIL

Às 17 e 21.30 (M. 17 anos)

DETECTIVE EM ACÇÃO

com James Garner

LIZ

(M. 17 anos) Tel. 48500

Às 21 horas

ARABELA

OS PROTAGONISTAS

(AR CONDICIONADO)

outros espectáculos

LISBOA

TEATROS

CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «O Vison Voador» (17 anos).
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «O Preço» (17 anos)
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23 h.: «Pimento na língua» (17 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «Companhia Internacional de Circo» (12 anos)
A B C — Às 21 e 45 e ás 23 h.: «Alto lá com elas» (17 anos).

CINEMAS

JARDIM — Às 21: «A guerrilheira» (12 anos).
IDEAL — Às 15 e 15 e 21 h.: «Olhos verdes, loira e perigosa» (17 anos)
ARCO IRIS — Às 21: «O furor de matar» (17 anos).
OLIMPIA — Às 21: «A vingança é minha» (17 anos).
PARIS — Às 21: «O diabo enamorado» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «Ajuda-me meu amor» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «Os 7 Samurais» (12 anos).
CAMPOLIDE — Às 21: «Matar para não morrer» (12 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «Os 11 do Oceano» (17 anos)
PROMOTORA — Às 21: «Pescador de águas turvas» (12 anos)
ORIENTE — Às 21: «Camarada mini-saia» (17 anos).

PORTO

CINEMAS

COLISEU — Às 21 e 30: «Fausto» (12 anos)
SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «O homem perdido» (17 anos)
RIVOLI — Às 21 e 30: «Mundo mulher» (17 anos)
BATALHA — Às 21 e 30: «O executor» (17 anos)
TRINDADE — Às 21 e 30: «D. Juan na Sicília» (17 anos).
ESTÚDIO — Às 21 e 30: «O compromisso» (17 anos)
OLIMPIA — Às 21 e 30: «Olimpíada no México» (12 anos)
ÁGUIA DE OURO — Às 21 e 30: «A rapariga do auto-stop» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 21: «A batalha de El-Alamein» e «O satélite misterioso» (12 anos).
JÚLIO DINIS — Às 21 e 30: «Bonzé» (17 anos)
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Perdoa... vamos amar» (17 anos).
CINE-GAIA — Às 21 e 30: «O na lista do presidente» (17 anos).
ODEON — Às 21 e 30: «Vingança ao amanhecer» (17 anos).

Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Compromisso» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Berlim reunião de espiões» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Detective em acção» (17 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Estrela do Sul» (12 anos).

Linha de Sintra

VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21: «Romance em Acapulco» e «Tempestade na Fronteira» (12 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Dois homens dois destinos» (17 anos)
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Um sonho de reis» e «Em ponto de rebuçado» (17 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «As feiticeiras» (17 anos)

Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «O Advogado» (17 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «A selva dos diamantes» (12 anos).

COIMBRA

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «O Barão de Frankenstein» (17 anos)
AVENIDA — Às 21 e 30: «O salário do medo» (17 anos).
TIVOLI — Às 21 e 30: «Um lugar no Inferno» (17 anos)
SOUSA BASTOS — Às 21 e 30: «Grito de guerra dos Comanches» (12 anos)

VIÇO ● FARMACIAS DE SERVIÇO ● FARMACIAS DE SERVIÇO ● FARMACIA

LISBOA

ALCANTARA — Vieira Rosa, Rua Prior do Crato, 74, (660187)
ALMIRANTE REIS — Cândido Monteiro, Av. Almirante Reis, 2-B (45751) * Góis, Lda., Sucrs., Rua dos Anjos, 2-C-D (840 01).
ALTO DO PINA — Ibéria, R. Barão de Sabrosa, 235-A (728277)
ALVALADE — Sanex, Av. da Igreja, 31-C (776909) * Aeroporto, Av. Almirante Gago Coutinho, 0-D (722384) * Rio de Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C (721409) * Pinheiro — R. Presidente Arriaga, 6 (16186)
AREEIRO — Algarve, Av. de Roma, 7-B (777478)
AVENIDAS NOVAS — Campo Pequeno, Av. da República, 58-D-E (771661) * Figueira, Av. Marquês de Tomar, 20 (44995) * Cruz Nunes, Pr. Duque de Saldanha 4 (41845) * Novais, Av. Luís Bívar, 11-13 (44324)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascensa, R. 27, 41 (31126)
BAIXA — Lima Amaro, Suc., Pr. da Alegria, 27-28 (32149) * Valadas, Suc., R. da Madalena, 235 (326260) * Cortez, R. de S. Nicolau, 93 (325378)
BENFICA — Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-A (704828) * Curie, Av. Madame Curie, 5-A (778439) * J. Ribeiro, Est. da Luz 199-A (780969)
BELEM — Gomes, Suc., R. da Junqueira, 326 (638 93)
BOM SUCESSO — Bom Sucesso, Rua Bartolomeu Dias 63-A (Tel. 61454)
CAIS DO SODRÉ — Africana, Rua Bernardino Costa, 45 (369 20)
CAMÕES — Pinharanda, Rua da Rosa, 94-96 (321534)
CAMPO GRANDE — Cabrita, C. Grande, 220-222 (772397)
CAMPO DE OURIQUE — Pinheiro, R. de Campo de Ourique, 3-33 (686640) * Urbano de Freitas, Rua Silva Carvalho, 1-9 (662838) * Elmo, R. D. Maria Pia, 358-A (686 76)
CAMPOLIDE — Farmácia Oliveira, R. de Campolide, 54-A (684424)
CHARNECA — São Bartolomeu, Via Paulo Jorge, 1 — Galinheiras (790969).
CONDE REDONDO — Selus, Rua Luciano Cordeiro, 73 (42239)
ENTRECAMPOS — São Miguel, Pr. Francisco Morais, (77 469)
ESTEFÂNIA — São Jorge, Av. Rovisco Pais, 32-A-B (534027)
ESTRELA E LAPA — Tegus, Praceta do R. Possidónio da Silva 162-A (669485) * Rodrigues Aires, Rua da Lapa, 52-54 (662246) * Pinheiro, Rua Presidente Arriaga 6 (66 861)
LUMIAR — Central do Lumiar, R. do Lumiar, 77 (790480)
OLIVAIS — Central dos Olivais, Lda., R. Alferes Barrilaro Ruas, 1-C — Olivais-Norte (3 5539) * Antunes Rosas, Praça Cidade do Luso, lote 99, Olivais-Sul (3 36 0)
PALHAVÃ — Laranjeiras, R. Filipe da Mata, 160-162 (76 035)
PICHELEIRA — Luzmar, R. João do Nascimento Costa 6-A (728395-720703)
MARQUÊS DE POMBAL — Ribeiro & Castro, Lda.ª, R. Braamcamp, 52-C (43409)
RESTELO — Belém, Rua Tristão Vaz 0-A, à encosta do Restelo (612248)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Conceição, Calçada de D. Gastão, 30-32 (381279) * Pereira, Suc., R. do Paraíso, 98-100 (863224) * Branquinho, Rua dos Sapadores, 87 (842725)
SANTO AMARO — Diligência, Rua Aliança Operária, 49-A-B (636620) * Costa, Rua dos Lusíadas, 32 (636704)
SÃO BENTO — Confiança, Praça das Flores, 59 (327901)
MOSCAVIDE — Banha, Av. Moscavide, 22 (251851)

Linha de Cascais

ALGÉS — Almeida Nito — Av. Comb. G. Guerra, 64 (Tel. 2 2070)
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro -A (T. 242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes 4 (Tel. 2432089)
OFIKAS — Central, Rua João Teixeira Simões 8 (Tel. 2430058)
PAREDE — Grincho, Av.ª da República, 87-A (Tel. 247 204)
ESTORIL — S. João, S. João do Estoril (T. 26 86)
OSTENDE — Rua Hongar, 1 (Tel. 260391).
CASCAIS — Cordeiro, Av.ª Comb. G. Guerra 40 (T. 281419) * Nova, Estrada de Alvide — Fontaínhas (Tel. 28 044)

Linha de Sintra

AMADORA — Amadora — Praceta 28 de Maio, 3-A (Tel. 935518) * Carmelo — Rua Elias Garcia, lote 28 (Tel. 933303) * Helénica — R. Elias Garcia, 2 (Tel. 933613) * S. Jorge — R. Pedro de Negro, 5 Reboleira (Telef. 938703)
DAMAIA — Confiança, Estrada Militar Lote D (T. 971023)
QUELUZ — Zeller — R. da República, 83 (Tel. 950045) * Correia — Lg.º do Mercado, 3 (T. 950905)
CACÉM — Central — R. Elias Garcia 95 (Telefone 2940034)
MEM MARTINS — Química, Est. Mem Martins, 285 (Telefone 29 0012)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim — (T. 980456)
SINTRA — Simões, Rua Heliodoro Salgado, 26 (Tel. 980832)
COLARES — Colares, Abreu (Tel. 299088)

Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos da Costa (Telef. 234 37)
ALHOS VEDROS — Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250)
ALMADA — Macedo Henriques — R. Bernardo Francisco da Costa, lote 1 (Tel. 27 29)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fatima, Estrada Nacional, 221-B (Telef. 224 4)
BARREIRO — Moderna, R. D. Henriqueta Gomes de Araujo, 259 (Tel. 22730 2)
COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso — P. 5 de Outubro, 8 (Telefone 270254
MOITA — Silva Rocha, P. da Republica 6 (Telef. 239029
MONTIJO — Montepio — R. Almirante Reis, 93 (Tel. 230035)
SESIMBRA — Leão, Av. Salazar (Tel. 22947)
SETUBAL — Saramenha, P. Machado Santos (Telef. 22691) * Alice, P. do Quebedo (Tel. 23743
SEIXAL — Godinho, L. da Igreja 5 (T. 2218580)

PORTO

Aliança, Rua da Conceição, (Tel. 2-42-03) * Bonfim, R. do Bonfim, 13 (Tel. 5-2444) * Cardoso dos Santos, Rua D. Manuel II, 90 (Tel. 2-7 88) * Correia, Praça Mouzinho de Albuquerque 77 (Tel. 6-3869) * Cosme, R. Costa Cabral, 584 (Tel. 4-5111) * Ferreira, Pr. Afonso V, 55 B (Tel. 68-975) * Ferreira de Carvalho, Rua do Bonjardim 354 (Tel. 2-7640) * Gomes Ferreira, Rua Fora de Guimarães, 449 (Tel. 4 907) * Henriques, Pr. da Batalha, 64-64-A (Telef. 2-5173) * Luso Francesa, Rua Só da Bandeira 40 (Tel. 2-6 34) * Morena, L. S. Domingos, 44 (Tel. 2-3545) * Porto, Pr. da República, 22 (Tel. 2-0294) * Prelada, Rua C. de Francos, 3 6 (T. 6-4312) * S. Diniz, Rua de S. Diniz 478 (Tel. 4-228) * Campos, P. L. Cabral, 943 — Foz (Tel. 68-013)

COIMBRA

S. Sebastião — Rua António Jardim (tel. 28802) * Silcar — Rua Ferreira Borges (tel. 22923) * Universal — Praça 8 de Maio (telef. 23744) * Adriano — Praça da República (tel. 23609)

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Telegr. Tel. DIBOA Telex 1363
Lisboa — Portugal

O prémio «Alves Redol» para Rebordão Navarro

• «Um infinito silêncio» — título do romance premiado

«Um infinito silêncio», de Antonio Rebordão Navarro, foi o romance vencedor do rPémio Alves Redol, instituido pela editora Publicações Europa-América em homenagem ao grande escritor, falecido em fins do ano passado. Houve 14 obras concorrentes, tendo o júri destacado o seu nivel, e recomendado algumas (não identificadas) para publicação.

O nome do vencedor do galardão foi divulgado no decorrer de uma sessão com a Imprensa, que se realizou, esta manhã, na sede em Lisboa daquela casa. Presidiu o editor Lyon de Castro, tendo a seu lado mais três elementos do jur.. o prof. Jacinto do Prado Coelho e os drs. José Palla e Carmo e David Mourão-Ferreira. Compunham ainda o juri, cuja constituição levantou muita polémica em alguns meios literários, os críticos Oscar Lopes, Eduardo Lourenço e Eduardo Prado Coelho.

O editor Lyon de Castro começou por historiar a criação do prémio e seus objectivos, salientando a importância que tem no actual panorama literário português e pondo em destaque a sua alegria — e do juri — pela quantidade e qualidade das obras concorrentes. Falou da constituição do juri e de outros aspectos relacionados com este prémio destinado a romances inéditos de tema nacional, em que se deviam tomar em conta os valores humanos de obras a premiar. Realçou, ainda, que ninguém sabia nem tinha tentado saber quem era o premiado, e que também não se revelaria quais as obras recomendadas para publicação.

Em seguida o prof. Jacinto do Prado Coelho abriu o envelope em que se encontrava lacrado o nome do vencedor do prémio (atribuído por maioria), no valor de 35 contos. O romance será publicado no mais breve prazo possível, primeiro em Portugal e depois noutros países.

António Rebordão Navarro é mais conhecido como poeta de que como prosador: publicou sete livros de poemas, esteve ligado (com Luís Veiga Leitão, Egito Gonçalves, etc.) ás «Notícias do Bloqueio», foi director da «Bandarra». Licenciado em Direito, em Coimbra, exerce actualmente a advocacia.

Porém, o seu ultimo livro de versos («Aqui e agora 3») é de há oito anos. Outros aguardam editor. Em 1964, foi publicado o seu primeiro e unico livro de prosa: «Romagem a Creta», tambem premiado num concurso em Espanha.

Ainda nervoso e emocionado no seu escritório do Porto, Rebordão Navarro disse-nos:

— *Em grande parte o meu livro é experiência do meu tempo de delegado de procurador da República numa pequena terra de Trás-os-Montes.*

E' um romance que aparece como escrito por um aluno que vai ai para um colégio. Durante uma noite ele rememora o que viveu naquta terra bem portuguesa, e reflectindo uma realidade perfeitamente nacional...

De vez em quando

O projecto de decreto-lei relativo á duração do trabalho, agora enviado á Camara Corporativa, encerra matéria cuja importancia é desnecessário encarecer. Basta que se atente no desejo, expresso no texto, de acertar o relógio — neste caso o relógio de ponto — pela hora que a Organização Internacional do Trabalho recomendou em 1962: «redução progressiva da duração normal do trabalho, de modo a fixar essa redução em quarenta horas por semana, sem diminuição do salário». Oito anos depois da O. I. T. também nós consideramos que «a exigência de reduzir a duração do trabalho tem sido uma das preocupações sociais mais salientes dos ultimos tempos.» E a todo o tempo é tempo. Mas é preciso não o esbanjar em ninharias que alguns empolam e transformam em cavalos de batalha — mesmo quando se sabe de antemão que a batalha deles está perdida.

V. D.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava geralmente limpo e o vento era moderado dos quadrantes de Leste

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Anadia e Fonte Boa, 29°; mínima: Régua, 7°,2

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS DE HOJE — Coimbra, 7° Faro 21°; Funchal, Lisboa e Porto 18°; Portalegre 20°

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL, AS 9 HORAS DE HOJE — Na atmosfera, 6°; na água do mar: 7°,2

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Céu pouco nublado ou limpo; vento fraco ou moderado dos quadrantes de Leste; condições favoráveis á ocorrência de neblina matinal, nos locais abrigados.

Amanhã
Nascer ás 7 e 46
Ocaso ás 18 e 58

Dia 22 Dia 30 Dia 6 Dia 13

MARÉS:

PREIA-MAR: **Hoje** — 4 e 13 (4,3 m); 16 e 31 (4,5 m). **Dia 16** — 4 e 52 (4,4 m); 17 e 4 (4,4 m) **Dia 17** — 5 e 34 (4,3 m); 18 (4,2 m).

BAIXA-MAR: **Hoje** — 10 (0,7 m); 22 e 24 (0,7 m) **Dia 16** — 10 e 40 (0,7 m); 23 (0,8 m). **Dia 17** — 11 e 20 (0,8 m); 23 e 26 (1,0 m)

O NOBEL DE MEDICINA

ESTOCOLMO, 15 — (R.) — O Prémio Nobel de Medicina foi atribuído este ano a «sir» Bernard Katz, da Grã Bretanha, ao sueco Ulf von Euler e ao cientista americano Julius Axelrod.

Confraternização dos licenciados em Ciências Económicas e Financeiras

Organizado pelo Sindicato Nacional dos Comercialistas, realiza-se em 31 de Outubro do corrente ano num restaurante de Lisboa um jantar de confraternização dos licenciados em ciências económicas e financeiras, sejam ou não sócios daquele Sindicato, e durante o qual serão debatidos problemas da classe.

As inscrições podem ser efectuadas na Secretaria do Sindicato (Telefone 57830, a partir das 21 horas) ou por intermédio de qualquer membro da Direcção.

Entrega de prémios do concurso «O Mundo é seu pela Varig»

Como oportunamente noticiámos, a iniciativa «O Mundo é seu pela Varig» justificou a participação de grande número de concorrentes, e o júri teve dificuldade em classificar os trabalhos apresentados nas modalidades artistica e literária.

São exactamente os prémios que distinguiram esses trabalhos que vão ser agora entregues na sede da Agência de Publicidade Luis Lagrifa, Lda., a partir de amanhã, ás 18 horas, na Rua Palmira, 5, r/c., dt.º. Três viagens, duas a Copenhaga e uma a Paris, com estadia paga e sendo o premiado acompanhado pelos pais, além de bicicletas, gira-discos e outros prémios, são, enfim, entregues àqueles que viram os seus trabalhos galardoados pelo júri.

CONVIDADOS DA TAP NAS FESTAS DAS VINDIMAS

A convite do presidente do Conselho de Administração da TAP, deslocaram-se ao Douro os representantes das companhias de aviação estrangeiras em Portugal, para assistirem ás Festas das Vindimas. Durante a sua estadia no norte do País estiveram presentes na inauguração das novas instalações dos escritórios da TAP no Porto.

Indústria de cerâmica e vidros

Na sede do Sindicato dos Profissionais de Escritório, efectuou-se, com elevado numero de presenças, uma reunião do sector Ceramica (secção de Actividade Industria de Ceramica e Vidros), em que foi dado conhecimento das conclusões da negociação do contrato colectivo de trabalho, cuja homologação se prevê para breve.

A CRISE NA ARGENTINA

(Continuação da 1.ª página)

sidente Levingstone, o homem que ele próprio ajudou a colocar na chefia do Estado em Junho deste ano em substituição do presidente Ongania.

O encontro entre os dois homens deu origem a novos rumores de que Levingstone poderá estar prestes a abandonar o Poder.

Esses rumores começaram que ele na semana passada declarou que não haveria eleições antes de quatro a cinco anos. Os observadores recordaram então que o afastamento de Ongania tinha sido provocado precisamente pela sua relutância em realizar eleições.

A demissão do ministro da Economia tinha sido precedida pela do ministro do Interior, Eduardo McLoughlin.

McLoughlin entrara em desacordo com o seu subsecretário de Estado, Enrique Novaro, o qual também apresentou ontem a demissão ao presidente.

só a Iberia voa de Lisboa a Sevilha 4 vezes por semana (não é romântico?)

PARTIDAS ÀS TERÇAS QUARTAS QUINTAS E SÁBADOS ÀS 20H15

IBERIA
LINHAS AÉREAS INTERNACIONAIS DE ESPANHA
onde só o avião recebe mais atenções que você

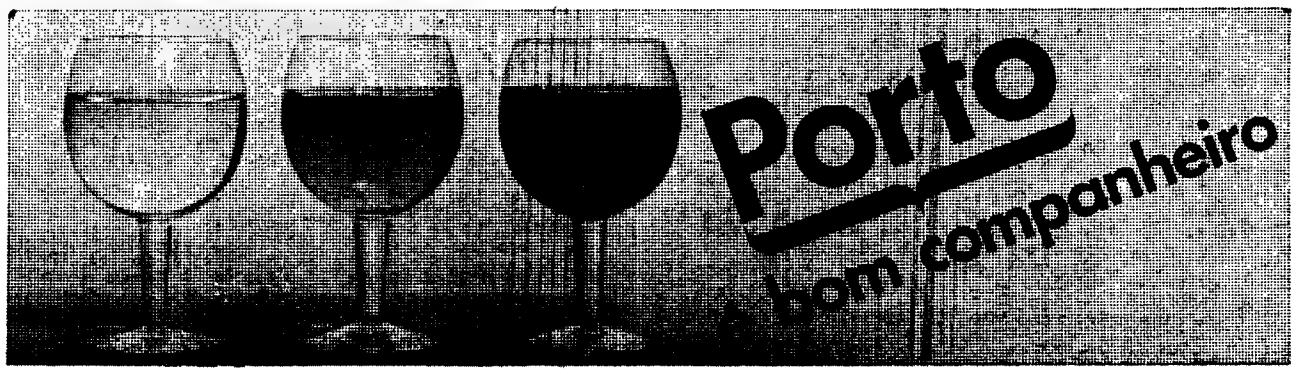
Preços: classe turística
Ida — Esc. 548·40

Consulte o seu Agente de Viagens ou a IBERIA Rua Rosa Araújo (Esq. com a Av. da Liberdade)

Voe pelo mundo com Iberia
o romantismo de Espanha em cada avião

«CRUZEIRO DE S. SILVESTRE»
FIM DO ANO NA MADEIRA
de 28 de Dezembro a 2 de Janeiro (6 dias) a bordo do moderno navio «Funchal»
PREÇO DESDE 2.600$00
PAGAMENTOS EM 12 MESES
RESERVE JÁ O SEU LUGAR VISTO PREVER-SE QUE A LOTAÇÃO DO NAVIO FIQUE ESGOTADA BREVEMENTE
Europeia
A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
231, Av. da Liberdade, 235 — LISBOA-2 — Tel. 53 61 21

Guilda da Música - Sassetti & Ca. Lda.
— DISCOTECA ESPECIALIZADA —
Editores de musica desde 1848
Av. Visconde Valmor, 20-B (junto á Avenida da Republica)



SOLJENITSINE
AS «GRANDES MANOBRAS»
NOBEL/URSS

SUPLEMENTO LITERÁRIO

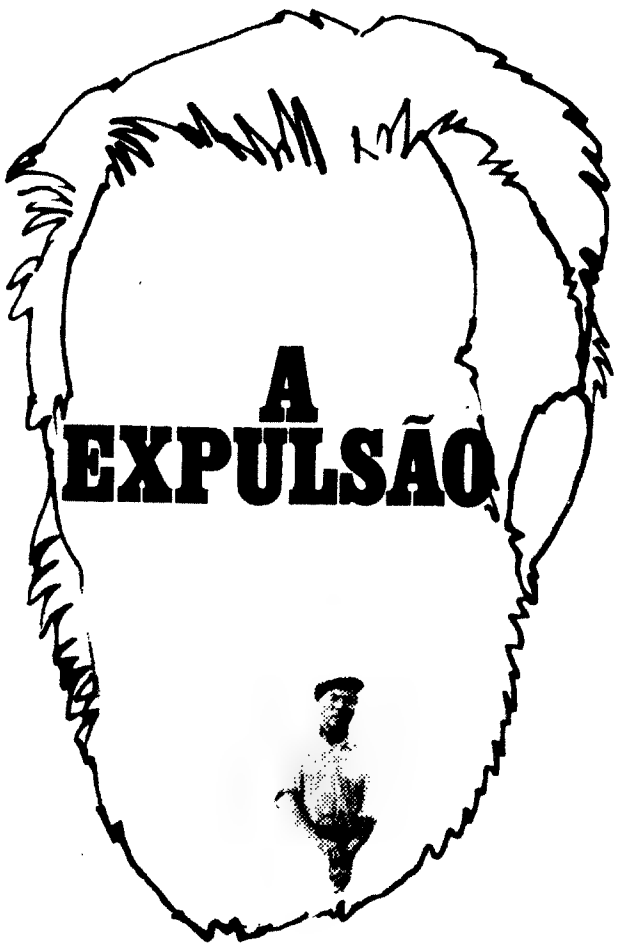
JÁ EM AGOSTO, o nosso «Prontuário das Letras» dava o lamiré: a «Association Arts et Progrés» (entidade que estabelece contactos entre os intelectuais franceses e os seus confrades dos países de Leste) propunha Alexandre Soljenitsine para o Nobel-70. Assinavam a proposta, entre outros, René Clair, François Mauriac, Gabriel Marcel, Jean-Pierre Faye, Armand Lanoux, Raymond Aron, Pierre-Henri Simon, etc.

Dois meses depois (não há fumo sem fogo...), a Academia Sueca atribuía o Nobel a Soljenitsine. Escolha política? Tudo leva a crer que sim, mesmo descontando os (óbvios) comentários da imprensa comunista. Só que para o caso, Soljenitsine-ele-próprio não foi tido nem havido.

O autor de «O Primeiro Círculo» nasceu em Kislovodsk (Cáucaso) em 11 de Dezembro de 1918. Após uma infância atribulada (o pai, oficial de artilharia durante a guerra de 14-18, morrera seis meses antes de Alexandre nascer, vítima de um acidente), frequentou o liceu e a Universidade em Rostov, cursando Física e Matemática. A sua vida literária começou mal: os primeiros textos foram recusados pela revista de Moscovo «Znamya». Em 1940 casou-se e arranjou um lugar de professor de Matemática numa escola secundária de Rostov. Pouco depois começava para o escritor a dura experiência da guerra... e as perseguições por parte dos estalinistas: condenado a oito anos de prisão por criticar José Estaline, veio a relatar essa fase da sua vida em dois romances, «O Primeiro Círculo» e «Um dia na vida de Ivan Denissovich».

Reabilitado em 1957 (no «degelo» da era de Kruschtchev) voltou ao seu lugar de professor e foi vitoriado pelo romance «O Pavilhão dos Cancerosos». Sol de pouca dura: em 1964 começa a campanha de silêncio, logo transformada num coro de protestos pelo seu «não alinhamento», que veio a culminar no processo de expulsão da União dos Escritores da U. R. S. S.

O Nobel agora atribuído a Soljenitsine repete, quase a papel químico, a tentativa de «recuperação», por parte do mundo Ocidental, do anterior Nobel russo, Boris Pasternak — facto aliás assinalado pelo «L'Humanité»; mas o que é de lamentar, em ambos os casos, é justamente a própria necessidade (ou manobra...) de «recuperação», só possível graças á política cultural (oficial) da U. R. S. S., que hoje, como no tempo de Estaline, permite que o coro dos funcionários da literatura cubra a voz autêntica dos criadores. Em última análise, o comportamento ético de Soljenitsine e a sua obra (já parcialmente traduzida em português) falam por si.



Na esteira de Pasternak (premiado pela Academia Sueca em 1958), Alexandre Soljenitsine viu-se agora galardoado com o Nobel. Atacado no seu país de origem, o romancis a torna-se, no Ocidente e malgré lui, um símbolo político...

5 VOTOS CONTRA 1

EM NOVEMBRO do ano passado, Alexandre Soljenitsine foi expulso do quadro de funcionários da literatura da U. R. S. S.

A decisão, anunciada oficialmente pela «Literatournaya Gazetta» foi tomada por cinco votos contra um (o do próprio Soljenitsine) pela secção de Riazan daquela organização. Para os seus julgadores, a conduta de Soljenitsine revestia-se «de um carácter anti-social radicalmente oposto aos princípios e aos objectivos formulados nos estatutos da União dos Escritores da U. R. S. S.» acrescentando a «Literatournaya Gazetta» que as obras do *ex-escritor* «foram utilizadas pela propaganda burguesa no sentido de conduzir uma campanha caluniosa contra o nosso país».

Recorda-se que foi na revista «Novy Mir» que Alexandre Soljenitsine publicou a sua primeira obra — «Um dia na vida de Ivan Denissovitch». Indiscutivelmente anti-estalinista, a novela teve a aceitação de Nikita Khrouchtchev, então no poder. Por essa altura, chegou-se mesmo a falar num Prémio Lénine da Literatura para Soljenitsine. Em 1964, porém, o escritor cai em desgraça: os editores recusam-lhe a publicação das obras, levantando-se um coro de protestos (oficiosos) quando nos países ocidentais aparecem traduzidos os romances «O Primeiro Círculo» e «Pavilhão dos Cancerosos» embora sem o consentimento do autor (ver Suplemento D. L. de 10-4-69), que chega mesmo a remeter á polícia soviética a responsabilidade do envio dos originais para o Ocidente com o fim de o comprometer em definitivo. A célebre carta (que publicámos parcialmente neste Suplemento) enviada por Soljenitsine à União dos Escritores em 16 de Maio de 1967 ditou irremediàvelmente a condenação do escritor. Protestando contra a censura —«sobrevivência da Idade Média» — Soljenitsine foi por ela vitimado: em 4 de Novembro, a secção de Riazan expulsa-o da União dos Escritores, expulsão confirmada em Moscovo dois dias depois. Do que foi a reunião de Riazan pouco se conhece, atendendo a que nenhum documento surgiu oficialmente à luz do dia. No entanto o jornal «Le Monde», através do seu correspondente particular Alain Jacob, fez publicar um resumo (não literal mas de substância) das principais intervenções, garantindo a sua fidelidade. É esse resumo que passamos a transcrever.

O PROCESSO

«O romancista Franz Taourine, representante da União dos Escritores da U. R. S. S., abre o debate informando a assistência acerca das decisões do organismo a que pertence sobre o reforço do trabalho de educação ideológica, ligado, explica ele, nomeadamente à defecção do escritor Anatole Kouznetsov: cita os casos dos escritores Kopeliev, Lydia Tchoukovskaïa, do poeta-cançonetista Boulat Okoudjava e de Soljenitsine. Como este é membro da secção de Riazan, é o seu caso que vai ser especialmente examinado. Seis dos sete membros assistem à sessão. Vários escritores locais tomam, então, a palavra. Passamos a resumir as suas intervenções.

PRIMEIRO ESCRITOR — Devemos fazer a nossa autocrítica. Fui eu que recomendei Soljenitsine. No entanto, *Um dia na vida de Ivan Denissovitch* tinha levantado as minhas suspeitas.

Depois dos relatórios de Simonov e Tvardovsky deixámos de o discutir. Esperávamos que Soljenitsine viesse a ser o ornamento da nossa secção de Riazan. Esta esperança foi traída. Não tomou parte nos nossos trabalhos, não ajudou os autores jovens, nunca assistiu às nossas reuniões: afastou-se de nós. É certo que não conhecemos as suas últimas obras: não as lemos. Mas vão contra aquilo que nós próprios escrevemos.

SEGUNDO ESCRITOR —Estou inteiramente de acordo. O orador precedente falou bem.

TERCEIRO ESCRITOR —Se não for para ajudar os jovens de que serve pertencer à União dos Escritores? O relato de *Um dia na vida de Ivan Denissovitch* está escrito com cores sombrias. E *A Casa de Matriona?* Onde é que se viu uma mulher solitária que não recebe ajuda de ninguém? Onde é que se publicam essas obras? De que se trata? Não sabemos de nada.

QUARTO ESCRITOR — Hesito. Há um movimento de oscilação. Vai-se de um extremo a outro. Já de uma vez se afundou assim Essenine, que depois foi erguido às nuvens. Lembrem-se também, de 1946 (a época do jdanovismo) É um caso difícil de desenlear: hoje exclui-se Soljenitsine — e depois vão reintegrá-lo. Não quero participar numa coisa dessas.

QUINTO ESCRITOR — Se a minha obra fosse utilizada como arma pelo estrangeiro, como procederia eu? Iria pedir conselho à organização dos escritores. Ora Soljenitsine isolou-se.

CORES SOMBRIAS

O DIRECTOR DAS EDIÇÕES LOCAIS —Soljenitsine escurece tudo. Tem o interior sombrio *(sic)*.

Alexandre Soljenitsine toma, então, a palavra:

— A propósito do auxílio aos jovens: nunca submeteram quaisquer manuscritos à minha apreciação. Esta reunião não está a ser estenografada: tiram-se apenas umas notas aqui e ali.

Quero confortar a consciência do primeiro orador: não me recomendou. Limitou-se a dar-me um questionário para preencher.

Pus sempre a secção de Riazan ao corrente das minhas cartas: à União dos Escritores, ao Congresso dos Escritores, em Maio de 1967, etc. Propus-lhe, mesmo, a discussão do *Pavilhão dos Cancerosos*. Recusou-se. Propus leituras públicas: não as autorizou. A minha ausência ás reuniões? Vivo numa da-

Cont. na pág. 6

POESIA & NÃO

NUNO GUIMARÃES
Corpo Agrário
Colecção Linguagem

UMA NOVA colecção de poesia — mais uma. Os jovens (porque de jovens quase sempre se trata) não desistem de, idealisticamente, tentar intervir no espaço de uma cultura que a eles se mantém pouco permeável. Frágil forma de intervenção — poderemos dizer — aceitando logo todas as regras do jogo.

No entanto, é nestas pequenas e despretenciosas (?) colecções de poesia, nestas ineficazes e inábeis edições de autor, que as grandes surpresas às vezes acontecem. É o caso deste livro de Nuno Guimarães, que nos apresenta já uma poesia de sensível qualidade, resultado de um específico trabalho sobre a linguagem. Transcrevamos um dos seus textos. Vale a pena.

arte que se desdobra sobre a mesa
ao longo da toalha, rigorosa
nas formas da madeira. no esforço
do linho semeado sobre a mesa.

arte também do trigo que repousa
enérgico no pão sobre a toalha.
negado à boca fria. e ao palato
sem poder de motor e já sem água

dobadoira que lavras a secura
do corpo de erosão. que sem palavras
emigra a sua morte sobre a cama.

dobadoira do pão e da pobreza
articulada à boca como um fruto
aberto e apodrecido sobre a mesa.

O TEMPO E O MODO
N.º 82 - Setembro de 1970

SAIU mais um número de *O Tempo e o Modo*, a revista que se propunha «armar» teòricamente uma certa «esquerda» portuguesa.

Ao fim de dez números da nova série, talvez fosse conveniente fazer o ponto da sua actividade, verificar de que modo a sua acção responde ou não ao projecto inicial, reconhecer-lhe os erros e sobretudo os mais sensíveis desvios. Não é no entanto aqui o local adequado a um tal trabalho. Frisemos apenas a sua necessidade, de que certamente os próprios redactores têm consciência nítida.

No n.º 79 (Maio de 70) publicou a revista um texto conjunto de Manuel Gusmão, Nuno Júdice e Fern'ando Guerreiro *(«Para um trabalho crítico»)* em que se tentavam definir e relacionar os modos de efectivação desse trabalho. Supomos este texto de uma fundamental importância. A consideração da arte como trabalho, a necessidade de esclarecimento e definição concreta do modo de produção do objecto literário e das «ligações plurívocas que o trabalho em acto estabelece com o espaço complexo em que nasce», parecem-nos na verdade das questões primaciais a abordar numa revisão crítica do espaço literário desta pátria.

Tal programa de trabalho (porque de um programa a revista dizia tratar-se) não só não tem sido encarado pelos colaboradores da sua secção de artes e letras como — o que é mais grave — tem sofrido nas suas páginas algumas lastimáveis caricaturas.

Uma releitura de alguns dos últimos números permite-nos recolher os mais sensíveis desvios: poemas e textos de Rui Dinis, poemas e textos de Nuno Júdice, textos de Fernando Guerreiro.

Neste último número, por exemplo, de sete textos de autores nacionais, quatro estão assinados por um mesmo nome: Fernando Guerreiro. Além disto, a revista apenas apresenta extractos da polémica entre Charles Bettelheim e Paul Sweezy sobre Socialismo e Capitalismo.

Um desses textos de Fernando Guerreiro *(«Sobre uma prática escritural materialista»)* pretende afirmar-se como introdução a uma leitura de poemas de Isabel Vale, que se lhe seguem. O texto é um exemplo típico das mais sensíveis contradições da revista.

Uma desenvoltura que esconde um obscurantismo e portanto um frágil esclarecimento das questões. A imprópria utilização de uma linguagem,

de *conceitos teóricos* de sentido muito preciso (a terminologia é de Althusser) sem que prèviamente sejam definidas as suas determinações e relacionações. Falar de *materialismo* a propósito dos textos de Isabel Vale é, além de sintomático, a grande confusão.

Parece-nos pois que a revista (neste caso a sua secção de artes e letras) ao pretender encetar um trabalho teórico que consideramos de fundamental importância e incondicionalmente apoiamos, deve usar de um maior rigor, repensando cuidadosamente os textos que apresenta.

TORQUATO DA LUZ
Voz Suspensa
Edição do autor — 1970

UMA POESIA de «conteúdo revolucionário», como é já usual dizer-se. Não uma poesia revolucionária que é aquela que verdadeiramente corrompe; uma poesia que pusesse em causa os significados fixos da linguagem que utiliza. Esta é uma poesia de aceitação, inábil, que se diverte na contemplação dos seus próprios referentes. É evidente a facilidade das metáforas em que a comparação não aspira à autonomia mas se basta nos significados de que as próprias palavras já vêm carregadas. A mesma facilidade se constata na rima.

O poema que ao livro dá o título e que transcrevemos anotado, é um exemplo bem claro de tudo o mais que não necessita ser dito.

N. M.

Porque tinha nos olhos primaveras
e louros nos cabelos o levaram
e já preso na cela dos suplícios
o mataram

E porque sobre a boca tinha rosas
abriram-lhe a cabeça e procuraram
o segredo que tinha no seu rosto
mas não o encontraram

E por ter sobre os dedos uma estrela
amarraram-no morto à sepultura
mas como a voz tem asas ainda hoje
eles andam à procura

Força épica

PARA UMA EPOPEIA dos homens do arado que lavram a terra «à romana» (entre outras coisas) escreveu Azinhal Abelho o poema «Épica do arado» que foi publicado no n.º 30 (Ano III) do jornal «Concelho de Belmonte», referente aos meses de Agosto-Setembro do ano corrente. Subjugados por tal força épica, transcrevemos:

Ó! que vida tão tirana,
A do homem do arado!
Em vida nunca tem fama,
E em morto não é lembra-
[do.

Dá de comer à Nação;
Desbrava a charneca bruta
Tornando-a geira florida...
Na História, que ingratidão!
A história da sua luta
É sempre desconhecida.

Nos regos que deita à terra
— A terra dos seus maiores
Se a sêca emperra o arado,
Fá-la regar com suores.

— Quem tens por antepassa-
[dos?
Sou criatura latina
E lavro a terra à romana...
— Virado todo para o chão,
Repara nele ó Nação!
E nesta vida tirana.

Portugal, se fores à guerra,
Não tenhas medo de nada...
O ferro dos nossos arados
Transforma-se todo em es-
[pada.

Só queremos, ó Portugal!
Se um dia de lá viermos
— Quem for à guerra e vol-
[tar...
A fama de pouco vale,

Só queremos ó Portugal!
Que nos deixes ir lavrar.
Numa epopeia serena,
De quem sofre muito e cala,
Chora connosco o arado
Num choro de quem não
[tem fala.

Arroteando devesas
Trabalhadores do arado!
Portugal, olha estes homens!
Que sempre estão a teu
[lado.

Nascem, vivem, comem
[terra,
Mandam os filhos à África
Em pregação europeia...
Ó Portugal, estas vidas,
Caladas, por ti sofridas,
Merecem ter epopeia.

TRADUTORES

Precisa editora c/ bons conhecimentos de Francês, Inglês, Italiano ou Alemão. Textos de actualidade cultural requerendo apuro literário. Resposta pormenorizada ao jornal n.º 614.

Uma carta de Sophia de Mello Breyner

De Sophia de Mello Breyner Andresen recebemos, dirigida ao Director deste Jornal, a seguinte carta:

No suplemento literário do dia 8 numa crónica intitulada «Eduardo Lourenço na Quadrante» é-me atribuída a seguinte frase: «o artista não é um produtor». Ora o que eu disse foi: «para além de todas as dificuldades da sua situação o escritor português tem a seu favor uma vantagem: não está inserido num mundo de produção literária industrialmente organizada, não precisa de estar submetido na sua obra ao mundo da sociedade de consumo, não é, se ele quiser, um produtor para a sociedade de consumo. Este foi o sentido exacto do que eu disse, embora como é natural não possa recordar textualmente cada palavra.

Mais adiante é-me atribuída esta frase que eu não disse: «nada se passa para além do nosso reconhecimento de um poema». Rectifico que as minhas palavras, que neste ponto recordo com precisão, foram: «Em frente de um poema ou de um quadro não começo por julgar, ou por analisar, começo por reconhecer». Portanto o que eu disse foi que nada se passava *antes* do reconhecimento do poema e não que nada se passava *para além* do nosso reconhecimento do poema. O que me é atribuído é exactamente contrário ao que por mim foi dito.

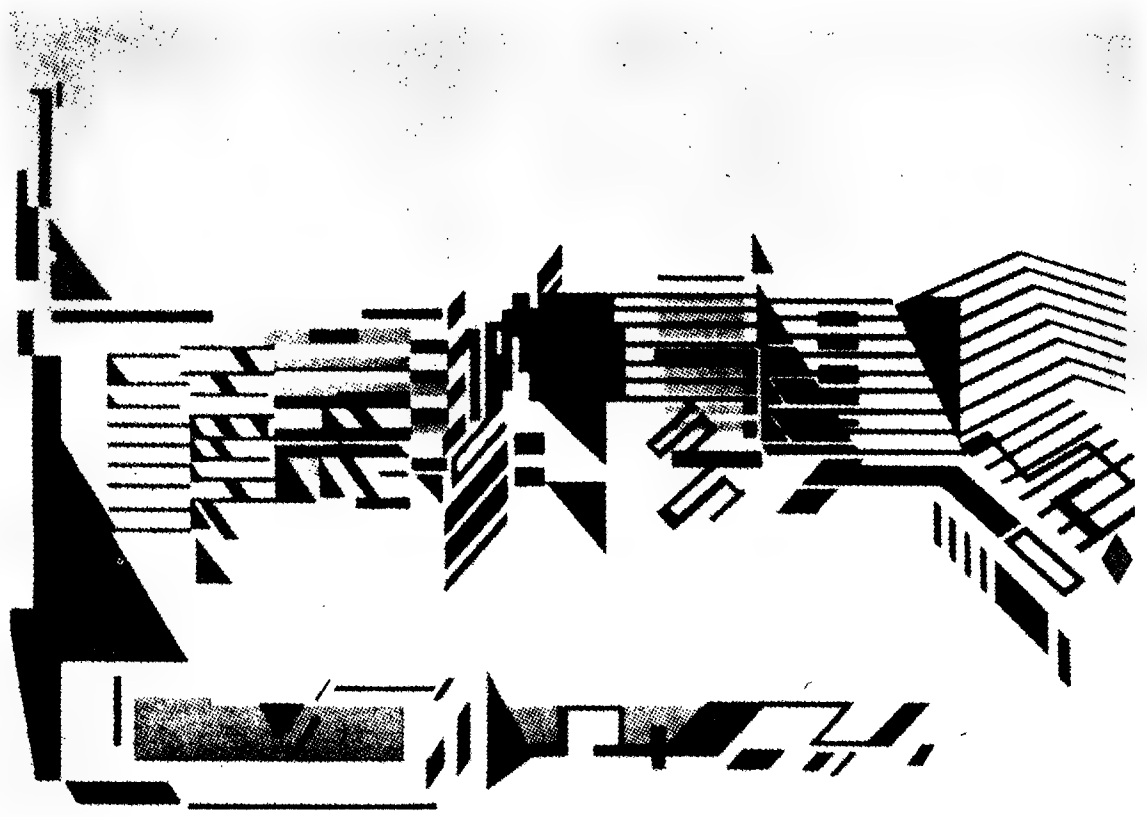
Quero crer, Sr. Director, que o facto de as minhas frases aparecerem truncadas, separadas do contexto e desvirtuadas, se deva á incompreensão e não á má intenção. Contra o meu costume resolvi rectificar, porque

Cont. na pág. 7

UMA GEOMETRIA BEM COMPORTADA

UMA DAS QUALIDADES mais salientes da obra pictória de Nadir Afonso diz respeito á coerência da sua formulação, acertando-se com a defesa de certos principios que enquadram e explicam a mecanica criadora do autor.

Reconhecemos em Nadir Afonso uma serena fidelidade a essa mecânica, como se ele pudesse circular paralelamente ás transformações actuais sem acusar qualquer espécie de perturbação. As possiveis perplexidades aí contraidas estão longe de infectar a obra rigorosa de Nadir, o seu despojamento geométrico, a organização calorosa dos seus elementos e dos seus espaços coloridos



Nadir Afonso: «Nouveaux Espaces», 1968

Por Rocha de Sousa

O NÚMERO E A APARÊNCIA URBANA

Ajustando a sua óptica a uma das raizes da construção plástica — a geometria — o pintor tem procurado edificar uma linguagem onde se acentua a organização construtivista embora num plano de ligação com o real e com a transposição de certo tipo de aparências. Essa transposição, que alcança em geral um funcionamento abstracto, apoia-se constantemente numa *armadura automática*. A própria cor é escalonada na medida desse princípio, acertando-se a uma ordem reconhecível e ás exigências da harmonia geral. Aqui se reconhece, efectivamente, o primado da «relação harmoniosa entre as formas e as cores». Essa relação, como acentuou Fernando Guedes, envolve a presença matemática.

Se ainda subsistem ligações, na obra de Nadir Afonso, entre o real e os dados da formulação plástica, essas ligações afastam-se 'de 'qualquer emotividade imediata na apreensão das aparências e no conteudo sociológico. A pintura de Nadir, partindo das suas simplificações estruturalizantes de tipo geométrico, agita-se numa euforia de contactos ao nível do agrupamento das formas e aproxima-se perigosamente (ou legitimamente?) de uma ordenação decorativa. Por dentro, no entanto, essa pintura acerta-se, ainda que de uma forma em geral remota, com a rigorosa observação das aparências, sobretudo em face da ordem do mundo urbano. Essa observação reinventa os dados alcançados segundo uma linha pontuada pelo *numero*

DA QUALIDADE VERIFICÁVEL A UMA RESERVA FINAL

O espaço urbano constitui a principal motivação da pintura de Nadir Afonso, explicitando-se numa complexa arquitectura de planos, na pluralidade de hipotéticos pontos de vista, no traçado geométrico que reinventa as formas e as move em sentidos diferentes. Toda esta arquitectura pictural, em grande medida ajustada á memória remota dos complexos urbanos, afasta-se no entanto da memória naturalista e aproxima-se fundamentalmente da abstracção. Abstracção impura, deve reconhecer-se, porque os nossos olhos são forçados a um comprometimento de leitura em que o rosto matemático da cidade aflora, pela secreta geometria das coisas e dos actos. É essa a medida que dá ao espectador a liberdade de se mover pelo quadro, conservando nesse movimento o sentido da sua própria experiência.

Em última análise, e depois de reconhecidos os aspectos fundamentais da pintura de Nadir Afonso, invariávelmente fiel ao inicial sentido da sua própria descoberta, deveremos acrescentar que essa pintura quase nada adianta ao processo das nossas urgências. Isso não acontece apenas por corresponder a uma experiência datada. Para nós, a invenção da forma, embora coerente com um determinado esquema poético, deve evoluir com os novos dados que se acrescentam quotidianamente á nossa visão. Se esta visão se transforma, porque tudo se transforma e tudo suscita a dilatação do quadro crítico, também o processo de comunicação contido na pintura é susceptível de movimentação interna, também ele se transforma. Esse processo procura, portanto, responder a novas aquisições vivenciais, cada vez mais vastas e intensas na sua simultaneidade. Nadir Afonso persiste num jogo bem comportado que se marginaliza em relação á evolução do processo visual e portanto ao próprio processo da pintura.

EXPOSIÇÕES E POSIÇÕES

COM AS RECENTES INICIATIVAS da Philips e da Mobil, integrando concursos de artes plásticas num objectivo publicitário de prestigio, renova-se entre nós o processo de intervenção dos organismos particulares na vida artistica. Para a maior parte dos artistas, trata-se de mais uma possibilidade de confronto, de diálogo, de mercado. A situação é enfrentada nas perspectivas técnicas que oferece, condicionada por júris em princípio capazes de uma leitura plural e séria, dentro de esquemas regulamentares que permitem a liberdade de expressão em termos de actualidade.

Mas as discordâncias, as reticências e as contestações já começaram. A julgar por esse tipo de comportamento, muito em breve estes salões estarão fora de combate, como aconteceu na Sociedade Nacional de Belas-Artes e (lá fora) com algumas bienais. As criticas e as exigências são por vezes detalhadas e definitivas, mas raramente apontam a um programa de substituição. Entretanto, o movimento de capital que a proposta da Mobil encerra é de facto importante e o método da sua distribuição pelos artistas talvez seja preferivel ao que se pratica, quase sempre, em relação a certos edificios públicos de grande porte. Quanto a este último aspecto, parece que os artistas (e outras pessoas razoàvelmente escrupulosas) pouco se manifestam.

É evidente que é preciso opor aos organismos promotores destas exposições a decisão daquilo que os artistas considerem fundamental à salvaguarda dos seus interesses e da sua autonomia. Exactamente por isso é que muitas pessoas têm insistido em que os artistas participem nos júris das exposições em referência e até na elaboração dos regulamentos. É fundamental que eles mantenham posição na gestão de actividades que lhes dizem particularmente respeito e às quais é preciso garantir a respectiva fundamentação ética. De contrário — e esse é um dos aspectos fundamentais da questão — será possível prever a perda das capacidades operacionais por parte dos artistas e a sua exploração na base de mercados enfim capazes de imporem condições menos aceitáveis.

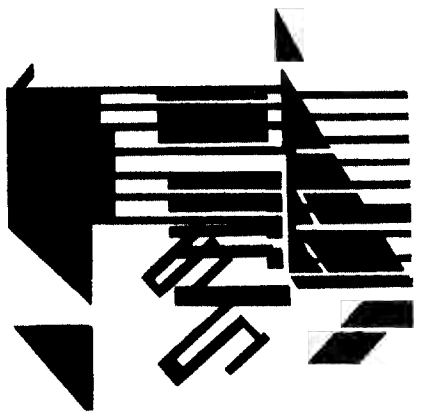
A UTILIZAÇÃO DE FIGURAS GEOMÉTRICAS

Na obra de Nadir Afonso, os elementos da gramática pictórica são invariávelmente figuras geométricas simples: o círculo, o triangulo, o quadrado. Da sua decomposição, ordenação e relacionação nasce uma liguagem muito característica, distribuida por escalonamentos composicionais sobretudo decorrentes do conjunto estrutural das medianas do plano. Quase todas as linhas obliquas, por outro lado, sugerem uma memória da perspectiva, dinamizando também o espaço plástico numa extensão puramente abstracta. Tudo isto acontece no ambito de uma pesquisa que tem o equilíbrio como um dos principais objectivos de toda a composição, a sua fundamental razão de ser, no esquema harmonioso á partida traçado. Assim se explica e justifica o rigor formal, o zelo e o preciosismo da oficina, o que confere á realidade plástica toda a sua eficácia perante o apelo visual.

AUTORES de HOJE

Nadir Afonso

NASCEU EM CHAVES, em 1920. Diplomado em arquitectura pela Escola Superior de Belas-Artes do Porto. Fez parte do «Grupo dos Artistas Independentes» e expôs no S. N. I. em 1944 e 1945, tendo sido nessa altura adquirido um trabalho seu para o Museu de Arte Contemporânea. Frequentou a Escola de Belas-Artes de Paris, como bolseiro do Governo francês, e colaborou com Le Corbusier, como arquitecto. Durante os anos de 1952, 53 e 54 trabalhou com Óscar Niemyer. De regresso a Paris, em 1954, interessou-se pela arte cinética, expondo trabalhos na galeria Denise René, sobre uma problemática que nomeou de «Especilimité». Participou também em exposições colectivas e publicou um trabalho sobre problemas de natureza estética. Expôs também em Portugal em diversos salões e desenvolveu um estudo intitulado «Os mecanismos da criação artística». Em 1956 abandonou definitivamente a arquitectura, consagrando-se por inteiro á pintura. Obteve o Prémio Sousa Cardoso e o Prémio Nacional de Pintura (1967). Participou na última Bienal de S. Paulo.



A obra de Nadir Afonso mede-se, em grande medida, pela coerência e pela fidelidade a certas normas de formulação. Remotamente ligada á memória urbana, a pintura de Nadir envolve uma transposição que se insere sobretudo na escola abstracta e que vai buscar à geometria, ao rigor, ao primado do equilíbrio, as suas características fundamentais. Nesse jogo difícil e perigoso, decidido sobretudo pela «relação harmoniosa entre as formas e as cores», esta pintura fica muitas vezes presa a propostas visuais de recorte meramente decorativo.

DO FUTURO DA E.S.B.A.

Folhetim artístico de José-Augusto França

HÁ MESES recebi um inquérito de estudantes das Belas-Artes de Lisboa inquietos com o destino da sua Escola, de tão triste passado quão triste presente. Respondi como segue, parecendo-me que aquilo que aos estudantes interessa igualmente deve interessar ao público que deseje, para seu serviço, um ensino decente e eficaz de Artes, já não «Belas» mas mais civilizadamente «Visuais».

— Frequentou a ESBA? Em caso afirmativo, porque frequentou? Que curso tirou?

Não, felizmente.

— Seria aconselhável incorporar uma alínea do 7.º ano como preparação para as Belas-Artes? Que cadeiras constituiriam essa alínea?

O problema não pode ser posto nem ao nível do 7.º ano liceal nem no plano de uma preparação específica. Mas sim inserir nos programas primário e secundário uma formação artística, dentro dum ensino de estética psicológica, apoiado numa intensa informação visual situada historicamente, em classes oportunas.

(Acrescento agora a hipótese de um ano vestibular de «Desenho Básico», inserível no último ano liceal, com carácter optativo).

— Qual a orientação que se deveria dar aos cursos da E. S. B. A.?

Quais os fins que deveria ter em vista?

Considerando obsoleta a existência de Escolas Superiores de Belas-Artes (e logo a própria designação seiscentista de Belas-Artes), tratar-se-á, em primeiro lugar, de criar um ensino específico de «design» num Instituto Superior que abranja arquitectura, urbanismo e «design» industrial, com os seus variados ramos. O fim profissional e social deste ensino é óbvio. Em segundo lugar, aparta-se o que até agora tem sido chamado «pintura» e «escultura», cursos como classificações que não se ajustam mais à realidade da criação artística contemporânea. Oficinas livres, utensilhadas tècnicamente, seriam postas à disposição de todos os artistas, sem distinção de idade nem de formação, conforme garantias de idoneidade e dentro dum regime a estabelecer. À frente deste atelier, uma comissão de gestão e técnicos permanentes pagos pelo Estado. Professores ou mestres, é claro que não: mas *consultores* que grupos de utentes, organizando-se conforme os seus interesses, chamariam e que nessa função «ad hoc» ou periódica seriam remunerados pelo Estado. Nenhum diploma, também. Para provar o quê?... Em prática aberta de atelier, os frequentadores poderiam assistir a aulas e seminários do Instituto de Design ou de Arquitectura, em regime a estabelecer — e vice-versa. Em terceiro lugar, importa considerar o caso da formação artística aos níveis primário e liceal, e da preparação de pessoal docente para o efeito. Para tal fim é necessário estruturar um curso específico com provável frequência de aulas e seminários do Instituto de Design, e outros, de formação pedagógica aplicada.

(Ao reabordar este assunto para a realização dum esquema estudado pela Association Internationale des Critiques d'Art, passei a ver tal curso como especialização ou desinência de um curso de Estudos de Arte ligado á Faculdade de Letras e ou Ciências Humanas — onde se reformasse o não menos triste e improdutivo ensino dito de História da Arte. Outra especialização seria a Museologia). ...Mas não esqueçamos que a função do «designer» (ou do arquitecto) ou do «artista» é exercida numa sociedade que só plenamente o emprega ou aceita se estiver educada para tal: assim toda a instrucão tem que se inserir num *contexto de educação permanente*. Nele os museus têm um papel de primeiro plano — desde que também a sua actividade dinâmica seja totalmente reestruturada. E a crítica de arte. E exposições, conferências, colóquios, seminários, publicações, bibliotecas especializadas, missões educativas na província (totalmente desprotegida!), um Instituto de pesquisa histórica e estética, etc., etc., — funções, aliás, de que a Fundação Gulbenkian poderá vir a encarregar-se metódica e sistemàticamente.

«Qual a orientação que deveria dar aos cursos da E. S. B. A.?»

QUAL o programa em geral (do ensino reformado?

Os cursos ou o esquema de atelier exigem um estudo que só pode ser realizado em conjunto por arquitectos, «designers», outros artistas, sociólogos, historiadores, críticos de arte, pedagogos — e, naturalmente com colaboração de alunos que disso sejam manifestamente capazes.

Como deverá ser o regime das aulas e o funcionamento das mesmas?

A estudar no decurso da própria organização, a partir dum esquema funcional.

Como se deveria efectuar a aquisição do conhecimento acerca do trabalho dos alunos por parte dos professores?

É preciso, evidentemente, que o aluno garanta capacidade intelectual e técnica, e aquisição de conhecimentos. Como? Controle, testes, exames, entrevistas — são conceitos de moda que muitas vezes envolvem acomodações. O essencial é eficiência e boa fé — de parte a parte, no contrato que a todo o momento é jogado entre quem aprende e quem ensina.

EM resumo: há que fazer «explodir» a ESBA, em três instituições estruturadas de modo a garantir o que ela não pode garantir — um ensino actual e actuante, socioculturalmente.

MAIS DO QUE O

Por José Vaz

ESCREVERAM-SE muitas páginas sobre Godard, cineasta. Poder-se-iam escrever outras tantas sobre Godard, crítico. Falta escrever sobre o crítico Godard que se transformou no cineasta Godard — ou vice-versa.

«A BOUT DE SOUFFLE»
(«O Acossado»)
Realização de Jean-Luc Godard
História de François Truffaut
Intérpretes: Jean-Paul Belmondo e Jean Seberg
Estreado no Império

Chegou — só agora — *A bout de souffle* («O Acossado). Chegou — só agora — a maneira como Godard passou da esferográfica (críticas nos *Cahiers du Cinema*, nas *Arts*) para a câmara. Quando escrevemos passou queremos dizer que a actividade exegética de Godard era já uma antecipação da *mise-en-scène* e que certas considerações sobre os enquadramentos de Nicholas Ray, sobre a essência teatral da obra de Elia Kazan, sobre a importância histórica de Orson Welles anunciam já que Jean-Luc Godard vai entrar no cinema francês pedindo licença apenas a si próprio.

Para ele, presenciar cinema é sobretudo não ficar indiferente. Quer a gritar elogios, quer a rugir ódios Godard participa na crítica como se tratasse sempre de um caso pessoal e nunca de uma encomenda. Mas ele reencontra a ideia do plano-sequência baseado na importância de uma ideia, de um olhar, de uma situação como definidores do plano e não um puro critério de moviola. Ele desmantela o mito da montagem pela montagem. Aqui, Godard crítico, já está a fazer cinema. Nisso ele difere dos críticos americanos, cujo esplêndido profissionalismo os condena irremediàvelmente a serem apenas críticos.

Nos seus escritos, Godard tomou posição de franco-atirador mas o resultado são algumas páginas de antologia. A sua cultura tem sempre uma palavra a dizer. E a propósito. As suas atitudes polémicas repetem-se, os seus argumentos reproduzem-se. Os seus inimigos são sempre os mesmos. Bom sinal. Godard escreveu — infelizmente — pouco. Mas aquilo que escreveu aparece revestido de uma tremenda unidade em que os grandes temas surgem ciclicamente.

Assim, Godard evitou todas as escadas de serviço, todos os corredores humilhantes, todas as entradas de segunda ordem. Quando foi preciso chegar ao cinema, Godard entrou pela porta da frente, sem meter dinheiro na mão dos continuos.

MANIFESTO DA SÉRIE B

Para já, *A bout de souffle* é passado em Paris. Os cineastas franceses gostam de chegar a Paris. Razão: é cómodo lá ficar. Ponham as câmaras na cidade-luz, planos nos bulevares, *plongées* nas caves ex-existencialistas e metade do filme fica feita porque Paris vende sempre. Pois, primeira diferença: Michel Poiccard, ao contrário dos Verneuils e Decoins que querem chegar, quer raspar-se de Paris: E Paris é vista pelos olhos de um homem que deseja abandoná-la. 1.º resultado: é outra Paris. 2.º resultado: é mais verdadeira. Recusa de cinema feito com um bocadinho de bairro popular, um bocadinho de *bistrot*, um bocadinho de Sena, um bocadinho de Prévert, um bocadinho de alcova, um bocadinho de realismo poético. Ou tudo ou nada. O cinema é grande demais para ser feito — como o pato com laranja — com receitas. O cinema ultrapassa a própria realidade. O cinema ultrapassa mesmo a própria realidade-cinema. O cinema, escreverá Godard comentando *Hot Blood* (Sangue Cigano), de Nicholas Ray, é maior do que o próprio cinema.

Ilustração perfeita: *A bout de souffle* maior do que *A bout de souffle*. Godard quis reabilitar um certo cinema americano talvez um pouco B mas cheio de qualidades viscerais. Quis romper com as películas de *midinettes*, do folclore parisiense, do «patrão» filósofo e melancólico a limpar os copos de conhaque. Dedicou o filme à Monogram Pictures. Pois *A bout de souffle*, como afirmou Penelope Houston, teve o efeito de uma granada de mão lançada sobre o alvo à distância de dois metros. A face do cinema francês mudou para sempre, a história da «qualidade» foi por água abaixo e importantes massas de espectadores aclamaram a chegada dos novos turcos.

Mais do que as estreias de Chabrol e de Truffaut, *A bout de souffle* foi considerado o filme-manifesto, improvisado, com som pós-síncrono, com má/boa fotografia, com um orçamento irrisório, com secundários sinistros mesmo quando personificavam gente de bem, com alguns automóveis emprestados, a primeira longa-metragem de Godard provou que, mesmo com dinheiro e meios de filme B, era possível fazer não um golpe de Estado mas uma Revolução

Godard: «Olhar em volta é viver livre»

O SONHO REAL

Esse cinema americano — melhor, a vitalidade directa do cinema americano — de que até Hollywood

MAIOR CINEMA

Vaz Pereira

se esquecera voltava à tona de água, inundava o «écran», com Jean Seberg vendendo o *New York Herald Tribune* nos Campos Elíseos e J. P. Belmondo telefonando frenèticamente a um homem que lhe devia «massas». Personagens apanhadas em liberdade, olhando em liberdade, movendo-se em liberdade, era qualquer coisa de novo e as «regras» que cineastas medíocres tinham inventado para a sua própria defesa eram pulverizadas. A situação psicológica e não o colete-de-forças da planificação ditavam leis. Todos os *raccords* podiam estar errados menos um: o do olhar. Esse representava a força interior, numa palavra, a liberdade do próprio filme. Ele unia os planos não por uma pura justaposição técnica e mecânica mas por um largo movimento de alma. Os heróis, os personagens faziam o filme com os seus sentimentos, com a sua vida. O resultado é directo: há tão pouco tempo para viver! Como há-de haver muito tempo para o cinema? O filme de Godard, no seu dinamismo acutilante, faz lembrar certos «trailers» muito bem preparados em que as legendas do nome real do actor vêm inscrever-se sobre a imagem da personagem que ele encarna num momento altamente significativo. A realidade (o personagem autêntico que existe, que tem um bilhete de identidade, uma vivenda e um número de carta de condução) confunde-se com a suprema sublimação da ficção e esta osmose fulgurante atinge em cheio o

espectador e predispõe-o ao sonho real que é o cinema.

Godard responde a isso uma monumentalização nervosa da realidade: tudo parece frágil e tudo é importante. Belmondo entrando na agência de viagens, Belmondo olhando Bogey, Jean Seberg enfiando-se na cama, Jean Seberg entrevistando o escritor Parvulesco, a polícia atirando, o herói cansado não se defendendo. O olhar é rei e nunca a mastigação da sequência seguinte.

Há realmente mais coisas no cinema do que Zavattini pensava.

DEIXAR DE VER PARA OLHAR

Essa continuidade do olhar («olhar em volta é viver livremente», escreve Godard a propósito de *The Wrong Man* — O Falso Culpado) dentro da descontinuidade da acção desenvolve-se claramente nos encontros e desencontros de Michel e Patricia (J. P. Belmondo e Jean Seberg). Pretendê-los previsíveis era matá-los não no fim mas no princípio (a nosso ver, depois da polícia alvejar mortalmente Michel há também a morte de Patricia ou, melhor, a sua condenação à vida). E não sobraça Patricia um livro — de que não vimos o nome — mas cuja cinta publicitária afirma: «Todos somos mortos em licença»?

Belmondo, de boné axadrezado, camisa, gravata, cuecas, peúgas, óculos pretos e charuto, tentando um último contacto, com o concerto para clarinete e orquestra K. 622, de Mozart, no gira-discos, sabendo já que está denunciado pela mulher que ama é bem a

imagem de uma instabilidade contemporânea que tem de assumir em total liberdade. «Viver perigosamente» — como diz o cartaz. «Até ao fim».

Tudo regressa em força. O acender das luzes, o apagar das luzes, a importância dos apartamentos reais e não as montras de decoração concebidas pelos estúdios, a sensação de que o «écran» fica livre para só olharmos em frente e em profundidade o tumulto magnífico da vida real transfigurada pelo cinema. Pois não vimos *A bout de souffle* na altura própria. E, inevitàvelmente, não o podemos relacionar com muita coisa que apareceu (ou não apareceu) depois. Esta obra de Godard, datada de 1959, surge na altura em que o cineasta parece voltar as costas a tudo o que fez e empenhar-se num cinema de acção política directa. Seria caso para dizer, Godard morto, Godard posto, e nós não conhecemos ainda o novo homem. Até porque cada filme do autor de *A bout de souffle* é uma experiência. E cada experiência é diferente. Cada experiência é liberdade.

Lamenta-se que o lançamento do filme não tivesse sido rodeado de mais cuidados. Ele continua a ser um ponto de partida e de estudo da década que agora findou, um dos emblemas mais poderosos de uma época de viragem. Foi pena que só fizesse, no cartaz, duas tristes semanas. Até porque, dez anos depois, mantém-se intacto o seu vigor.

Se o cinema não existisse, era preciso inventar Jean-Luc.

Belmondo e Jean Seberg (A Bout de Souffle): reabilitação de um certo cinema americano, talvez B, mas cheio de qualidades viscerais... Ou o cinema maior que o cinema...

prontuário das letras

Sérgio, Almada, Gomes Ferreira

António Sérgio, Almada Negreiros, José Gomes Ferreira: há novidades sobre estes três nomes.

Comecemos por Sérgio. O primeiro volume das *«Obras Completas»* será lançado em data «muito breve», segundo nos informaram da Sá da Costa (Editorial). Como se trata de uma edição crítica, e não da simples impressão de material anteriormente dado à estampa, os organizadores têm tido um trabalho bastante moroso, com a recompensa, porém, de o lançamento ir marcar data na nossa história da Cultura.

Quanto a Almada, a Editorial Estampa ultima também o primeiro volume das *«Obras Completas»*, dedicado a *«Contos e Novelas»*. Data provável de distribuição: um dia (por marcar) em Novembro. Aliás, a Estampa, como adiante pormenorizaremos, está a trabalhar em grande.

Finalmente, a Portugália confirmou-nos que lançará em Novembro o volume *«Poesia-IV»*, de José Gomes Ferreira, aguardado por igual com muito interesse.

Vinicius reeditado

De entre as próximas distribuições da D. Quixote é de sublinhar a reedição de *«O poeta apresenta o poeta»* (Vinicius de Moraes apresentado por Alexandre O'Neill), esgotado em alguns meses de livraria.

Novidades da mesma editorial: *«Anarquistas e anarquismo»*, de James Joll (colecção Universidade Moderna); *«Hollywood — glória e decadência»* (Cadernos de Cinema), *«Os hippies — quem os conhece?»* (Cadernos D. Quixote), *«Palestina e Jordânia»* (Documentos D Quixote) e *«Lá vem a Mafalda outra vez»*, continuação da famosa banda desenhada de Quino.

Mais um Boris Vian

Além do primeiro volume das obras de Almada a Estampa preparou para os meses de Novembro e Dezembro, entre outros livros, *«O arranca-corações»* (*«L'arrache-coeur»*), de Boris Vian, em tradução de Luiza Neto Jorge; *«Ensaio sobre a vaidade dos homens»*, de Matias Aires (colecção Clássicos de Bolso); *«Viagem na Lapónia»*, de Regnar (colecção Viagens e Explorações); *«Pedro e o elefante branco»*, de Leila Berg (Colecção Infantil); o primeiro volume da primeira colecção portuguesa dedicada a «cartoonistas» de cá, e que traz a assinatura inconfundível de Batarda Fernandes; uma outra colecção nova, Museu de Bolso, que abrirá com *«D'Assumpção»* (apresentado por Fernando Pernes) e *«Arte Moderna em Portugal»* (idem por José-Augusto

Boris Vian, de novo em português

França); e as reedições, melhoradas no aspecto exterior, de *«A Madrágora»*, de Maquiavel, e da célebre *«Arte de furtar»*.

Onde se fala de Paz (Octávio)

O dr. Salvador Azuela, director de uma editorial famosa, Fondo de Cultura Económica (México), esteve agora de passagem em Espanha, onde produziu algumas afirmações curiosas. Por exemplo: o F. C. E. é subsidiado (30 a 35 mil contos) pelo Governo mexicano, que, no entanto, «não exerce sobre a editorial qualquer restrição política ou ideológica»; e publicará em 1971 cerca de 70 livros.

Octávio Paz, o maior escritor vivo do México, também foi tema para o dr. Azuela. «É lógico supor que no futuro a sua obra será apreciada como merece na Europa», disse ele. De Paz saiu agora em Londres a edição bilingue de *«Piedra de Sol»*, enquanto os americanos lhe traduziram *«Claude Lévi-Strauss: una introdución»* (Cornell University Press).

APRENDA INGLÊS EM INGLATERRA

Entre 3 a 9 semanas num bom colégio inglês e alojando-se em casa de famílias inglesas. O colégio lhe fornecerá, além do curso, todas as facilidades desportivas, sociais e culturais que necessitar

DESDE 8.180$00

Incluindo passagem aérea de ida e volta, estadia em quarto individual, refeições, excursões e visitas de interesse geral, além do curso de inglês com diploma

SE JÁ SABE INGLÊS «BRUSH UP YOUR ENGLISH»

INSCRIÇÕES NA AGÊNCIA DE VIAGENS

CAPRISTANOS TURISMO, LDA.
Av. Duque de Loulé, 47 A TELEF. 560171

CONSULTE-NOS!

Em MAFRA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no Café-Cervejaria «Unidos», de Ângelo Miguel dos Santos.

F. L. BOSCHKE

OS SETE DIAS DA CRIAÇÃO

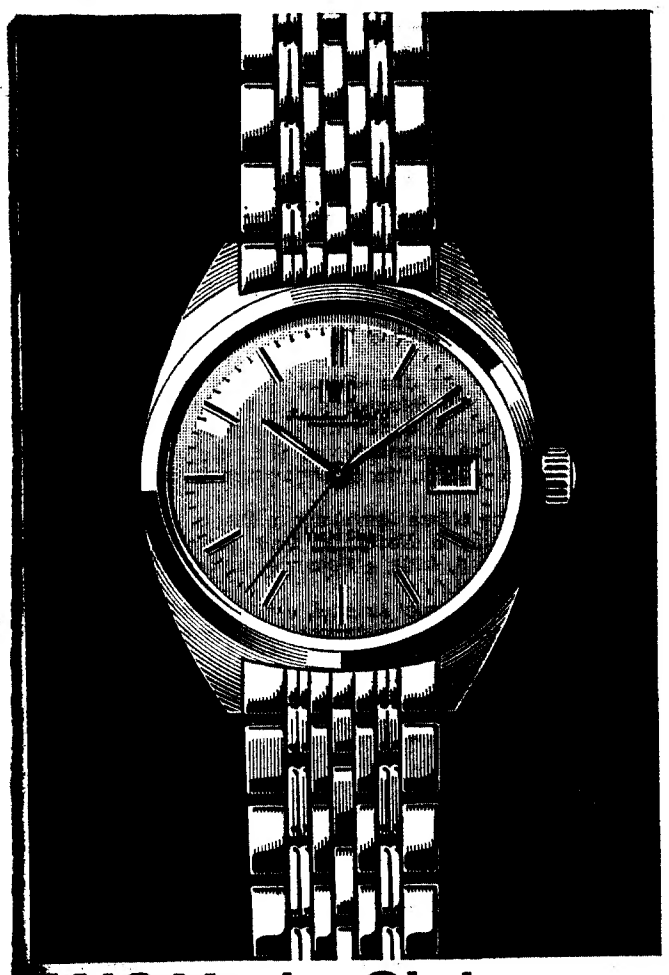
O GÉNESIS E A CIÊNCIA

ENIGMAS DE TODOS OS TEMPOS

DE UMA MANEIRA OU DE OUTRA EM SONHOS OU NUM FOGUETÃO O DESTINO DO HOMEM PARECE REALMENTE SER O DESVENDAR DE TODAS AS ESFERAS

VOLUME ILUSTRADO — PREÇO 90$00

uma edição LIVRARIA BERTRAND
APARTADO 37 AMADORA



WC Yacht Club

...m pulseira de aço automático
...a calendário.

...atch Club é muito sólido e indicado na prática ...s desportos mais duros.
... prova de choque. A máquina no interior da ...aixa encontra-se protegida elàsticamente por ...eio de amortecedores.
...mpermeável: Até uma profundidade de 100 me...tros (10 atm.). Isento de condensação.

IWC
International Watch Co.
Schaffhausen, Switzerland

A venda nas melhores ourivesarias e relojoarias do País.

diTEC

Distribuidora
de Livros Técnicos
Limitada
Tel. 77 53 95
Av. da Igreja, Lote 1278
LISBOA 5

LIVROS PARA A SUA EMPRESA

ECONOMIA-GESTÃO
MARKETING-INFORMÁTICA
MATEMÁTICA-CIBERNÉTICA
ENGENHARIA CIVIL

GRANDE STOCK DAS ÚLTIMAS NOVIDADES

INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÉS

Rua dos Bombeiros Voluntários, 29, 2.º — ALGÉS
Telefone 21 49 10

INGLES — FRANCES — ALEMÃO
PORTUGUES PARA ESTRANGEIROS

Das 10 às 12 horas e das 17 às 22 horas excepto sábado

SOLJENITSINE:

A Expulsão

Cont. da pág. 1

tcha, nos arredores de Moscovo e nem sempre me dá jeito vir aqui. Depois da publicação de *Um Dia na Vida de Ivan Denissovitch* propuseram-me que fosse para Moscovo; recusei: o barulho da capital podia perturbar o meu trabalho. Recentemente, pedi autorização para me fixar em Moscovo: Iline, secretário da secção de Moscovo, não aceitou.

A que é que eu não respondi? Ao artigo da *Literatournaya Gazetta*, que me apontava o exemplo de Kouznetsov como conduta por que devia pautar-me? (1). Era um artigo anónimo, e eu não tinha nada que responder. Punham em duvida a minha reabilitação, escreviam mentiras sobre os meus romances. Diziam que *O Primeiro Circulo* era uma virulenta calunia da nossa realidade. Mas quem a demonstrou? Não leram o romance e falam dele... Como é que a *Literatournaya Gazetta* conhece o *Festim dos Vencedores (peça escrita por Soljenitsyne quando este estava num campo de concentração)?* Como é que conseguiu obter noticias desta peça, quando o unico exemplar foi apreendido pela Policia?

AS CARTAS CONFISCADAS

Rejeito algumas das minhas obras. É delas que se fala. Há outras que eu peço que sejam publicadas: passam-nas em silêncio.

Devia eu responder ao Secretariado da União dos Escritores? Mas respondi a todas as suas perguntas! Isso não fez ele a nenhuma das minhas, nem sequer depois da carta que escrevi ao Congresso. Ocultaram-na.

Falemos do *Pavilhão dos Cancerosos*. Em Setembro de 1967, preveni o Secretariado de que o romance circulava no país e podia passar para o estrangeiro. Pedi que o publicassem ràpidamente na *Novy Mir*. O Secretariado preferiu esperar. Na Primavera de 1968, escrevia à *Literatournaya Gazetta*, ao *Monde* e à *Unita*, a fim de proibir a publicação do *Pavilhão dos Cancerosos* e de renegar todos os direitos aos editores ocidentais. Não deixaram passar a carta para o *Monde*, quando ela tinha sido recomendada. Confiei ao critico italiano Vittorio Strada a carta para a *Unita*. A alfândega confiscou-a. Consegui convencer os funcionários alfandegários a enviarem-na à *Unita* para publicação, o que a *Unita* fez em Junho. A *Literatournaya Gazetta* continuava à espera que o *Pavilhão dos Cancerosos* fosse publicado no Ocidente. Quando o livro saiu na Casa Mondadori (o editor milanês) numa horrível edição russa, então a *Literatournaya Gazetta* publicou a minha carta, acusando-me de não ter protestado com bastante energia. Se tivesse dado a conhecer a minha carta a tempo, esta diligência poderia ter sido útil. A prova é que os editores americanos recusaram-se a publicar o livro, quando tiveram conhecimento da minha recusa.

O PRESIDENTE DA SESSÃO — O seu tempo de exposição terminou.

ALEXANDRE SOLJENITSINE — Não se trata de tempo de exposição, mas de tempo de vida.

O PRESIDENTE — Quanto tempo pede?

Soljenitsine pede dez minutos. Concedem-lhe três. Continua:

— Pedi ao Ministério das Comunicações que pusesse termo ao conflito. O Secretariado não me transmitiu nenhuma das tantas mensagens de felicitações que recebeu do estrangeiro em meu nome por ocasião do meu 50.º aniversário. A minha correspondência é utilizada com cinismo. Acusam-me de escurecer a realidade, mas qual é a teoria do conhecimento que atribui mais importância ao reflexo que ao objecto reflectido? Será assim uma filosofia de fantasmas, mas nunca de materialismo dialéctico. O que se torna então importante é aquilo que dizemos fazer, e não aquilo que fazemos?

Falou-se do movimento de oscilação. As oscilações de um extremo a outro não me dizem respeito só a mim. Não conseguiremos calar indefinidamente os crimes de Estaline, ir contra a verdade. Porque são crimes cometidos sobre milhões de seres e exigem esclarecimento. Que influência moral exercerá na juventude o facto de os dissimularmos? A juventude não é estúpida, compreende as coisas.

Não renego uma linha, uma palavra, da minha carta de Maio de 1967 ao Congresso dos Escritores. Dizia eu: «Estou tranquilo: sei que cumprirei o meu dever de escritor em todas as circunstâncias, e, talvez, depois da minha morte, com mais êxito, mais autoridade, que na vida. Ninguém conseguirá barrar o caminho da verdade, e estou disposto a deixar-me morrer, para que ela siga em frente». Sim, estou disposto a morrer, e não apenas ser expulso da União dos Escritores. Votem. São a maioria, mas não se esqueçam de que a história da literatura se há-de interessar pela sessão de hoje.

Perguntam-lhe:

— Porque o publicam no estrangeiro?

SOLJENITSINE — Respondam-me primeiro: porque não me publicam no meu país?

O SECRETÁRIO REGIONAL DE PROPAGANDA DO PARTIDO — Paremos com a discussão. Você nega o papel dirigente do partido. Todos marcham a passo com ele. Você não.

O ESCRITOR FRANZ TAOURINE — O Secretariado da União vai examinar o seu caso. O essencial é você não ter ripostado ao inimigo. Ninguém quer pô-lo de joelhos. Esta reunião é uma tentativa para o ajudar a libertar-se de tudo quanto o Ocidente pôs sobre as suas costas. O escritor Fédine, no entanto, implorou por si, com a autoridade dos seus velhos anos: «Ceda, riposte ao Ocidente».

No final da reunião, a expulsão ficou decidida.

A SOMAR

Acontecimentos posteriores: a carta de Soljenitsine à União dos Escrtores (uma passagem a fixar: «Limpem o mostrador do relógio, que está atrasado em relação ao nosso tempo. Arredem os pesados reposteiros, que tanto apreciam. Nem sequer suspeitam que lá fora é dia e que já passou o tempo dos surdos, a soturna época em que não havia possibilidades de recurso e em que lhes apeteceu expulsar Akhmatova; e que também já passou o tempo da timidez quando expulsaram Pasternak, soltando gritos de raiva», o convite (recusado) para abandonar o país natal, os ataques na Imprensa de escritores como Cholokov, a defesa de intelectuais como Elsa Triolet, Vercors, Adamov, Aragon, Michel Butor, Guillevic, Jean Paul Sartre, que numa declaração do «Comité National des Ecrivains» perguntam: «Será, realmente, necessário tratar os grandes escritores soviéticos como se fossem seres nocivos?

Expulso, Soljenitsine recusou-se a ser um caso arrumado: «Ninguém conseguirá bloquear o caminho que conduz à verdade, e eu estou pronto a morrer para que tal não suceda».

(1) No dia 26 de Junho de 1968, a *Literatournaya Gazetta* citava o exemplo de Anatole Kouzuetsov, que tinha procedido judicialmente contra um tradutor francês do *Suite d'une légende. Koznetsov refugiou-se*, no Verão de 1969, em Londres.

VIAGENS
it
85 itinerários - incluindo viagem aérea, 6 noites em hotel (c/banho) e excursão da cidade

De LISBOA preços a partir de

Para BERLIM	6.230$00
BRUXELAS	4.770$00
CASABLANCA	2.495$00
LONDRES	4.020$00
ROMA	5.360$00

UTILIZE O MULTICRÉDITO PARA PAGAR AS SUAS VIAGENS

ORGANIZAÇÃO
multitur
E. PINTO BASTO
OREY ANTUNES
GARLAND, LAIDLEY
TURISMO MOCAMBIQUE
TAIT & C.ª LD.ª
E.V.A.-VIAGENS E TURISMO

AOS NOVOS

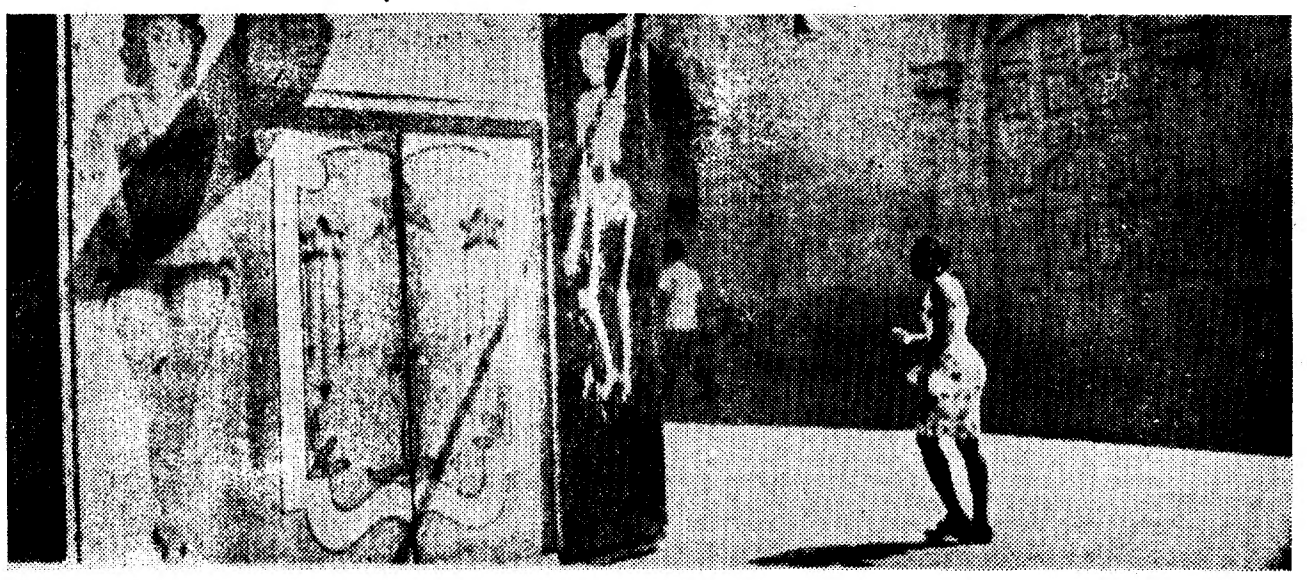
Suplemento Literário de Jornal da provincia com certa difusão, propondo-se alargar as suas perspectivas, abre aos novos as suas páginas para colaboração sobre Cinema, Teatro, Artes Plásticas, poesia e ensaistica. Resposta a este Jornal ao n.º 613.

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANÍBAL GRAVADOR
A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

Entrevista com Sarduy



Cuba barroca

Cont. da pág. 8

ta o adjectivo barroco *aplicado à sua obra?*

SARDUY: Sim, mas num outro sentido do termo *barroco*. Até aos nossos dias tem-se assentado na concepção que Eugenio d'Ors havia dado do barroco, concepção que se encontra, de uma forma inarticulada e difusa, nas entrevistas do menor romancista sul-americano de adjectivos abundantes. Para d'Ors, o barroco é um regresso à natureza — a uma natureza de preferência desordenada; Churriguera *«rememora o caos primitivo, o barroco é secretamente animado pela nostalgia do paraíso perdido»*, etc. A proliferação, a sufocação, o festim barroco seriam então o análogo da floresta amazónica. Por exemplo: *«Para definir, pintar, determinar um mundo novo, árvores desconhecidas, vegetações incríveis, rios imensos, tem de se ser sempre barroco»*, diz Carpentier.

Ora, ao contrário, eu interpreto e pratico o barroco como apoteose do artifício, como ironia e derisão da natureza: e escrita é uma prática de *«artificialização»*. Uma escrita envolve outra, comenta-a, «carnavaliza-a», torna-se o seu duplo sarapintado; a página, enxertada de diferentes texturas, de múltiplos estratos linguísticos, torna-se o espaço de um diálogo: é como um teatro em que os actores seriam os textos. E este teatro é *cultural* por excelência, *«citacional»*, *«paródico»*. Foi uma censura de ordem moral que nos fez disfarçar a *cultura* do barroco em *natureza*. Moral é também a censura que em certos países — nomeadamente, em França — rechaçou o barroco: esta rebentação, esta abundância foram consideradas como desperdício, como um atentado à *medida* — virtude francesa!... —, à austeridade, à ordem..., da mesma maneira, exactamente, que este outro jogo, este outro desperdício: o erotismo.

É assim que eu poderia explicar o trabalho que estou agora a fazer em *Cobra*. O título do romance dá a ler: 1) o nome de um *travesti* célebre; 2) o nome de um «blusão negro» — ou de um monge budista; 3) o de um grupo conhecido de pintores; 4) o anagrama de três cidades, COpenhague, BRuxelas, Amsterdam; 5) a serpente da Índia, etc. No livro, os «elementos orientais» de que me fala vêm enxertar-se em plena *superfície* ocidental e vice-versa: os dois elementos (que são aqui tomados ùnicamente como textos) dialogam e trocam as cores. Insisto na palavra *superfície*: não se trata de sobrepor a uma aventura ocidental não sei que filosofia ou religião ou «visão do mundo» oriental, mas de sobrepor e encadear aos hábitos, aos ritos e às palavras do Ocidente os hábitos, ritos e palavras do Oriente. De muitos Orientes. E se há nisso uma aventura do sentido, é ùnicamente como um resultado, como um efeito

C. FELL: *No nosso primeiro encontro, quando falávamos de Fuentes, Vargas Llosa, etc., você disse-me que admirava os livros deles mas que os considerava de uma «outra geração». A nova geração é a daqueles a que você chama romancistas da «expressão»? Considera, como Borges, que o romance está condenado a desaparecer?*

SARDUY: A geração precedente, a do *Boom* (é com este horrível fonema que baptizaram o impulso das nossas «belas letras»), aquela a que Carlos Fuentes chama a geração do *novo romance hispano-americano* rompeu com a maior parte das convenções que tornavam marginal a nossa literatura: o indigenismo — esta praga! —, o romance rural, amazónico, yoruba, a linearidade da narrativa, os personagens de psicologia monolítica, etc. Esta geração situa, pois, os seus romances num enquadramento urbano; nela, a psicologia é confusa, diga-se «profunda»; enfim, ela emprega processos modernos: muitos *flash-backs*, etc. Mas a escrita está sempre ao serviço de uma experiência diferente dela própria, ou seja: 1) ao serviço de uma realidade exterior que ela deve descrever, pintar, tornar como um *fresco* (porquê, sempre e por todo o lado esta imagem ridícula do fresco?): é o lado *saga* da literatura; 2) ou ao serviço de uma vida interior, da experiência interna, do *vivido* (que palavra!), da *vivência*, que a escrita deve então exteriorizar, ilustrar: é o lado arte-nevrose, turbilhão do ser, dificuldade de ser, etc.; 3) ou ainda ao serviço de uma solução bastarda, mistura das duas primeiras: é o lado realismo mágico... Como vê, aí a escrita nunca é soberana, está submetida sempre a outra coisa *exterior à sua própria materialidade e precedendo-a*, outra coisa que ela deve *exprimir*.

Daí, a ideologia da expressão. O livro que vier a fazer-se parece-me ser, ao contrário, aquele em que a escrita será mestra de si mesma, não alienada: livro da multiplicidade das linguagens, da paródia, do erotismo, do teatro, do disfarce e da morte. Isto de maneira alguma quer dizer que o livro não fale de nada, ou que o seu único enunciado seja a impossibilidade de escrever, ou qualquer outra das banalidades com as quais se pretende mascarar o campo da escrita; quer isto dizer que, nestes estratos, nestas misturas, a escrita tem o seu passado e a sua complexidade, o seu «exterior» e o seu «interior» — que não são nem brutos nem profundos. Como muito bem aprendemos agora que o mundo exterior e o mundo interior são linguagens: e é na medida em que são por sua vez páginas, *rotações de signos*, textos a decifrar, que eles têm acesso à galáxia do livro.

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

Uma carta de Sophia

Cont. da pág. 2

o que me é atribuído é absurdo de mais.

Penso que reportagens como esta devem ser feitas com maior esclarecimento e com mais verdade.

Muito agradeceria a V. Ex.ª a publicação desta rectificação na próxima página literária do «Diário de Lisboa».

Com os meus melhores cumprimentos,

Sophia de Mello Breyner Andresen

COMENTÁRIO

É de agradecer a Sophia de Mello Breyner o comentário ao texto que publicámos. Evidentemente que é descabido atribuir-se-lhe quaisquer más intenções. Como Sophia, também o pensamos. Esse é aliás um processo comum entre aqueles que não encontram outros argumentos para desvirtualizar os textos que os contestam. Não existem más ou boas intenções. Existem factos que se comentam com maior ou menor rigor.

E é na verdade um facto ter Sophia afirmado que o artista não é um produtor — embora não tenhamos aqui o gravador para o provar. Mas nem sequer isso interessa neste momento. A explicação que nos dá leva-nos á mesma conclusão. Porque na verdade o escritor está sempre inserido no mundo da produção e na sua obra isso se reflecte mesmo quando ele pensa que não. É uma premissa com a qual é preciso passemos a contar e sem a qual todas as outras questões aparecerão falseadas. Além disso parece-nos que o escritor português não tem a vantagem *que Sophia aponta.*

Quanto ao comentário á segunda frase será talvez mais difícil precisá-lo, passada que foi uma semana sobre o acontecimento.

Fica pois arquivada a posição de Sophia perante uma obra de arte. Os leitores passam a conhecê-la e nós também. Devemos agradecer-lhe o tê-la manifestado, se bem que a não aceitemos.

Desconfiamos metódicamente desses reconhecimentos. *É porque nós ás vezes reconhecemos á primeira vista tanta coisa má...*

N. M.

«Vértice»

ACABA DE SAIR o n.º 319/320 de Vértice, correspondente aos meses de Agosto/Setembro. António Sérgio, surge como tema destacado por intermédio dum ensaio de Egídio Namorado sobre o seu pensamento filosófico e duma exaustiva Bibliografia organizada por A. Campos Matos. Ainda na parte de **Texto** da revista, além dum conto de Mário Braga, de poemas de Cristóvão Aguiar e da continuação do estudo de António Luís Landeira sobre o Nordeste Brasileiro, pode ler-se de Ricard Salvat (recentemente entrevistado neste suplemento) — «Brecht, a tradição alemã e a moderna atitude objectivista».

A abertura do **Panorama** aponta a convergência última entre um certo desenvolvimentismo europeizante e uma certa mentalidade agrária pré-científica.

Na secção de **Cinema**, António Durão comenta os filmes mostrados na Semana do Cinema Novo Francês e Eduardo Geada escreve sobre o «Submarino Amarelo».

Na **Literatura**, Manuel Rui escreve sobre «Suão» (de Antunes da Silva). «Estátua de Sal» (de Maria Ondina) e «Já se pode brincar na relva» (de Rui de Brito); Beatriz Barbosa analisa «Provávelmente Alegria» (de José Saramago).

Raul Gomes comentando «Cultura e Sociedade de Massa» (de Étienne Gilson), Jofre Amaral Nogueira debruçando-se sobre «A Crise de Confiança, Ideias, Poder e Violência na América» (de Scholesinger Jr.) e Rui Namorado, sobre «O Manifesto Diferencialista», (de Henri Lefebvre), preenchem a secção de **Sociologia.**

No **Teatro** podemos ler a crítica de José Oliveira Barata, ao «Prometeu Agrilhoado», de Ésquilo, levado à cena pelo Teatro do Ateneu de Coimbra, assim como uma nota sobre Colecções de Teatro e noticiário.

TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES, SARL

CONCESSIONÁRIA DO ESTADO

CAPITAL — 550.000.000$00

SEDE — LISBOA

ESCRITÓRIOS — RUA DO CONDE DE REDONDO, 79

2.º AUMENTO DE CAPITAL

2.ª PRESTAÇÃO

AVISO

Avisam-se os Senhores Subscritores que tenham optado pela liquidação das acções subscritas, em duas prestações, que devem efectuar o pagamento correspondente à 2.ª prestação — 750$00 por acção — durante o período de 12/10/70 a 19/10/70 nos estabelecimentos de crédito em que efectuaram a respectiva subscrição.

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

a) ALFREDO DE QUEIROZ RIBEIRO VAZ PINTO

VANGUARDA E NOVO ROMANCE

O ÚLTIMO NÚMERO da Quinzaine Littéraire *(10 a 30 de Setembro) publica as conclusões de um colóquio realizado em Loches sob o tema «Vanguarda e novo romance». Nele participaram alguns dos poetas, romancistas e ensaistas que, durante os últimos anos, mais contribuiram, segundo a referida revista, para a evolução das formas literárias*

O tema era evidentemente ambíguo. O que é a vanguarda? Quantas velhas roupagens se não escondem sob esta designação? Quantos dos autênticos inovadores se não recusam a incluir-se nela? É difícil pois a definição rigorosa do que a ela diz respeito. E mais difícil ainda porque ninguém se apercebe em total clareza da história que se está fazendo e à medida que ela se faz.

Foi em 1956 que o Institut Collégial Européen *convidou para um colóquio Nathalie Sarraute, Robbe-Grillet, Ionesco e muitos outros. A destalinização havia-se já iniciado na Rússia — a da Igreja não era ainda previsível senão para aqueles que a acompanhavam de perto. Iria a literatura continuar a utilizar-se dos mesmos quadros tradicionais no alheamento de toda a agitação e decomposição de um mundo que, no final, é a sua referência mais precisa? Foi esta a discussão fundamental que nesse colóquio se estabeleceu. Por fim, ao termo de duas semanas de debate, a noção de* novo-romance *apareceu finalmente.*

Catorze anos mais tarde, pràticamente o mesmo grupo de escritores reunia-se de novo em Loches. Várias questões então se nos põem. Está o novo romance *ainda em actividade? Quais os efeitos mais sensíveis do seu aparecimento? De que forma ele influiu no nosso mundo e que mundo, por seu lado, se lê nele?*

Houve quem comentasse que tudo está morto, que esse novo romance, *apesar da sua aparente ruptura, não fez mais do que pactuar com o sistema em que fatalmente se inseriu. «Escrevam nas paredes» — alguém disse. Entre a literatura e o mundo, as relações pareciam pois de novo alteradas. «A imaginação» — dizia outro. E era aqui que também se manifestavam as consequências de Maio de 68.*

Os dois depoimentos que a seguir publicamos, de certo modo em oposição entre si, pouco nos dizem. Ou antes, da parte de Sarraute observa-se uma já quase incapacidade para o entendimento dos problemas.

Le Clézio, esse, manifesta ainda claramente as incertezas da viragem. Para onde, para quê e ao serviço de quem é a pergunta que sempre nos fica sem resposta.

Le Clézio: «Não me sinto com alma de soldado»

Sarraute: «Linguagem, elemento essencial do romance»

Jean Marie le Clézio

EM PRIMEIRO LUGAR eu não creio que se possa falar da existência de um novo romance: **o que aconteceu em França foi simplesmente, em dado momento, o aparecimento de obras directamente inspiradas pela nova consciência literária, no seguimento de Jarry, do surrealismo, de Joyce, de Faulkner e de muitos outros. Neste sentido, pode-se dizer que o novo romance francês (N. Sarraute, Simon) veio um pouco atrasado. Parece-me hoje que esta nova consciência (nova maneira de ver, nova maneira de conceber) nunca esteve em ruptura com as grandes correntes do pensamento ocidental moderno: ela apenas o fez evoluir: O essencial dessa evolução (é difícil falar dela ràpidamente) foi, parece-me, um percurso entre o indivíduo e o universal: quer dizer que o inquérito individualista absoluto de** «Les Gommes», **por exemplo, já hoje nos não chega. O olhar do escritor descobrindo que todo o homem é um universo está em vias de reconhecer que todo o homem é também um grupo de homens. A primeira etapa foi necessária para matar o realismo exterior, a segunda para alargar os pretendidos limites da psicologia e do indivíduo. O escritor tem então algumas** chances **de encontrar o seu lugar entre o sujeito e a acção, entre o indígena e o etnólogo. Isto quer apenas dizer que eu não tenho qualquer espécie de ideia sobre o que seja a vanguarda. Esta palavra dá-me a impressão desagradável de que os escritores (e os intelectuais) formam um exército, que eles têm batalhas a travar e guerras a ganhar. Eu não me sinto de modo algum com a alma de um soldado. Tanto pior para mim.**

Nathalie Sarraute

O NOVO ROMANCE, procurando retomar o movimento tão brilhantemente iniciado no primeiro quarto deste século, tem afirmado que o romance é uma arte como as outras e que, para viver e se desenvolver, deve constantemente ultrapassar-se, ir do conhecido ao desconhecido, do explorado ao inexplorado, á procura de uma ordem nova de sensações. Tem ele afirmado que esta ordem nova de sensações não pode ser revelada senão através de novas formas, que é necessário abandonar as velhas, outrora eficazes mas hoje tornadas inúteis — tais como a personagem, a intriga, o tempo cronológico...

O novo romance lembrou a todos os que o tinham esquecido que o romance, sendo uma arte, e igual às outras formas de arte, a sua substancia própria, a linguagem, constitui o seu elemento esencial.

Estes pontos de vista são hoje admitidos na generalidade pelos jovens romancistas.

Mas alguns dentre eles querem ir mais longe. Procuram fazer do romance uma forma pura que não reenviaria a outra coisa que a si mesma, constituindo-se o texto ùnicamente a partir da linguagem e satifazendo-se nos seus jogos.

Não me parece no entanto possível passar por cima do que é, a meu ver, a nascente de toda a obra: sensações novas, ainda intactas, que nos são fornecidas pelo mundo que nos rodeia.

Estas sensações, apenas a linguagem permite ao romancista captá-las, à custa de uma exploração difícil e perigosa, sem modelos, sem imagens tranquilizantes, sem qualquer plataforma. A linguagem dá-lhes existência e elas, por seu lado, fornecem-lhe as suas virtualidades.

A experiência mostrará se esses jogos gratuitos da escrita conseguirão criar formas vivas. Pela minha parte não o creio. Tenho a convicção de que a experiência iniciada pelo **novo romance** não poderá desenvolver-se, da mesma maneira que toda a arte, senão através do emprego contínuo de formas novas portadoras de mundos sensíveis ainda desconhecidos.

CUBA: NOVAS TENDÊNCIAS

Entrevista com Severo Sarduy

PARA O ROMANCE latino-americano, é um pouco a estação dos balanços. É certo que Miguel Angel Asturias nos deu recentemente, com Maladron, **uma obra forte; é certo que a verve de Jorge Luís Borges nunca foi tão acerba como nas** Crónicas de Bustos Domecq, **escritas em 1967 com Bioy Casares; é certo que o romance tradicional brilha ainda com toda a intensidade, como o prova o último livro do peruano José Maria Arguedas,** Tous sangs mêlés **(trad. francesa publicada pela Gallimard); nestes últimos meses Vargas Llosa, Fuentes, Cortazar lizeram aparecer romances, ensaios ou artigos sobre o romance latino-americano contemporâneo. Mas, paralelamente, vêem-se surgir novas formas romanescas marcadas pela destruição da linguagem tradicional, a paródia dos «mass media», a influência do cinema ou das expressões plásticas de vanguarda, o simbolismo borgesiano, a fascinação da criação em pleno processo operativo, a abolição de todas as fronteiras entre prosa e poesia. E novos nomes se impõem: os cubanos Gabriel Cabrera Infante e Reinaldo Arenas, os argentinos Manuel Puig, Nestor Sanchez, Tomás Eloy Martinez, os mexicanos Salvador Elizondo, Gustavo Sainz, José Augustin, etc. Um dos homens mais representativos destas novas tendências é sem dúvida o cubano Severo Sarduy, que vive em Paris há já vários anos e que publicou dois romances nas Éditions du Seuil** (Gestes, **em 1963,** Ecrit en dansant, **em 1967), bem como uma recolha de ensaios surgida o ano passado em Buenos Aires,** Escrito sobre un cuerpo.

Numa entrevista conduzida por Claude Fell para o suplemento literáro do «Le Monde», Sarduy fala das novas orientações do romance latino-americano e apresenta o seu próximo livro, Cobra.

C. FELL: *O que me surpreende nos seus livros e o que surpreendeu a crítica é a interferência, ao nivel da escritura, de numerosas influências: a prosa clássica espanhola (sobretudo em* Ecrit en dansant*), uma versão artística que vai da arte colonial americana às escolas europeias de vanguarda e aquilo a que você chama os «elementos orientais». Encontramos, aliás, algumas destas características na obra de Cabrera Infante e na de Lezama Lima. Acei-*

Cont. na pág. 7

As Hormonas e a Saúde

de A. STUART MASON

O que é que põe em marcha os mecanismos do nosso organismo e lhes regula o ritmo? O que é que faz de nós o género de pessoas que somos? Por que é que umas pessoas são joviais, descontraídas e outras uma «pilha de nervos»? É verdade que os gordos tendem a ser indolentes? Por que é que, afinal, algumas pessoas são gordas e outras magras?

Poucos compreendem a importância do sistema endócrino nestes problemas, porque ele executa a sua missão com secreta eficiência. Contudo, as glândulas endócrinas conseguem através das suas hormonas influenciar todos os órgãos e todos os aspectos da vida. Modelam-nos o corpo, protegem-nos quando estamos doentes e comandam, evidentemente, todos os aspectos do sexo. Para que serve realmente a tiroideia?

Como é que as supra-renais controlam essa substância mineral vivificante que é o sal? Como é que a hipófise domina as outras glândulas e como é que estabelece conexões com o cérebro? Ao responder a estas e outras perguntas, o dr. Stuart Mason abre ao leitor novas e fascinantes perspectivas sobre a fisiologia humana.

8.º MILHAR

Um livro Pelicano

EDITORA ULISSEIA

PREÇO 50$00

SUPLEMENTO LITERÁRIO

N.º 633 ● 15 DE OUTUBRO ● 1970